

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

O COMPORTAMENTO TRADUTÓRIO DE TRADUTORES EM CONDIÇÕES
ADVERSAS DE TRADUÇÃO E OS PAPÉIS A ELES ATRIBUÍDOS

Por

Venise Vieira Mendes

Orientadora: Profa Dra. Ângela M^a da Silva Corrêa

Rio de Janeiro, 2010

Venise Vieira Mendes

O COMPORTAMENTO TRADUTÓRIO DE TRADUTORES EM CONDIÇÕES
ADVERSAS DE TRADUÇÃO E OS PAPÉIS A ELES ATRIBUÍDOS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos quesitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Neolatinas

Orientadora: Profa Dra. Ângela M^a da Silva Corrêa

Rio de Janeiro, janeiro de 2010

UFRJ

RESUMO

MENDES, Venise Vieira. O comportamento tradutório de tradutores em condições adversas de tradução e os papéis a eles atribuídos. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Esse trabalho tem por objetivo analisar o comportamento tradutório de dois grupos de tradutores A) profissionais e b) estudantes de francês (não experientes em tradução) em relação à importância dada aos elementos extra textuais em dois momentos diferentes do trabalho tradutório. Uma vez conhecido o grau de importância a eles atribuídos, poderemos estabelecer uma relação com o contrato comunicativo presente no texto original e sua manutenção no texto traduzido. Desejamos também confirmar a hipótese de que o tradutor, além dos papéis a ele atribuídos- e já reconhecidos- desempenha também os papéis de decodificador no momento de recepção do texto de partida e de codificador, no momento de produção do texto de chegada.

Palavras-chave: Dados extra textuais, Contextualização/Descontextualização, Tradução, Papéis do tradutor

RESUMÉ

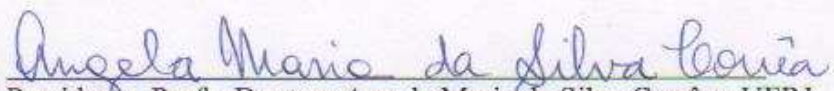
Ce travail a pour but d'analyser le comportement de deux groupes de traducteurs A) des professionnels et B) des apprenants de la langue française (non expérimentés en traduction) par rapport à l'importance accordée aux données extra textuelles dans deux moments différents du travail de traduction. Une fois connu ce degré d'importance, on pourra établir un rapport entre le contract communicatif présent dans le texte de départ et sa permanence dans le texte traduit. On souhaite aussi confirmer l'hypothèse que le traducteur, en plus des rôles déjà reconnus chez lui, joue aussi celui de décodeur, au moment de la réception du texte de départ et de codeur, au moment de la production du texte d'arrivée.


Mots-clés: Données extra textuelles, Présence/Absence du contexte, Traduction, Rôles du traducteur.


O comportamento tradutório de tradutores
em condições adversas de tradução e os papéis a eles atribuídos
Orientadora: Professora Doutora Angela Maria da Silva Corrêa

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em
Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte
dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Neolatinas.

Examinada por:


Presidente, Profa. Doutora Angela Maria da Silva Corrêa - UFRJ


Profa. Doutora Mônica Maria Rio Nobre – PPG Letras Vernáculas – UFRJ


Profa. Doutora Leticia Rebollo Couto – PPG Letras Neolatinas - UFRJ

Profa. Doutora Maria Lizete dos Santos – PPG Letras Neolatinas - UFRJ
(suplente)

Profa. Doutora Aurora Maria Soares Neiva – PPG Int. Ling. Aplicada - UFRJ
(suplente)

Trabalho apresentado por *Venise Vieira Mendes*, em janeiro de 2010.

Rio de Janeiro
Janeiro de 2010

AGRADECIMENTOS

Há muitas pessoas que me ajudaram a realizar esse sonho. Há as pessoas da base, que me estimularam, que acalentaram comigo essa idéia desde muito cedo. Há aquelas que participaram das lutas, representadas por todas as etapas da seleção, até a primeira conquista. Há aquelas que foram minhas companheiras no percurso difícil dos semestres letivos e que dividiram suas angústias e aceitaram ouvir um pouco das minhas. Há aquelas dos bastidores, que, como num jogo de equipe, me substituíram para que eu pudesse ir adiante, sem causar danos a nada ou a ninguém. Há também aquelas pessoas que, inesperadamente, surgiram com o apoio na hora exata. E nesse emaranhado de pessoas, há aquelas que estiveram presentes em todos os momentos, que sofreram com minha ausência, com meu nervosismo, muitas vezes com meu pessimismo.

Dizer muitíssimo obrigada à Rossana, à Carmen, à Érika, à Cris Weitzel, à Vânia e à Alessandra (João XXIII), à Márcia P. (UFRJ), ao Wagner e à Débora C (mestrandos UFRJ), ao Paulo Gago, à Martinha, à TB, à Mayra, à Enilce e à Walquíria (UFJF), à Cristina Villaça e à Dorinha (Aliança Francesa- JF), às minhas queridas informantes, à Anna Elisa (mestranda UFJF)... não seria suficiente para traduzir a minha real gratidão. Mas, na falta de palavras - e considerando que nada é intraduzível-, eu digo: *A vocês todos, muito obrigada, do fundo do meu coração, com toda minha admiração e respeito.*

Porém, nada se daria de fato sem a presença constante e o apoio irrestrito de minha família. Meu filho João e sua prontidão (nem sempre desinteressada!!!) para me ajudar com o Power Point e as várias leituras de meus textos; minha filhota Jasmin, que sempre me esperava com um abraço ao chegar do Rio e era minha companheira da madrugada, dormindo ao meu lado, enquanto eu digitava meus textos; meus sogros e minha cunhada Bula, que em toda a oportunidade me faziam ver que valia a pena o esforço; minha mãe, sempre preocupada com meu bem estar e pronta a digitar quantas transcrições fossem necessárias (nem tanto, né, mãe?), meu pai, super preocupado em saber se eu estava estudando o suficiente para um bom resultado. E finalmente, meu marido, Neio, que esteve presente em todos os momentos, em todas as etapas, em todos os sonhos e todos os devaneios, nem sempre de bom humor, mas sempre pronto para ajudar no que fosse preciso: motorista para as provas de seleção, rodoviária às 5 da manhã, gráficos e tabelas que não davam certo, correções de textos, formatação, e-mails, revisões, ajustes no computador, apaziguador... enfim, como sempre, meu melhor e maior amigo, daqueles que mesmo emburrado, você sabe que pode contar de olhos fechados. A todos vocês, meu mais profundo reconhecimento, meu obrigada mais amplo, meu respeito incondicional, meu amor, ainda que defeituoso, 100% verdadeiro.

Mas... antes, principalmente e acima de todos vocês, agradeço a Deus, que foi o grande responsável por essa história.

Muito obrigada. Muitíssimo obrigada.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| CAPÍTULO I- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS | 16 |
| 1 TEORIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA VISÃO BAKHTINIANA | 16 |
| 1.1 SOBRE A TRADUÇÃO | 20 |
| 1.1.1 A CONCEPÇÃO TRADICIONAL DA TRADUÇÃO | 20 |
| 1.1.2 A CONCEPÇÃO CONTESTADORA DA TRADUÇÃO..... | 21 |
| 1.1.2.1 ROSEMARY ARROJO E A TRADUÇÃO | 22 |
| 1.2 CHARAUDEAU E A LINGUAGEM..... | 26 |
| 1.2.1 CHARAUDEAU E OS SUJEITOS DA LINGUAGEM..... | 26 |
| 1.2.2 A LINGUAGEM | 27 |
| 1.2.2.1 O CONTRATO DE COMUNICAÇÃO..... | 28 |
| 1.2.2.2 AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS..... | 29 |
| 1.2.2.3 O PROJETO DE COMUNICAÇÃO..... | 31 |
| 1.2.2.4 A SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO..... | 31 |
| CAPÍTULO II- UM NOVO OLHAR SOBRE O FAZER TRADUTÓRIO..... | 33 |
| 2.1 UMA ABORDAGEM DISCURSIVA DA TRADUÇÃO | 33 |
| 2.2 “QUEM SÃO” O TRADUTOR?..... | 36 |
| 2.3 UMA NOVA REPRESENTAÇÃO COMUNICATIVA -E PROCESSUAL-DA TRADUÇÃO | 38 |
| 2.3.1 PROCESSO TRADUTÓRIO | 38 |
| 2.3.2 O NOVO ESQUEMA PROPOSTO..... | 38 |
| 2.4 LIGANDO OS PONTOS | 39 |

| | |
|---|----|
| CAPÍTULO III- METODOLOGIA | 41 |
| 3.1 COLETA DE DADOS..... | 42 |
| 3.2 OS QUESTIONÁRIOS..... | 42 |
| 3.3 OS PROTOCOLOS VERBAIS..... | 47 |
| 3.4 OS SUJEITOS INFORMANTES | 48 |
| A) GRUPO 1 - Tradutores Experientes | 49 |
| B) GRUPO 2 – Instrumental | 50 |
| C) GRUPO 3 - Tradutores não-experientes | 51 |
| 3.5 AS ETAPAS DA COLETA DE DADOS | 53 |
| 3.5.1 OBJETIVO DAS ETAPAS | 54 |
| 3.6 O CORPUS | 55 |
| 3.7 TÓPICOS DE ANÁLISE..... | 59 |
| 3.8 NOSSAS HIPÓTESES..... | 60 |
| | |
| CAPÍTULO IV- ANÁLISE DOS DADOS | 62 |
| 4.1 OS QUESTIONÁRIOS | 62 |
| QUESTIONÁRIO 1 | |
| 4.1.1 GRUPO 2 (INSTRUMENTAL) | 62 |
| 4.1.2 GRUPO 3 (TRADUTORES NÃO-EXPERIENTES) | 65 |
| QUESTIONÁRIO 2 | |
| 4.1.3 GRUPO 2 (INSTRUMENTAL) | 70 |
| 4.1.4 GRUPO 3 (TRADUTORES NÃO-EXPERIENTES) | 71 |
| QUESTIONÁRIO ESPECIAL | |
| 4.1.5 TRADUTORES EXPERIENTES (GRUPO 1- Controle)..... | 74 |
| 4.1.6 RESPONDENDO AS PERGUNTAS | 76 |
| 4.1.6.1 ANÁLISE DA PRIMEIRA QUESTÃO | 77 |

| | |
|--|------------|
| CONCLUSÃO | 86 |
| 4.1.6.2 ANÁLISE DA SEGUNDA QUESTÃO | 87 |
| CONCLUSÃO | 89 |
| 4.1.6.3 ANÁLISE DA TERCEIRA QUESTÃO | 89 |
| CONCLUSÃO | 97 |
| 4.1.6.4 ANÁLISE DA QUARTA QUESTÃO | 97 |
| CONCLUSÃO | 116 |
| 4.2 NOVÍSSIMO ESQUEMA PROPOSTO | 119 |
| 4.3 O PERFIL DO INFORMANTE E SUA OBRA..... | 120 |
| | |
| CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS | 122 |
| | |
| BIBLIOGRAFIA | 126 |

ANEXOS: A) QUESTIONÁRIOS 1, 2 E ESPECIAL

B) TRADUÇÕES

C) TRANSCRIÇÕES DOS PROTOCOLOS VERBAIS (em CD-R)

D) CAPA DA REVISTA

INTRODUÇÃO

Desde tempos remotos a atividade tradutória se faz presente entre nós. Ainda que com técnicas variadas, objetivos diversos e concepções muitas vezes questionáveis o trabalho de tradução vence o tempo e se apresenta em nossos dias como algo ainda em processo de afirmação.

Começando por Cícero, São Jerônimo, Vinay e Darbelnet, passando por Nida, Mounin até chegar aos estudiosos contemporâneos como Hermans, Paulo Ottoni e Rosemary Arrojo, podemos perceber que, assim como as pesquisas evoluem, os questionamentos levantados e as respostas dadas aos (e pelos) estudos da tradutologia ainda suscitam muitas, novas e diferenciadas maneiras de tratar e conceber esta “antiga/nova” disciplina.

Numa visão tradicional, a atividade tradutória é vista como uma atividade meramente mecânica, onde o autor não é senão a ponte entre o texto original e o texto traduzido e onde o conteúdo do texto original é simplesmente “transferido” para o texto de chegada, acreditando-se assim, na estabilidade dos sentidos (NIDA, 1975, p. 184-190). Nessa ótica, o apagamento e a invisibilidade do tradutor são atributos bem vindos ao profissional.

Em contrapartida, outras teorias de concepção de linguagem questionam a estabilidade dos sentidos e passam a ver a tradução não como simples transferência de conteúdo, mas como uma possibilidade de produção de sentidos. Nessa perspectiva o tradutor é deslocado do seu papel de ponte entre as duas línguas em jogo e torna-se sujeito agente, passando a desempenhar o papel de suscitador do processo de produção de sentidos (OTTONI, 1997, p. 159-168).

Ao compartilhar e aceitar a idéia do tradutor como produtor de sentidos, passamos a questionar como se comportariam determinados grupos de tradutores quando diante de um texto em língua estrangeira em condições adversas às esperadas para uma tradução.

Em toda tradução, o conhecimento, ainda que mínimo, das circunstâncias de recepção e produção do texto é astro de primeira grandeza, isto é, não se pode descartá-lo. Quando usamos a

expressão “condições adversas”, queremos propor uma situação onde não haja, explicitamente, o conhecimento de tais circunstâncias e que o tradutor tenha como material de trabalho apenas o texto a ser traduzido e dicionários. Aqui o termo *texto* é considerado unicamente como “a massa de palavras”. Em outras palavras, uma vez que cabe ao tradutor, através de sua leitura, interpretação e escrita, reconhecer e produzir sentidos, como seria possível a ele ter sucesso nesse trabalho sem o conhecimento prévio das situações envolvidas na recepção e produção do texto? Consequentemente, como se apresentaria o contrato comunicativo do texto na língua de chegada valendo-se o tradutor apenas de sua interpretação e, digamos, intuição?

Segundo Arrojo, em seu livro *Oficina de tradução: a teoria na prática* (2007 [1986], p.30) a tradução é o reflexo da interpretação que decidimos privilegiar. Podemos, então, entender que, o reconhecimento lexical do texto de partida não é suficiente para que se tenha uma tradução de sucesso, nem tampouco para que se garanta a manutenção do contrato comunicativo do texto de partida no texto de chegada, uma vez que, segundo Arrojo, a permanência, por exemplo, do mesmo gênero textual do texto de partida no texto de chegada não é

devida única e exclusivamente às características textuais intrínsecas, nem à sua temática, nem mesmo a eventuais “intenções” de seus autores..., mas sim, à nossa **atitude** perante os mesmos. O poético é na verdade uma **estratégia de leitura**, uma maneira de ler e não... um conjunto de propriedades estáveis que objetivamente “encontramos” em certos textos. (Grifos meus)

Se os gêneros não são marcados apenas por traços intrínsecos ao texto, se a tradução, sendo também uma forma de interpretação, depende de o quê decidimos privilegiar no texto de partida, caracterizando uma postura pessoal do leitor, como saber a motivação que levou, por exemplo, “... um poema, no texto de partida, a se transformar em bilhete, no texto de chegada?” (ARROJO, *ibidem*, p.32-33)

Sabemos, através de estudos e leituras, que não são os componentes textuais que determinam o gênero textual, mas sim o uso que fazemos dos textos, dentro de determinada comunidade e de determinados contextos. Aos escolhermos abordar a questão dos Gêneros Textuais baseada na visão

de Bakhtin, estaremos seguros em tratar como “alta prioridade” os aspectos extra textuais envolvidos em uma tradução, uma vez que o próprio Bakhtin acredita na impossibilidade de interpretação e compreensão total de um evento comunicativo sem se levar em conta o caráter sócio-histórico e ideológico dos elementos envolvidos nesse evento. Esse teórico aponta-nos a importância de se ter em mente quem é, sob vários aspectos, o destinatário de nossa mensagem, e assim, também sob influência da *intenção discursiva*, proceder às nossas escolhas lexicais. Esses elementos agindo em conjunto, vão ajudar a determinar o gênero do discurso mais adequado a uma *situação de comunicação*.

Uma vez conhecidos a) o destinatário; b) os propósitos comunicativos e c) a situação de produção do discurso será possível estabelecer *atitudes responsivas* -ou *estratégias*- para que a investida discursiva se realize dentro do que foi planejado pelo “falante”. Tais estratégias serão responsáveis pela gestão do que é permitido ou não dizer/fazer dentro de uma dada situação enunciativa, dentro de um dado gênero do discurso. Tomando emprestado o termo cunhado por Patrick Charaudeau, é o *contrato de comunicação* que assim se estabelece.

No entanto, quando um dos participantes da interação não domina um desses três elementos, é possível que esse contrato de comunicação seja prejudicado. Assim sendo, o contexto exerce grande influência no jogo da comunicação (BAKHTIN,[1992], 2003).

Nosso interesse em relacionar a tradução aos gêneros textuais assim como à ausência de elementos macro-textuais no texto de partida, nasce a partir do momento em que passamos a relacionar a importância das circunstâncias de recepção/produção de um texto ao que propõe Arrojo, a respeito de a interpretação de um texto depender da atitude individual de quem lê o texto.

Sabemos que tradutores experientes, com longo trajeto profissional, já adquiriram competências que lhes permitem identificar as informações relevantes ao seu trabalho antes mesmo de se iniciar uma tradução. Podemos apostar que, para eles, muito do que está ausente no corpo do texto é portador de informação e assim, todas as pistas que rodeiam e pairam sobre e além do texto

lhes são de grande valia. O interesse desses profissionais não reside meramente em transpor significados de uma língua à outra, mas permitir que seu trabalho faça sentido e produza sentido em quem o lê. Desta feita, é possível afirmar que todo o texto a ser traduzido por tais tradutores será minuciosamente estudado, tanto no aspecto micro como no macro-textual. Assim, pensamos estar garantidos que haverá, por parte do tradutor profissional, questionamentos e requisição de informação quando estas se mostrarem ausentes, revelando-as elementos relevantes no processo tradutório.

No entanto, como saber a importância dada aos componentes macro-textuais se passarmos agora a analisar tradutores inexperientes, aqueles que não são exatamente tradutores mas que, por dominarem em certo nível a língua estrangeira, creem serem capazes de fazer uma tradução? Que dados lhes seriam relevantes em um texto? Como trabalhariam a questão do macro-textual: teria importância saber quem escreveu o texto? para quem ele foi escrito? com qual objetivo? em qual suporte foi veiculado? em que época apareceu ao público? por que se apresenta em tal gênero textual? Como se apresentaria o texto de chegada em relação ao contrato comunicativo de origem? São essas algumas perguntas que gostaríamos de responder com este trabalho¹.

Se dizemos acreditar que o tradutor é produtor de sentidos, então um agente ativo do processo de tradução, e que a tradução é uma tarefa que envolve, grosso modo, duas etapas essenciais, quais sejam a recepção do texto de partida e a produção do texto de chegada, podemos afirmar que o tradutor desempenha, inicialmente, um duplo papel: o de *leitor* enquanto receptor e o de emissor, enquanto produtor. Porém, acreditando que o tradutor tem um papel muito maior nesse árduo processo tradutório, fomos buscar na Abordagem Discursiva da Tradução, proposta por Corrêa (1991,2001), subsídios para situar a pessoa do tradutor dentro da totalidade desse processo, uma vez que, como explanado por essa autora, o tradutor desempenha vários papéis: no processo de recepção de texto, no instante de produzir seu texto e ainda, como revisor do mesmo.

¹ Adotaremos como grupo de controle o grupo de tradutores profissionais como parâmetros de “traduções bem sucedidas” e “comportamento tradutório” esperado.

Entretanto, baseando-nos ainda na Abordagem Discursiva da Tradução propomos nesse trabalho mais dois papéis destinados ao tradutor: o de *EU-decodificador* e o de *Eu-codificador* de um texto, papéis que até o momento, não foram cogitados.

Entendemos que essa nomenclatura pode causar arrepios aos estudiosos da tradução, uma vez que ela remonta à antiga Teoria da Tradução que concebia o fazer tradutório como a simples passagem de um código lingüístico 1 para outro código lingüístico 2. Felizmente a essa teoria seguiu-se outra, mais humana e menos tecnicista e que nos servirá de apoio nessa pesquisa. No entanto, ousamos aqui a reutilização dos termos “decodificador” e “codificador” não como um resgate, mas como um reenquadramento dos mesmos, colocando-os não como um sintetizador do conceito da antiga Teoria da Tradução, mas concebendo-os como mais um dos papéis atribuídos ao tradutor, configurando assim uma nova etapa que ajuda a compor o quadro do processo tradutório, proposto nesse trabalho.

Para lidar com essa multiplicidade de papéis do tradutor, assim como Corrêa, nós iremos nos amparar na Análise Semiolinguística do Discurso, de Patrick Charaudeau, que sugere que no processo comunicativo, os dois sujeitos ontologicamente aceitos como participantes desse ato (EU e VOCÊ) se desdobram em mais dois, totalizando quatro participantes do evento. A esses dois novos participantes Charaudeau atribui papéis específicos e características próprias.

Com o intuito de investigar os componentes considerados essenciais em um texto a ser traduzido nas condições apresentadas por Arrojo (em relação ao “o quê” se privilegiar no texto de partida), amparados por Bakhtin acerca da *importância do contexto* num ato comunicativo, sustentados por Corrêa e na sua proposta de uma Abordagem Discursiva da Tradução, que busca relacionar o *processo tradutório* aos *vários papéis desempenhados pelo tradutor* e, conseqüentemente, baseando-nos em Charaudeau e em sua teoria sobre os *sujeitos da linguagem*, propomo-nos, com este estudo, analisar o comportamento de grupos diferenciados de indivíduos no momento de fazerem a tradução de um texto em língua francesa e observar, nesse comportamento,

indícios que nos levem a perceber o grau de importância atribuído aos elementos extra textuais no momento de uma tradução “descontextualizada” e, mais tarde, se e como essa tradução descontextualizada se modifica uma vez conhecido o real contexto do texto, e, conseqüentemente, como se apresenta o resultado final em relação ao contrato de comunicação do texto de origem. Nesse processo de tradução e de comportamento tradutório, buscaremos detectar como se desdobra o tradutor em relação às suas tarefas, no que diz respeito aos papéis que assume em cada etapa.

Para tanto, selecionamos três grupos de tradutores: tradutores profissionais, estudantes de francês instrumental e estudantes de francês de curso livre. Em seguida, pedimos-lhes que traduzissem um texto publicitário, originalmente em francês, a fim de verificarmos: **a)** qual o comportamento tradutório de um tradutor inexperiente quando o texto a ser traduzido está desfalcado de seus componentes macro-textuais; **b)** se o conhecimento intuitivo do gênero textual ao qual pertence o texto de partida se mostra relevante no processo da tradução; **c)** se uma vez munidos dos dados antes omitidos, esses propiciarão um tratamento diferenciado à primeira tradução, quando revista, a fim de manter o contrato de comunicação do texto de partida no texto de chegada; **d)** que papéis desempenha o tradutor quando leitor e tradutor.

Ieda de Oliveira (2003, p.37) traduz nossa preocupação em relação ao contrato comunicativo com uma frase bem esclarecedora:

Basta mudar um dos “ingredientes” do contrato de comunicação (o perfil do EU-comunicante, o do TU-interpretante, a natureza monolocutiva ou interlocutiva da comunicação, sua natureza presencial, oral ou escrita, o tipo de canal, etc) para já não se tratar mais do mesmo contrato.

Para conseguirmos tais informações apresentamos, inicialmente, o texto original desprovido de qualquer referência direta ao objeto em questão e pedimos que fizessem a tradução. Recolhemos as traduções e num segundo momento solicitamos aos informantes que fizessem nova revisão de seus trabalhos, apresentando-lhes, agora, o texto com todas as informações extra textuais anteriormente omitidas. A intenção dessa etapa era verificar se, em virtude desses novos dados,

algo mudaria no texto produzido anteriormente. Todas as etapas de tradução foram feitas mediante protocolos verbais, o que deu mais sustentação à pesquisa. Além dos protocolos, aplicamos questionários para conhecermos melhor o perfil de nossos informantes.

Partimos da hipótese de que teríamos nos grupos “Tradutores Experientes” e “Instrumental” (pela forma como esses são preparados para escanear todo o texto) formas semelhantes, ainda que em graus variados, de reação ante a falta de informações macro-textuais, assim como modificações notórias em suas traduções, após acesso a essas informações, o que, segundo nossa expectativa, não ocorreria no grupo “Tradutores não-experientes”, devido ao apego ao *significado* e não ao *sentido*.

Essa pesquisa, de caráter descritivo, empírico e qualitativo, busca contribuir com os Estudos da Tradução através da análise do comportamento tradutório dos sujeitos informantes, tentando fazer uma ponte entre a teoria e a prática.

Os capítulos desse trabalho se dão na ordem que entendemos progressiva, esclarecedora de nossas intenções e estando inter-relacionadas. Assim sendo, no capítulo 1 - Pressupostos Teóricos- abordamos a Teoria dos Gêneros Textuais na visão bakhtiniana; as visões tradicional e moderna sobre a tradução e a ótica de Arrojo sobre a tradução; a teoria dos sujeitos da linguagem, de Charaudeau e o que envolve esse conceito, dentro de uma perspectiva semiolinguística. No capítulo 2 - Um novo olhar sobre o fazer tradutório - trabalhamos com a teoria da Abordagem Comunicativa da Tradução, com base, principalmente, em Corrêa, buscando conferir nesse trabalho mais um papel ao tradutor, que ainda não fora apresentado em tal abordagem; apresentamos nossa proposta de papéis atribuídos ao tradutor e sua justificativa. No capítulo 3 – Metodologia - apresentamos a metodologia que utilizamos; esclarecemos o que vêm a ser os protocolos verbais e sua importância nesse tipo de pesquisa e finalmente, nosso corpus. Prosseguimos, no capítulo 4 - Análise de Dados, com a nossa análise e interpretação dos resultados à luz das teorias trabalhadas. O capítulo 5 - Considerações Finais – destina-se à apresentação das conclusões a que chegamos.

CAPÍTULO I

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1 TEORIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA VISÃO BAKHTINIANA

Entendemos pertinente começar nosso estudo abordando a visão de Bakhtin a respeito dos gêneros textuais uma vez que cremos importante sua noção a respeito da importância de se considerar o aspecto dialógico da comunicação.

Sabemos que ele jamais propôs uma teoria sobre gêneros do discurso, entretanto o enfrentamento bakhtiniano da linguagem leva em conta as particularidades discursivas que nos remetem a contextos mais amplos, por exemplo, o extralinguístico. Ou seja, além de analisar micro e macro estruturas sintáticas, é possível ultrapassar essa materialidade linguística e reconhecer os gêneros a que pertencem os textos, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos.

Apesar de haver, no mínimo, duas vertentes teóricas diferentes em Bakhtin, é a teoria dos gêneros do discurso (ou discursivos) que nos interessa, pois esta aborda o estudo das situações de produção dos enunciados, ou textos, em seus aspectos sócio-históricos e não na descrição da materialidade textual, presente na teoria de gêneros. Uma vez que, no Brasil, à exceção dos bakhtinianos, o termo “gêneros textuais”, é o mais correntemente usado nos estudos de gêneros/discursos, optaremos por usá-lo nesse trabalho, ainda que o foco desta pesquisa seja analisar, acima de tudo, a *situação de enunciação*.

Para Bakhtin (BAKHTIN, 2003 [1992]), os gêneros textuais apresentam três dimensões básicas e indissociáveis: **1)** os temas, que são conteúdos ideologicamente conformados, que se tornam dizíveis através do gênero; **2)** os elementos das estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero (forma composicional); **3)** as configurações

específicas das unidades de linguagem, que seria a união da posição enunciativa do locutor e da forma composicional do gênero, ou seja, marcas linguísticas ou de estilo. Essas três dimensões dos gêneros são determinadas pela situação de produção dos enunciados e, principalmente, pela apreciação valorativa do locutor a respeito do tema e do interlocutor de seu discurso. Assim sendo, não é possível compreender ou produzir gêneros nem os textos a eles pertencentes sem cogitar os elementos de sua situação de produção. Ilustrando essa afirmação, temos em Bakhtin /Voloshinov (1985, p.112) “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata”.

Essa situação imediata tem como atores principais os parceiros da interlocução, nas pessoas do locutor e de seu interlocutor, bem como as relações institucionais envolvidas nessa parceria. E essa relação terá grande influência sobre os aspectos temáticos, composicionais e estilísticos do discurso, que serão determinados a partir da apreciação valorativa do locutor. Tais relações são determinadas pela forma de distribuição e organização dos lugares sociais nas diferentes instituições e situações sociais de produção dos discursos e são designadas por esferas comunicativas.

A forma discursiva que circula dentro de cada esfera do cotidiano (familiar, íntima, institucional...) ou dentro das esferas dos sistemas ideológicos constituídos (da ciência, da arte, da religião, da educação...) cristaliza historicamente um conjunto de gêneros mais apropriados àquelas situações do que a outras, podendo ser entendidos como formas regulares mais específicas àquelas práticas sociais de linguagem. Nesse sentido, podemos entender que os gêneros são um dispositivo de organização, troca, divulgação, armazenamento e transmissão, não podendo ser pensados fora da dimensão espaço-tempo, manifestando-se como uma “memória-criativa”.

Apesar da circularidade dos gêneros textuais em relação aos usos em dadas instâncias, Bakhtin nos lembra que os discursos proferidos por esses gêneros serão sempre irrepetíveis, uma

vez que o estilo de dizer do locutor, assim como a situação de enunciação, o tempo e o lugar histórico-social são, por sua vez, também irrepetíveis, garantindo, a cada enunciado, seu caráter original. Em outras palavras, considerando os gêneros como elos de uma cadeia comunicativa pré-existente, que não apenas une como também dinamiza as relações entre as pessoas, pode-se dizer que eles vivem do presente, recordando sempre seu passado.

Se pensarmos no “irrepetível”, poderemos considerar que novas situações estão sempre em curso de acontecimento, que uma vez diante delas as relações sociais precisam se adaptar e, em função dessa adaptação, a comunicação e as interações verbais evoluem e, conseqüentemente, as formas dos atos de fala se modificam nesse cenário. Temos, então, a prova contundente de que os gêneros são maleáveis em função da mudança do uso das formas da língua, em interação.

A riqueza e diversidade dos gêneros discursivos é imensa, porque as possibilidades da atividade humana são inesgotáveis e porque em cada esfera da práxis existe todo um repertório de gêneros discursivos que se diferencia e cresce à medida que se desenvolve e se complexifica a própria esfera.(BAKHTIN, 2003 [1992])

A identificação dos gêneros é uma tarefa bastante melindrosa. Ainda que se recorra a critérios de regras linguísticas para sua classificação, observou-se que essas regras são recorrentes em determinados segmentos que compõem um gênero e que esses segmentos podem estar presentes em múltiplos gêneros, indistintamente. Então o que pode ser classificado com base em propriedades linguísticas são os segmentos e não os gêneros.

Olhado sob a perspectiva de Bakhtin, o trabalho com os gêneros textuais sempre buscará a análise dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, levando-se em conta não somente a vontade enunciativa do locutor, isto é, sua finalidade, mas também, e principalmente, sua apreciação valorativa sobre seu interlocutor. Em outras palavras, é nas relações dialógicas que se constrói o discurso: é necessário sempre ter-se em mente quem é o destinatário, o que ele sabe sobre o locutor, quais as instâncias sociais de produção. Anna Rachel Machado (2005, p.252) faz uma síntese muito feliz sobre os componentes que estão envolvidos na formação do discurso,

lembrando-nos do *dialogismo* bakhtiniano e não nos deixando esquecer que o “Outro” é condição *sine qua non* para a existência do “eu”. Com estas palavras ela nos remete ao valor e à importância do “Outro”, na criação do discurso, além de esclarecer que o uso de um determinado gênero textual é também uma escolha estratégica:

A ação de linguagem pode ser vista como um conjunto de operações de linguagem que constituem uma unidade e cujo resultado final é o texto. A responsabilidade da realização dessa ação pode ser atribuída a um indivíduo particular, que é movido por motivos e orientado por objetivos. No quadro social. ...as operações que envolvem a mobilização de conhecimentos sobre a situação e a adoção de determinado gênero... correspondem ao conjunto de representações inicialmente mobilizadas que serve de base de orientação para a ação de linguagem e que vai ter influência decisiva sobre a forma e sobre os conteúdos textuais.

Para justificar a escolha do gênero como escolha estratégica, Machado faz referência a Bronckart, afirmando que (*ibidem*, p.251):

Os conhecimentos construídos sobre os gêneros estão sempre correlacionados às representações que temos sobre as situações diversas em que atuamos. E é com base nesses conhecimentos que o produtor adota um gênero que lhe parece o mais adequado a determinada situação.

Ou seja, para que a decisão por este ou aquele gênero seja tomada, é necessário que se avalie alguns fatores que terão influência decisiva no conteúdo textual. Por exemplo: os conteúdos que serão verbalizados; o espaço-tempo em que se encontram os envolvidos na interação; o produtor, no seu aspecto físico; o destinatário, no seu aspecto físico; o lugar social no qual se realiza a interação e no qual vai circular o texto; os papéis sociais desempenhados pelo emissor e pelo receptor; os efeitos que o produtor pretende produzir no destinatário, configurando-se, todos esses aspectos, como co-responsáveis pelo nosso discurso.

Se uma das propostas desse estudo é verificar, dentre outras coisas, como se comporta o tradutor inexperiente diante de um texto de partida em que foram omitidos dados extra textuais e, conseqüentemente, como fica sua tradução, cremos que a visão de Bakhtin vem ao encontro de nosso intento, pois ao tratar o gênero textual como uma manifestação estreitamente ligada às

condições de produção e tendo o “Outro” como, digamos, um dos elementos inspiradores para o discurso, nossa busca fica amplamente amparada.

Se pretendemos com esse estudo verificar quais as reações de nossos tradutores frente a um texto *handicappé* (ou seja, destituído de sua forma original ou ainda, nesse caso, fora de seu contexto) no que diz respeito a todos os dados extra textuais que lhes são desconhecidos, cremos que a abordagem bakhtiniana nos dá o suporte que precisamos, uma vez que é justamente a relação dialógica discutida e defendida por Bakhtin que será, propositalmente, negligenciada no primeiro momento dessa proposta.

1.1 SOBRE A TRADUÇÃO

1.1.1 A CONCEPÇÃO TRADICIONAL DA TRADUÇÃO

Na concepção tradicional da tradução, o trabalho do tradutor consiste “em descobrir/decodificar o pensamento do autor e recodificá-lo em outra língua.” (MITTMANN, 2003, p.22) e, quando se admite a possibilidade da subjetividade do tradutor se mostrar no texto, esta é lastimada, pois o tradutor não deverá jamais deixar parecer que seu texto seja o que realmente é: uma tradução. Temos aí, uma primeira negação do “sujeito-tradutor”.

Como a metodologia de trabalho, nessa perspectiva, se limita à análise do texto e da língua, tem-se a idéia de que o texto e a língua são os únicos elementos que sustentam a possibilidade da tradução. Nessa visão logocêntrica, esses dois elementos se bastam e se, por acaso, em algum momento for considerado o *sentido*, esse é universal, podendo ser transferido de um texto ao outro, de uma língua à outra, supondo-se, assim, a transparência das línguas e a estabilidade dos sentidos (*ibidem*,p.23). Cabe-nos ainda ressaltar que, sob essa ótica, as intenções do autor precisam ser captadas, ou inferidas pelo tradutor, sendo, mais uma vez, ignorado o sentido da mensagem e colocando-se o tradutor como ponte que une duas margens, nesse caso, os textos original e seu correspondente: a tradução.

É interessante verificar que, aqui, todos os prováveis equívocos que acontecem ao se traduzir de uma língua para outra são considerados *erros e incompetência* do tradutor, ficando a tradução relegada a uma cópia “deturpada” do original. Uma segunda negação do “sujeito-tradutor”.

Até este momento a questão das *condições de produção*, seja do texto de partida ou do texto de chegada ainda não fôra cogitada. E é nesse sentido que tomamos a visão tradicional da tradução como um dos componentes importantes de abertura à nossa pesquisa, pois, se tais condições são irrelevantes, como explicar as diferenças existentes entre diversas traduções de um mesmo original, feitas por diversos tradutores, ou ainda, um mesmo tradutor, considerando-se tanto uma perspectiva diacrônica como uma sincrônica? Como explicar as diferenças que, supomos, existirão em um texto traduzido por grupos de tradutores com experiências em tradução diversas entre si? Como explicar que um determinado gênero textual possa se apresentar de formas várias tendo como ponto de partida um mesmo texto “original”?

1.1.2 A CONCEPÇÃO CONTESTADORA DA TRADUÇÃO

Contrapondo-se à visão tradicional, em que o tradutor não existia senão como uma ponte entre as duas línguas envolvidas na tradução, não podendo, então, manifestar sua presença no texto traduzido, surgiram autores que se posicionavam de maneira contrária a esse modo de compreensão.

Nessa nova visão, atualizada e infinitamente mais humana, *o sentido*, outrora desprezado, é a matriz para a tradução. Ora, se não nos é possível recuperar na totalidade as intenções do autor do texto de partida, é-nos plenamente viável compreender o *sentido* de seu texto. Esta noção nos coloca diante de uma quebra de paradigma ao afirmar que o *sentido* não é o reflexo das intenções do autor mas que, ainda assim, a tradução é possível. Como?

Nessa abordagem, o *sentido* se faz através de um ato de interpretação do tradutor. E o mais curioso é que essa interpretação é “determinada por fatores externos... que agem sobre o tradutor e

que tem uma relação particular com cada língua.” (MITTMANN, 2003, p.34). Ou seja, não são as intenções do autor o ponto de partida para o ato tradutório, mas sim a interpretação do leitor/tradutor. (Com essa prerrogativa podemos, apenas para não deixar de tocar nesse assunto que nos deixa tão pouco à vontade, dizer que então, a fidelidade existe sim, mas não ao texto de partida ou ao texto de chegada, mas sim a fidelidade às interpretações do leitor, seja ele quem for, tradutor ou não.) Assim sendo, já podemos admitir que as condições de produção, antes ignoradas, se apresentam como uma das condições basilares para o efetivo trabalho de tradução e resgatam o tradutor daquela condição incômoda de “o homem invisível” perante seu trabalho.

Nessa perspectiva contestadora encontramos respostas às perguntas feitas e não respondidas quando o foco de estudo recaia sobre a perspectiva tradicional. Uma vez que se admite que a compreensão do texto de partida pode se dar de várias maneiras, apresentando várias interpretações a depender das condições de recepção, e que, textos gerados a partir de condições de produção diversas entre si apresentam-se de maneira também diversa - porque, no mínimo, um tradutor não é jamais igual a outro-, podemos acreditar que não existam traduções inteiramente certas ou vergonhosamente erradas e que as escolhas e significados surgidos a partir das leituras estão intimamente ligados à história e às circunstâncias e, com isso, acalentar a idéia de que nossa pesquisa caminha no rumo certo.

1.1.2.1 ROSEMARY ARROJO E A TRADUÇÃO

Arrojo se apresenta como uma pesquisadora contestadora da concepção tradicional da tradução. Sua visão desconstrutora da tradução, sobre o que vem a ser traduzir, o processo tradutório, o tradutor e tudo o que cerca esses conceitos quebra paradigmas que estão, ainda que inconscientemente, presentes até no mais atento dos profissionais da tradução.

A partir da concepção logocêntrica, que é base da visão tradicional da tradução, em que seria possível a existência de uma única língua portadora de sentido universal, sendo a lógica e a razão

categorias independentes de qualquer subjetividade, Arrojo busca repensar esse conceito e redefine o logocentrismo como um “outro nome para o sonho de uma língua mestra”. Além de desmontar esse ideal, ela rejeita a existência dessa língua universal ao afirmar e defender que a linguagem se manifesta, como tal, através das multiplicidades das línguas: *graças e por causa* das diferenças. Portanto, manter-se na crença da possibilidade do transporte intacto de significados de uma língua para outra seria acreditar, *grosso modo*, na eficiência de uma “máquina de traduzir” e continuar a conceber o tradutor como um decodificador de sentidos entre duas línguas, colocando-se totalmente ausente de seu trabalho. Essa ausência não se limitaria apenas aos traços pessoais do tradutor, mas seria a negação de um tempo, de uma história, de experiências ouvidas e vivenciadas.

Na verdade, não cabe mais insistir nessa visão e tentar ignorar que em uma leitura é impossível desvincular o leitor de seu contexto. Falando de outra maneira, ao ler um texto, o leitor/tradutor não buscará neste significados inéditos e desconhecidos, muito pelo contrário: sua interpretação será baseada em algo que ele reconhece como familiar, como pertencente à sua comunidade social. Sua leitura estará influenciada por outras leituras, será como um reconhecimento, um *déjà vu*. Tradutor ou não, o leitor não é um descobridor de verdades, mas um criador de significados, que tem por parâmetro seus momentos históricos, as convenções de sua comunidade, sua visão de mundo... E tudo isso o constitui como sujeito.

Podemos afirmar que um texto terá o sentido que o leitor-interpretador der, ou quiser dar, pois é o ato de interpretação do leitor que produzirá o significado do texto/discurso. E há ainda mais: esses significados são sempre provisórios, pois as possíveis interpretações nunca são definitivas ou estáticas, elas dependem da ideologia, dos padrões estéticos, éticos e morais, das circunstâncias históricas e psicológicas que constituem a comunidade social, ou, segundo Stanley Fish, a comunidade interpretativa em que é lido (ARROJO, 2007 [1986], p.19).

Assim, é possível aceitar a idéia de que, em uma tradução, a presença do tradutor constitui-se um fato irrefutável. Além de abraçar a noção de que os traços da presença do tradutor no texto

traduzido são inquestionáveis, Arrojo se debruça sobre a validade de se tratar um único texto como “o” original.

Uma vez que temos o tradutor como sujeito que age sobre o texto, apresentando uma atitude reflexiva no momento de ler, traduzir e escrever, e que essa atitude está diretamente relacionada ao seu modo de ver e conceber o mundo, assim como ao seu momento, podemos entender que um mesmo texto será interpretado de maneiras diferentes, tantas quanto as vezes em que for lido, seja por um mesmo tradutor ou por leitores diferentes. Ele será sempre *um* original.

Extremamente questionadora a respeito do peso que o “texto original” carrega, Arrojo busca na desconstrução de Derrida um termo exato para negar a antiga crença a respeito desse “original”: o “*significado transcendental*” do texto. Ou seja, o texto original não é mais visto como um “objeto definido, receptáculo de significados estáveis, geralmente identificados com as intenções de seu autor”. Ele não deve mais ser visto como a gênese da verdade, nem tampouco se encontra acima de questionamentos ou *transgressões*. Aliás, cunhar um texto de original, na perspectiva de Arrojo, vai muito além de entendê-lo como “o primeiro”, “o verdadeiro”. Sob a noção de palimpsesto, o “original” é visto por ela como um texto que se apaga e se reescreve em cada comunidade cultural e em cada época em que se inscreve (*ibidem*, p.23)

Em outras palavras: não existe um único original, “o” original, mas “originais” que são ressignificados a cada nova tradução. Octavio Paz nos ilustra essa afirmativa em um pensamento de incrível felicidade:

Todo texto é único e é, ao mesmo tempo, a tradução de outro texto. Nenhum texto é completamente original porque a própria língua, em sua essência, já é uma tradução: em primeiro lugar, do mundo não-verbal e, em segundo, porque todo signo e toda frase é a tradução de outro signo e outra frase. Entretanto, esse argumento pode ser modificado sem perder sua validade: todos os textos são originais porque toda tradução é diferente. Toda tradução é, até certo ponto, uma criação, e, como tal, constitui um texto único.

(In: ARROJO, 2007, p.11)

E ainda a título de ilustração, retomamos Bakhtin que também concebe a experiência discursiva de nosso leitor/tradutor não como nova ou inédita, mas sendo inevitavelmente impregnada de outros discursos que se unem como elos de uma mesma cadeia. (BAKHTIN, 2006 [1992], p.226)

Considerando e acreditando nessa abordagem da tradução pretendemos entender, mediante observação do comportamento tradutório dos informantes, *como* um texto publicitário, em francês, descontextualizado no que diz respeito às suas circunstâncias de produção é “reelaborado” em português, tomando por elementos de análise a relevância dos elementos macro-textuais presentes, ou não, no texto de partida e com especial atenção à manutenção do contrato comunicativo do Texto de Partida em relação ao Texto de Chegada.

Segundo Arrojo, a compreensão de um texto se dá a partir de vivências pessoais do leitor, de conhecimentos já processados e de informações contextuais, não podendo sua leitura ser desvinculada da história e de suas circunstâncias (ARROJO, 1996).

Ao optarmos por “seqüestrar” o texto de seu contexto, de alguma maneira aleijamos o mesmo. Assim, como texto “faltando um pedaço”, imaginamos que nosso tradutor/leitor terá uma certa dificuldade ao lidar com ele. Essa dificuldade não reside na compreensão do texto, como código, nem tampouco na interpretação pessoal de quem o lê, pois nosso tradutor se posicionará diante deste como sujeito ativo, produzindo os sentidos que remontem à sua formação e experiências e que por elas sejam justificados. Porém, ao reescrever o texto, sua produção se verá prejudicada devido ao desconhecimento de informações básicas sobre o texto: quem o escreveu? para quem? com qual finalidade? Imaginamos que o tradutor, agora “escritor” se sentirá em mar aberto, à deriva, sem saber ao certo para onde deverá conduzir seus esforços, ainda que não se dê conta disso.

Se o original não é “o” original, se as interpretações variam conforme o leitor e seu contexto, se os textos tomam a forma de nossas interpretações, como seria vivenciado o comportamento tradutório de diferentes grupos de leitores/tradutores nas condições de aleijamento acima expostas?

Será que o conhecimento do gênero textual interfere no processo tradutório? De que maneira? Já que a tarefa do tradutor não é descobrir os significados originais do texto e do seu autor, como seriam produzidos os sentidos naquelas circunstâncias?

1.2 CHARAUDEAU E A LINGUAGEM

Para Charaudeau (2008, p.77), assim como pra Bakhtin, o discurso deve estar ancorado no social. Assim sendo, todo texto é a manifestação material da encenação de um ato de comunicação, numa dada situação e com o objetivo de servir ao projeto de fala do locutor.

Substituiremos a nomenclatura “ato comunicativo” ou “ato de comunicação” por “ato de linguagem”, uma vez que a conceitualização deste é mais abrangente, combinando os atos de fala das instâncias do Dizer e do Fazer e onde encontram-se os responsáveis por esse ato, que atuam como parceiros, “ como pessoas associadas numa relação de fazer valer recíproca, consideram-se, por isso mesmo, dignas uma da outra” (CHARAUDEAU, 1984, p.43, *apud* CORRÊA, 1991, p.14). Nessa relação de interação aparece a noção de sujeito, que é definida por Charaudeau: “... um lugar de produção da significação linguagística ao qual retorna tal significação para constituí-lo” (*ibidem*)

1.2.1 CHARAUDEAU E OS SUJEITOS DA LINGUAGEM

Em um ato de linguagem temos, pela teoria da análise semiolinguística do discurso os dois sujeitos envolvidos no ato comunicativo: EU(o elemento enunciador) e TU (o elemento ‘receptor’), desdobrados em quatro elementos. Isto quer dizer que Charaudeau postula a existência de dois “eus” e dois “tus”: o *EU-comunicante* (EU-c), o *EU-enunciador* (EU-e), o *TU-destinatário* (TU-d) e o *TU-interpretante* (TU-i).

Esse desdobramento ocorre em dois momentos distintos, porém complementares: no momento do processo de interpretação e no do processo de produção.

No processo de produção temos a presença de um *EU-comunicante* que se dirige a um *TU-destinatário*. Esse *EU-comunicante* é quem fala ou escreve e o *TU-destinatário* é a imagem que o *EU-comunicante* tem do *TU-interpretante*, isto é, o *TU-destinatário* é uma hipótese formulada pelo *EU-comunicante* sobre quem seja o *TU-interpretante*. Ele seria o destinatário ideal adequado ao seu ato de comunicação.

No processo de interpretação há a presença de um *TU-interpretante* que, através da imagem construída sobre o *EU-comunicante*, cria a figura do *EU-enunciador*. O *TU-interpretante* sendo aquele que ouve ou lê (e, conseqüentemente, interpreta) muitas vezes foge do controle das expectativas do *EU-comunicante*, uma vez que as interpretações do *TU-interpretante* são construídas em função de suas experiências pessoais. Já o *EU-enunciador* é personagem presente tanto no processo de produção, quanto no de interpretação. Uma vez no processo de produção, ele é a imagem que o *EU-comunicante* tem de si mesmo ou a que pretende passar ao *TU-interpretante*. Quando no processo de interpretação, ele se torna a imagem que o *TU-interpretante* tem do *EU-comunicante*.

Sob esse ponto de vista, temos, então, no discurso quatro elementos, sendo dois, “pessoas” reais (ou instituições): o *EU-comunicante* e o *TU-interpretante* e os outros dois, existentes apenas no discurso, conseqüência de imagens forjadas a partir de um conhecimento real ou suposto de quem seja o Outro: o *EU-enunciador* e o *TU-destinatário*.

1.2.2 A LINGUAGEM

Assim sendo, o ato de linguagem é um dispositivo que tem como núcleo o sujeito falante e a relação que este estabelece com um parceiro (seria o *dialogismo*, em Bakhtin) . Essa relação envolve a situação de comunicação, os modos de organização do discurso, a língua e o texto.

No entanto, o ato de linguagem não é apenas resultado da intenção do emissor, nem tampouco um processo simétrico entre emissor e receptor. Ele resulta de um jogo entre implícitos e explícitos

e por isso nasce de circunstâncias de discurso específicas, tendo sua realização na intersecção dos processos de produção e interpretação e será encenado, a princípio, por duas entidades, desdobradas em *sujeito de fala* e *sujeito agente* ou seja, o *Eu-c/Eu-e* e *TU-d/Tu-i* (*op.cit.* p.52). O ato de comunicação é então, antes de tudo, um ato de linguagem.

Do ponto de vista da produção, o ato de linguagem é a um só tempo “expedição” e “aventura”. Se falarmos de seu aspecto intencional ele sempre está inserido em um projeto global de comunicação (*projeto de comunicação, ou de fala*) concebido pelo sujeito comunicante, que organiza o que está disponível em suas competências tendo sempre em mente a margem de liberdades e restrições inerentes ao ato comunicativo, sejam elas da própria língua ou do comportamento lingüístico. Além disso, o sujeito comunicante quer ter sucesso em sua empreitada e para que isso ocorra, ele se esforçará por uma coincidência de interpretação que poderá ocorrer entre o *sujeito interpretante* (TU-i) e o *destinatário* (TU-d). Para tanto, o sujeito comunicante deverá fazer uso de contratos e estratégias.

Como expedição, esses contratos (*contratos de comunicação*) e estratégias (*estratégias discursivas*) podem, devido a um minucioso “estudo de terreno” que envolve vários elementos, corresponderem às expectativas do enunciador. Como aventura, o resultado esperado pelo locutor pode ser algo imprevisível, devido a uma assimetria na comunicação que é a diferença de interpretação estabelecida entre o propósito do *EU-comunicante* e a compreensão do *TU-interpretante*.

1.2.2.1 O CONTRATO DE COMUNICAÇÃO

O contrato de comunicação é um termo empregado atualmente por várias correntes dos estudos da linguagem, sendo usado para explicar o que faz com que o ato de linguagem seja reconhecido como *válido* do ponto de vista da *produção de sentido*.

Ele se traduz na condição para que os envolvidos em um ato de linguagem se compreendam minimamente e possam interagir, *co-construindo* o sentido. Charaudeau o concebe como:

o conjunto das condições nas quais se realiza qualquer ato de comunicação... É o que permite aos parceiros de uma troca linguageira reconhecerem um ao outro com os traços identitários que os definem como sujeitos desse ato (identidade), reconhecerem o objetivo do ato que os sobredetermina (finalidade), entenderem-se sobre o que constitui o objeto temático da troca (propósito) e considerarem a relevância das coerções materiais que determinam esse ato (circunstâncias)... Do ponto de vista do sujeito interpretante, é o que permite compreender, em parte, um ato de comunicação sem que se conheça, todos os detalhes... (2006:132)

Podemos apontar assim as características do contrato de comunicação: **a) troca/não troca**: isto quer dizer que os parceiros podem proceder a uma troca (situação dialogal) ou não (situação monologal, ou monolocutiva). Para Charaudeau, no entanto, é preciso ainda considerar se essas trocas ocorrem em presença ou em ausência do interlocutor (presencial *versus* não presencial); **b) rituais de abordagem**, que se traduzem pelas restrições, obrigações ou condições para se estabelecer contato, como por exemplo as saudações, pedidos de desculpas e, em situação monologal escrita, as aberturas e fechamentos (de carta), títulos...; **c) papéis comunicativos**: são os papéis que os envolvidos no discurso (EU-comunicante e TU-interpretante) devem assumir em virtude do contrato relacionado a cada situação comunicativa.

1.2.2.2 AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

Já vimos que para Bakhtin é nas relações dialógicas que se constrói o discurso: é necessário sempre ter-se em mente quem é o destinatário, o que ele sabe sobre o locutor, quais as instâncias sociais de produção. O domínio de todas essas variáveis é uma questão estratégica para a otimização da produção do discurso.

Patrick Charaudeau (2008) concorda que o locutor, ao falar ou escrever, organiza seu discurso em função do que ele percebe do seu interlocutor, do que imagina que o interlocutor percebe e

espera dele, do saber que eles dividem sobre si e sobre cada um, individualmente, assim como dos papéis que cada um deve desempenhar. Ou seja, o discurso é organizado em função da própria identidade do locutor, da imagem que se tem do interlocutor e do “já-dito”. Em outras palavras, o Outro é uma forte razão de ser do “eu”.

Através da análise da situação de comunicação, o locutor se serve de certas categorias da língua as quais ele ordena nos modos de organização do discurso para produzir sentido, por meio de um texto. Desse modo, as características do discurso estão intimamente ligadas às condições de produção situacionais, que definirão as coerções que determinam as características da organização discursiva e formal.

Ao pensarmos na retórica aristotélica, onde os três componentes básicos da enunciação são *quem fala*, o *discurso* e a *audiência*, percebemos que tanto Bakhtin como Charaudeau nos orientam numa mesma direção: o *como* falar (ou escrever) está estreitamente relacionado aos *objetivos* de quem fala e é estruturado a partir do conhecimento mobilizado sobre o *outro*, tendo sempre em conta a *situação de comunicação*.

A depender da situação em que os parceiros se encontram é necessário que esta ou aquela condição seja considerada. Em outras palavras, nós não podemos falar *como* queremos em qualquer lugar ou ocasião, ou para toda e qualquer pessoa. É necessário que escolhamos o vocabulário, a forma, o tom... Ou seja, para atingirmos nosso propósito comunicativo é preciso reconhecer até onde vão nossas liberdades e também respeitar certas restrições. Os atos de linguagem acontecem moldados por esse quadro de restrições e liberdades que podem ser da língua, do comportamento lingüístico ou de ambos.

Além de nos indicar escolhas e comportamentos lingüísticos, os contratos de comunicação também determinam a maneira de se agir nas variadas situações das atividades humanas. Por isso é possível afirmar que o contrato que rege a relação professor-aluno não é o mesmo que rege a de médico-paciente ou o de réu-advogado-juiz em um tribunal. Podemos, então, acrescentar, que as

estratégias discursivas devam ser estudadas em função do contrato em questão, observando-se o projeto de comunicação.

1.2.2.3 O PROJETO DE COMUNICAÇÃO

Já abordamos a questão da relevância das *identidades dos parceiros* no ato de linguagem para o estabelecimento do contrato de comunicação. Temos ainda que nos ater ao *projeto de comunicação- ou projeto de fala*.

Este projeto se traduz na conduta que adotamos e nas escolhas que fazemos para atingirmos, enquanto EU-comunicante, o objetivo que temos em mente. Para tanto, mais uma vez recorreremos à idéia da importância de sabermos lidar com as liberdades e restrições presentes na situação de comunicação, estabelecendo estratégias discursivas e jogando com a margem de manobra disponível para termos sucesso no objetivo pretendido.

Para Charaudeau (1983) todo texto é coerente para quem o produz. No entanto, isso não é o suficiente, pois ele precisa atingir a finalidade para a qual foi produzido. Como qualquer projeto, este também pode ser mal ou bem-sucedido e isto depende diretamente do quanto o *TU-destinatário* e o *TU-interpretante* coincidem com a hipótese feita pelo *EU-comunicante* sobre quem seja o *TU-interpretante*.

1.2.2.4 A SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

As noções de “*situação de comunicação*” e de “*contexto*”² adotadas por Patrick Charaudeau (2008) são concebidas como conceitos distintos. O “*contexto*” se refere ao ambiente textual de uma

² Até este momento usamos indistintamente a noção de contexto e situação para identificar o ambiente físico e social onde se desenvolve o evento comunicativo. Porém a partir de agora, sempre que citarmos Bakhtin,

palavra ou seqüência de palavras, sendo interno ao ato de linguagem. A “*situação*” diz respeito ao ambiente físico e social do ato de comunicação, é porém, externa a este, mas ainda assim se configura como uma das condições de realização desse ato.

Todo sujeito falante (*EU-comunicante*) ocupa o centro de uma situação de comunicação que é um espaço dialógico, pois está em constante relação com um parceiro (o *TU-interpretante*). Essa relação com “o Outro” se define em função de algumas características: **A) características físicas:** a) parceiros (presentes fisicamente, único ou múltiplos, próximos ou afastados, sua disposição); b) canal de transmissão (oral ou gráfico, direto ou indireto, utilização de outro código semiótico); **B) características identitárias dos parceiros:** a) social; b) sócio-profissional; c) psicológica; d) relacionais (é o primeiro contato entre eles; já se conhecem; têm relação de familiaridade); **C) características contratuais:** troca/não troca; rituais de abordagem; papéis comunicativos (lembrando que são essas que caracterizam o contrato de comunicação).

A partir da apresentação das circunstâncias necessárias para se produzir um ato de linguagem de sucesso (contrato comunicativo, estratégias discursivas, projeto de comunicação e situação de comunicação), imaginamos que as variáveis a serem analisadas para se efetuar uma tradução sejam semelhantes.

O que nos interessa buscar em Charaudeau, considerando o que ele pensa a respeito da linguagem, é a forma como são entendidos os sujeitos envolvidos no ato de linguagem, assim como as relações situacionais que permeiam as relações entre esses sujeitos.

Resumindo o que já expusemos a respeito dessas pessoas do discurso e relacionando-as aos papéis que, acreditamos, desempenha o tradutor, podemos considerar que este, tendo funções diferentes a cada etapa da tradução, desempenha, conforme previsto por Charaudeau, muito mais do que 2 papéis, para cada parceiro do discurso.

independentemente da nomenclatura atribuída por ele a esse conceito, usaremos o termo Situação de Comunicação, nos moldes de Patrick Charaudeau.

CAPÍTULO II

UM NOVO OLHAR SOBRE O FAZER TRADUTÓRIO

2.1 UMA ABORDAGEM DISCURSIVA DA TRADUÇÃO

A abordagem discursiva da tradução proposta por Corrêa (1991) trata a questão do tradutor dentro da abordagem semiolinguística. Ela busca relacionar os sujeitos do discurso, propostos por Charaudeau, às etapas do processo tradutório, atribuindo a cada etapa desse processo papéis que cabem ao tradutor.

Pensando no processo de recepção do texto como o primeiro momento da tradução- fase interpretativa- o tradutor, que nesse momento faz papel de leitor, desempenhará, inconscientemente, os dois papéis a ele destinados: o de *TU- destinatário* (*TU-d*) e o de *TU- interpretante* (*TU-i*), necessitando, nesse momento, de “conclamar” todos os seus saberes, uma vez que como parte ativa no jogo de relações implícito-explicito está submetido às regras contratuais.

Em seu fazer interpretativo, (*o tradutor- sujeito interpretante*) estará colocando em ação competências linguística, discursiva e situacional para construir as significações do que está sendo dito. (CORRÊA, 1991, p.27)

Ao ler o texto do Comunicante 1 (o autor), o leitor/tradutor é o *TU-d*, aquela imagem idealizada de “receptor”, aquele para quem o texto foi escrito, o “receptor” ideal do *EU-comunicante*. Porém, uma vez que esse tradutor/leitor não é um mero receptor de mensagens, ao ler o texto ele construirá uma série de hipóteses em função de seu ponto de vista sobre as circunstâncias do discurso, incluindo aí sua maneira de conceber o *EU-comunicante*. É nesse instante que ele encarna o *TU- interpretante* (*TU-i*).

Como *TU-i*, o tradutor/leitor é o responsável pelo seu ato de interpretação, assumindo o papel de destinatário do ato de linguagem produzido pelo *EU-comunicante*. Para tanto, ele levará em conta todas as informações sobre as circunstâncias de produção do discurso, quais sejam: as pistas

linguísticas, textuais, discursivas e situacionais - o autor, a época, o público alvo, o suporte, a fonte, as imagens, características micro e macro-textuais, dentre outras pistas possíveis de aparecerem no texto ou em seu entorno, ou de serem inferidas. O tradutor/leitor buscará no texto de partida as intenções comunicativas do *EU-comunicante* (autor), recorrendo a diversos “projetos de leitura”, sustentado por diferentes estratégias comunicativas. Ao assumir esse papel, as expectativas criadas pelo *TU-i*, se darão de acordo com o contrato comunicativo que sobredetermina qualquer ato de linguagem. (*op.cit.*,1991)

Para a abordagem comunicativa da tradução, no primeiro momento do processo tradutório, o que se tem não pode mais ser aceito como simples “decodificação”, mas como um processo claro de interpretação, por parte do leitor/tradutor. Em outras palavras, a mensagem, por si só, não é portadora de sentido, mas ela é o resultado de um processo interpretativo (KLEIMAN, 1989).

Segundo Corrêa (1991, p.29), a primeira leitura é feita para que o leitor tenha uma visão global do texto, sendo esse o primeiro momento do processo interpretativo, e, diante da necessidade de leituras repetidas, essas são feitas para “afinar” a interpretação, estabelecendo-se uma coerência entre as partes. Ao ler um texto, o leitor põe em ação sua competência situacional e discursiva, interpretando-o de acordo com o conhecimento que dispõe acerca de outros textos do mesmo gênero e nesse processo constrói relações intertextuais. Essas relações, assim como a competência linguística, discursiva e situacional são essenciais para uma interpretação do texto como um todo coerente. O desconhecimento de alguns esquemas³ retomados no texto trará problemas para a interpretação.

Finda essa primeira etapa, o segundo momento é o de produção do texto de chegada (CORRÊA, 2007) onde o tradutor, considerado o “Comunicante 2” (pois se tornará agora o autor do texto traduzido), assume o papel de *Mediador* de um texto de uma Língua de Partida para a Língua de Chegada, estando ligado

³ Segundo a psicologia cognitiva, esquema refere-se ao conhecimento estruturado armazenado na memória sobre assuntos, eventos de nossa sociedade, hábitos culturais, adquiridos no convívio com uma sociedade, de maneira informal.

...simultaneamente a dois diferentes contratos de comunicação. Quando se trata da tradução escrita, desenvolve simultaneamente um projeto de leitura (TU-interpretante) e um projeto de escrita (no papel de Comunicante no contrato comunicativo do TLC, atrelado ao projeto de escritura do Comunicante 1). (CORRÊA, 1991, p.38)

No entanto, tem-se bem nítido que o texto a ser escrito não é resultado unicamente da massa lexical, em si, que apresenta o texto de partida, mas ele é o resultado da ação do sujeito interpretante, que

constrói seus significados a partir de seu “status psico-social,
dos saberes que compartilha com o escrevente ou o escritor,
e
de um esforço analítico no sentido de hipotetizar as intenções
de comunicação deste mesmo escrevente ou escritor.
(*ibidem*)

E o escrevente-tradutor se mantém, então, mediador de um contrato entre o *Comunicante 1* (escritor) e o leitor 2, sempre em busca do “como dizer” (*ibidem*, p.43). A interpretação inicial vai apenas guiar seu processo de escritura e, ao reler e reinterpretar o que escreveu, julga se seu texto está adequado ou não ao seu propósito comunicativo, ou o que julga ser o propósito comunicativo.

Corrêa enriquece essa visão com a atribuição do papel de *Sujeito Analisante* ao tradutor. Segundo ela, existe um impasse quando da manutenção do contrato de fidelidade⁴ uma vez que a mensagem apreendida do texto é derivada do processo interpretativo do tradutor. Assim, o compromisso com a fidelidade do texto de partida (TP) em relação ao texto de chegada (TC) ultrapassa a fidelidade à sua leitura pessoal e ele é levado a proceder ao que ela chamou de “melhor leitura possível” num dado momento sócio-histórico-cultural. Em seu papel de sujeito analisante, o tradutor avalia previamente *onde, como, por quem, para quem e para quê* o Texto na Língua de Partida (TLP) foi produzido, assim como o *tipo de leitor* que estaria interessado no TLC, os *tipos*

⁴ O contrato de fidelidade se caracteriza pelo compromisso do tradutor em permitir ao leitor do TC efeitos de sentido semelhantes aos apreendidos ao se ler o TP e um “percurso de leitura análogo ao do leitor moderno do texto da língua de origem” (CORRÊA, 1991, p. 41)

de saberes que este leitor potencial possui e os tipos de saberes que terá de mobilizar para produzir o TLC.

2.2 “QUEM SÃO” O TRADUTOR?

Para elucidarmos melhor onde queremos chegar, mostramos passo a passo, como vemos o fazer tradutório e por onde guiamos nossa pesquisa.

Abordamos neste tópico os sujeitos do discurso vivenciados pelo tradutor quando receptor de um texto em L1 e produtor de um novo texto em L2.

A primeira etapa do processo tradutório é constituída pela leitura do texto na Língua 1 – o processo de recepção, que do nosso ponto de vista, se bifurca em dois momentos.

Diferentemente do que foi exposto até então acerca de onde começa a tradução, ou melhor, qual seria o momento inicial do processo tradutório, acreditamos que, dependendo do domínio que o leitor do texto de partida (TP) tem da língua estrangeira, ele necessita fazer uma primeira leitura para entender o texto de partida (TP). Nesse primeiro momento nosso leitor é o *EU-decodificador** de um texto que não é seu. Como *Eu-decodificador* entendemos o sujeito no momento em que ainda não se posicionou dentro do texto, estando inerte e aguardando o próximo passo. No nosso ponto de vista essa primeira leitura não constitui, ainda, uma tradução, mas uma aproximação do sentido do texto através da “decodificação dos signos”.

Num segundo momento, ainda dentro da primeira etapa, nosso leitor precisa traduzir o texto. Agora, ele buscará, além do domínio do código, já processado no primeiro momento, pistas que o guiem em direção a *o quê* representa aquele texto dentro de uma sociedade; ele se fará perguntas cujas respostas espera encontrar ali. Nessa etapa, o leitor começa a perceber se a leitura da fase 1 faz sentido, uma vez que ele passa a produzir os sentidos que acha coerentes, de acordo com suas experiências, negando ou confirmando o que inicialmente fôra apurado. Através das análises da situação de comunicação, de seus conhecimentos acerca do autor, do que ele imagina ser o projeto

de fala do autor, das estratégias discursivas utilizadas e do contrato de comunicação, esse leitor se encontra na situação de **TU-interpretante**** do texto em L1, o que na leitura de Corrêa (2001), seria o *Tu-analisante*, uma vez que aquele desempenha as mesmas funções que esse, no que diz respeito a considerar todas as variáveis possíveis que participam para que um texto faça sentido.

Sem se dar conta de que os papéis que desempenha são inerentes à sua tarefa tradutória, esse nosso leitor abandona, inconscientemente, tal posto e passa ao posto de “escrevente” de um novo texto em L2. Nessa segunda etapa, ele passa a codificar o texto que acabou de compreender, preocupando-se apenas com a forma e regras gramaticais. Ele é o **EU-codificador*****, que intenciona materializar a sua compreensão.

Porém, munido de bom senso (o que também depende do grau de intimidade com a L1) o escrevente passa a se questionar sobre o público que compartilhará seu texto, imaginando *como* seria esse público. Ao fazer isso, ele se transforma no **EU-comunicante******, que se constrói a partir do TU- destinatário, ou seja, da imagem idealizada do público-alvo. É nesse momento que seu texto passa a ganhar forma, coesão e coerência segundo o contrato comunicativo, considerando, evidentemente, seu público-alvo. Porém, para que esse escrevente tenha condições de prever *como* é seu público, é necessário que ele possa, no mínimo, imaginar *quem* ele seja.

Acreditando juntamente com Rui Rothe-Neves que a tradução deve ser vista como um processo de “produção de texto” (2001, p.52), após todo o processo de leitura e escritura, haverá a fase da revisão, que se constitui como etapa final (mas nunca definitiva) do processo tradutório. Nosso leitor-escrevente assumirá um último papel, a saber o de **EU-revisor*******.

Para melhor ilustrar o que dissemos, propomos um esquema que mostra como todas as pessoas do tradutor, presentes no processo tradutório se organizam e se orientam.

2.3 UMA NOVA REPRESENTAÇÃO COMUNICATIVA -E PROCESSUAL- DA TRADUÇÃO.

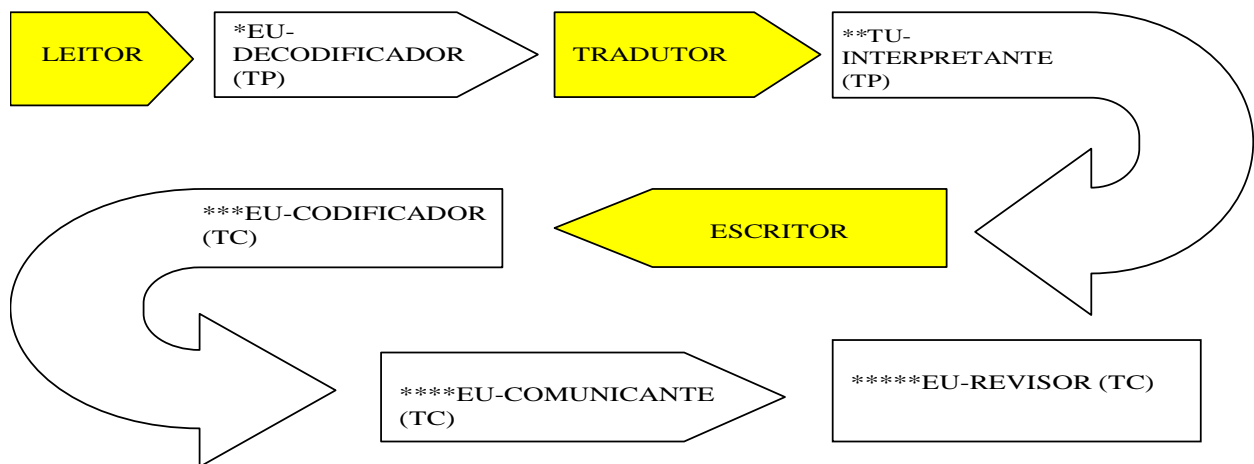
2.3.1 PROCESSO TRADUTÓRIO

Antes, porém, de apresentarmos nossa proposta referente aos papéis atribuídos ao tradutor, sob nosso ponto de vista, cremos necessário esclarecer o que entendemos por “processo tradutório”.

Seguindo conceitualização de Klaus e Buhr (1976, *apud* CORRÊA, 2000) *processo* se define como “a seqüência dinâmica dos diferentes estágios de uma atividade”. Assim sendo, se trataremos aqui do *comportamento tradutório* de nossos informantes baseando-nos nas etapas, ou estágios da tradução, cremos poder dizer que observaremos o comportamento tradutório dentro de um processo tradutório.

2.3.2 O NOVO ESQUEMA PROPOSTO

Esse esquema nos permite visualizar melhor o que entendemos como sujeitos envolvidos na tradução, assim como as etapas para a mesma, separando-as em relação a cada sujeito.



TP = Texto de Partida
TC = Texto de Chegada

2.4 LIGANDO OS PONTOS

Sempre tendo em mente a Análise Semiolinguística do Discurso, de Patrick Charaudeau, que nos apresenta como mais de 2 os sujeitos envolvidos no jogo da comunicação e desdobrando essa análise nas vias da Abordagem Comunicativa da Tradução, na proposta de Corrêa, que relaciona os sujeitos envolvidos no discurso aos papéis desempenhados pelo tradutor, buscamos ampliar essa gama de funções atribuídas ao tradutor mediante uma análise mais processual.

Ao pensarmos no tradutor primeiramente como um *Leitor*, então, nesse primeiro instante como um decodificador, não queremos, de maneira alguma, retroceder à idéia de que a tradução é mera decodificação de signos entre línguas. No entanto, o uso de dicionários por tradutores de todas as áreas (científicos, técnicos, juramentados, literários...) nos leva a crer que quem lê pela primeira vez um texto em língua estrangeira sente a necessidade de se calcar em algo concreto, que naquele momento é fornecido pelo dicionário: o significado de um vocábulo. Assim se justifica o *Eu-decodificador*.

Quando essa etapa é vencida surge o *Tradutor*, que precisa interpretar o que leu segundo sua própria vivência, mas também segundo seus conhecimentos prévios acerca do autor, fonte, ideologias... enfim, das circunstâncias de produção do texto de partida. Aqui, o *Tu-interpretante* do texto de partida deve estar totalmente inserido no dialogismo, proposto por Bakhtin ou, caso contrário, sua interpretação será de acordo, unicamente com as experiências vivenciadas por ele e com o que decidiu privilegiar, conforme proposto por Rosemary Arrojo.

Findo o processo de interpretação e compreensão do TP, apresenta-se em cena o *Escritor*, no papel de *Eu-codificador*, que cuida, basicamente, de imprimir no papel o que entendeu do texto lido, sem maiores preocupações com a escolha do léxico ou adaptações possivelmente necessárias.

Uma vez que o texto está no papel, ou até mesmo de forma simultânea à etapa anterior, nosso *Escritor*, dando vida ao *Eu-comunicante*, passa a se questionar sobre a validade daquele novo texto. Assim sendo, ele precisa adaptá-lo ao suporte onde ele será veiculado, aos interesses subjacentes

ao texto, ao público que ele imagina ser o leitor de seu texto... Mais uma vez nos deparamos com o dialogismo de Bakhtin e mais uma vez, na ausência de tais informações, corremos o risco de não conseguirmos adequar o novo texto a o quê seria sua proposta.

E como todo escritor, o nosso também não deixa de fazer uma nova leitura do que acabou de escrever. Após todas as hipóteses, conjecturas, correções e adequações, o escrevente, agora como *Eu-revisor* chega à última etapa de seu trabalho.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Esse trabalho busca tentar responder às perguntas: **A)** *Qual o comportamento tradutório de um tradutor inexperiente quando o texto a ser traduzido está desfalcado de seus componentes macro-textuais?* **B)** *Será que o conhecimento intuitivo do gênero textual ao qual pertence o texto de partida se mostra relevante no processo da tradução?* **C)** *De posse dos dados macro textuais antes omitidos haverá um tratamento diferenciado para a 2ª tradução, quando revista?* e ainda **D)** *Que papéis desempenha o tradutor quando leitor e tradutor- nos momentos da recepção e produção?*

Ao falarmos de tradução, devemos ter o cuidado de entender a diferença entre *Tradução* e *Estudos da Tradução*.

A “Tradução” seria o saber *fazer*, o conhecimento operativo ou procedimental, que se adquire com o tempo, pela prática; já os “Estudos da Tradução” instrumentalizam através da teoria, através do saber *o quê*. (*apud* Cintrão, 2009, p.253).

... devemos qualificar o saber traduzir como um conhecimento essencialmente de tipo operativo, ... é adquirido fundamentalmente pela prática. A tradutologia, por sua vez, é a disciplina que estuda a tradução. Trata-se, portanto, de um saber *sobre* a prática tradutória.
(Hurtado 2001, p.25, *ibidem*)

Ou seja, um conhecimento declarativo.

É importante esclarecermos que nossa pesquisa não pretende analisar “erros”, problemas ou estratégias de tradução, nem tampouco verificar quais técnicas tradutórias são utilizadas por nossos informantes. Ainda que usemos o produto final- a tradução- em algumas de nossas análises, agimos não com o intuito de determinar qual a melhor, ou a mais adequada, mas como elemento que nos permita verificar: 1) a manutenção/adequação do contrato de comunicação no texto traduzido, frente ao texto de partida; 2) os questionamentos levantados durante o ato tradutório que nos

remetam aos elementos extra textuais; 3) como é considerada a noção de gênero textual e 4) quais eram os momentos, no decorrer da tradução, em que o tradutor mudava de papéis, e assim, quais são esses papéis.

Todas as etapas aqui apresentadas são amparadas pela técnica dos protocolos verbais, através das técnicas de introspecção “*pensar alto*” e “*retrospecção*” e também de questionários estruturados, como método complementar, o que confere maior exatidão e legitimidade aos resultados da pesquisa.

Optamos pelos protocolos verbais uma vez que um de nossos objetivos é o de apurar como são as diversas reações de nossos informantes diante das duas situações que lhes são propostas. Para tanto, as gravações são o melhor recurso, já que podemos ouvir, voltar, pensar sobre, reavaliar as informações e dados apurados e reconsiderá-los, quando necessário.

3.1 COLETA DE DADOS

Nossa coleta de dados se deu através de questionários escritos, gravações em fitas cassete, sob a forma de protocolos verbais, além da análise da tradução, não como tradução, por si só, mas como meio para a investigação do comportamento tradutório.

3.2 OS QUESTIONÁRIOS

Para dar maior sustentação à nossa análise de dados, elaboramos questionários escritos que foram aplicados aos grupos de informantes. Os grupos 2 e 3 (Instrumental e Tradutores não-experientes) responderam a dois questionários denominados *Questionário 1* e *Questionário 2* e o grupo 1 (Tradutores Experientes) respondeu ao terceiro questionário, *Questionário Especial*, que versava sobre sua experiência profissional e opiniões pessoais, sempre voltadas para o fazer tradutório.

No que diz respeito aos questionários direcionados aos grupos “*Instrumental*” e “Tradutores não-experientes” o *Questionário 1* teve a maior concentração de perguntas sob a forma de respostas diretas, seja marcar X, seja respostas muitíssimos breves. O *Questionário 2* pedia aos informantes uma postura mais conectada com sua prática em relação ao tema proposto e respostas mais refletidas elaboradas.

A intenção das perguntas do *Questionário 1* era a de mapear globalmente o perfil do participante.

As questões de 1 a 5 eram de ordem identificatória- **1) Nome: 2) Nascimento: Idade: 3) Possui diploma de qual curso superior? 4) Profissão atual: 5) Há quanto tempo a exerce?** A partir da pergunta 6 começamos a checagem do hábito de leitura do informante. Nessa questão buscamos saber se haveria alguma leitura voluntária, por parte do respondente, dentro de seu campo de atuação profissional- **6) Como se mantém atualizado na sua área profissional?** Com a mesma intenção, a questão 7 oferece maiores oportunidades de o informante elencar, ainda que em último lugar, o fator “leitura”- **7) Qual ou quais são seus “hobbys”?** O item 8, agora de forma direta, pede que ele se lembre de suas últimas leituras, para que com isso possamos conhecer o lugar que essa ocupa em sua vida, em função das datas serem mais ou menos próximas ao período da pesquisa- **8) Últimos 3 livros lidos e datas aproximadas (qualquer tipo de livro: científico, técnico, literatura...):** Uma vez que nossos informantes são possuidores de diploma de nível superior e estão, voluntariamente, matriculados em um curso de língua francesa, partimos do princípio de que todos têm acesso a algum tipo de jornal. As questões de 9 a 13 visam conhecer que gêneros textuais fazem parte de seu dia a dia, seja de forma escrita ou oral, assim como o estilo de informação que preferem, segundo a emissora, o horário ou o site escolhidos- **9) A que tipos de jornais tem acesso? (várias opções são possíveis) a) () escrito. Qual/Quais? b) () pela televisão. Qual/Quais emissora(s) e qual/quais jornal/is? c) () por rádio. Qual emissora e qual horário, aproximadamente? d) () pela internet. Qual site? e) () outros. Especificar: 10) É assinante de um ou mais jornais*? Especificar. 11) Que seção prefere? Por quê * Em caso negativo, com que frequência lê jornal e qual? 12) É assinante de alguma revista**? Especificar. 13) Que seção prefere? Por quê? **Em caso negativo,**

com que frequência lê revista e qual? As perguntas 14 e 15 tiram o informante do âmbito “notícia/reportagem” e o colocam na esfera da descontração,- **14) Com que frequência vai ao cinema?** **15) Com que frequência vai ao teatro?** assim como a 16, que, no entanto, já busca identificar no informante o conhecimento de gêneros musicais, tirando-o da generalidade- **16) Qual tipo de música prefere ouvir?** (clássica, ópera, samba, reggae, MPB...) Da mesma maneira as questões 17 e 18, que se complementam e se reafirmam têm o intuito de colocá-lo frente a frente com sua postura pessoal, seja ela crítica, alheia ou conformada, segundo suas respostas- **17) Presta atenção às letras? Por quê?** **18) Atualmente qual seu cantor/cantora preferido?** Nos tópicos 19, 20 e 21 queremos identificar como se comporta nosso ajudante no quesito *escritor* e se ele apresenta uma postura diferenciada ao agir nas diferentes instâncias da comunicação escrita.- **19) Como se relaciona com amigos distantes? (pode marcar várias opções)** () cartas; () telefone; () e-mails; () internet (orkut, MSN, Skype,...) () outros. *Especificar.* **20) Em caso de conversa com amigos pela internet, você se mostra “tradicional” ao redigir seu texto ou opta pelas abreviações próprias da rede? Por quê?** **21) Ao digitar um e-mail, a forma varia segundo a pessoa para a qual você o está enviando?** Finalmente a questão 22 foi elaborada para avaliar se o suporte onde são veiculadas as informações pedidas se apresentam, de alguma forma, importantes para o respondente assim como se há recorrência de suporte, o que indicaria a priorização de um em relação a outro. A pergunta que se segue “*por quê*” quer tomar conhecimento da capacidade de o informante se posicionar- **22) Pare e pense:** a) *Uma publicidade que te marcou. Onde? Por quê?* b) *Uma reportagem. Onde? Por quê?* c) *Um drama na mídia. Onde? Por quê?*

Nossa intenção com o *Questionário 1* era de cercar de todas as formas que imaginamos possíveis os itens *leitura- gêneros textuais- escrita*, buscando identificar **se, quais e como** esses se fazem presentes no cotidiano dos sujeitos-informantes.

O *Questionário 2* foi elaborado visando questões mais especificamente sobre o tema *estudo da língua francesa - modos de tradução*.

A questão 1 busca conhecer se a formação escolar de quem criou o informante teve influência positiva no seu aprendizado da língua francesa, uma vez que o meio familiar tem, em geral, ecos no comportamento futuro de seus membros- **1) Qual a formação escolar de quem te criou?** A pergunta 2 quer saber se o contato com a língua francesa se deu de maneira agradável, voluntária, chocante, obrigatória... Imaginamos com isso poder antecipar o percurso de nosso informante no que diz respeito a facilidades e dificuldades no trajeto do aprendizado do francês- **2) Como foi seu primeiro contato com a língua francesa?** Os itens 3 e 4 incidem sobre a motivação- **3) Por que decidiu estudar francês?** **4) Por que escolheu essa metodologia?** Com as perguntas 5 e 6 esperamos confirmar as respostas dadas às duas perguntas anteriores- **5) Há quanto tempo estuda a Língua Francesa?** **6) Já começou e abandonou este ou outro curso de francês anteriormente? Se sim, por quê?** A questão 7 adentra no tópico da tradução, sem, no entanto, mencioná-lo. Ela busca do informante uma resposta breve, simplista, de como ele faz para compreender um texto desconhecido em Língua Francesa- **7) Quando tem em mãos um texto desconhecido em língua francesa, como faz para compreendê-lo?** No item 8 é a primeira vez que a palavra “ tradução” aparece claramente. Essa pergunta busca colocar o informante diante do termo “tradução” e de como a noção desse termo se manifesta nele- **8) Tem o hábito de traduzir textos em língua francesa, formal ou informalmente?** Da mesma maneira, a pergunta 9 requer um pensamento mais direcionado e ponderado acerca de como ele se comporta uma vez inserido em um processo tradutório- **9) Quando você pensa em como você traduz, quais são as etapas de que se utiliza para fazer uma tradução?** As questões 10 e 11 voltam, indiretamente, ao tema *gênero textual*, tentando evidenciar se o informante possui ou não a noção de que os textos são diferentes entre si e têm funções e apresentações diferenciadas- **10) Qual tipo de texto você mais gosta de traduzir ou tem mais prioridade em sua vida?** **11) Por quê?**

O questionário aplicado aos “Tradutores Experientes” (grupo 1- Controle), denominado *Questionário Especial* , tem, nas questões de 1 a 4, caráter identificatório- **1) Nome:** **2) Formação Profissional:** **3) Profissão atual:** **4) Há quanto tempo exerce:** A questão 5 investiga a possível interferência de outras línguas no trabalho de tradução- **5) Línguas estrangeiras que domina (e**

respectivas habilidades): O item 6 busca identificar algumas das demais atividades da vida do informante para tentar mapear se há sempre recorrência de atividades voltadas para a área das Letras- **6) Hobbys:** , assim como a pergunta 7 visa saber se há uma separação do que seja lazer e profissão, ou se ambas se comunicam de forma clara e consciente- **7) Tipos de Leituras:** **a) como lazer:** **b) para a profissão:** As questões de 8 a 22 investigam o tema “fazer tradutório” e suas prioridades. Assim, a 8 investiga se houve preparação formal no percurso do informante como tradutor, conferindo-lhe um conhecimento declarativo que lhe garanta o saber o quê fazer- **8) Fez algum curso ou disciplina que o/a preparasse tecnicamente para a tradução?** A 9 e a 10 buscam identificar qual seria o primeiro olhar do profissional ao tomar em mãos, pela primeira vez, um novo texto a ser traduzido- **9) Qual o primeiro cuidado que toma ao pegar um texto para traduzir?** **10) O que observa num texto antes de começar a tradução?** O tópico 11 requer um alinhamento das etapas de tradução estabelecidas pelo profissional, por ordem de execução. A resposta desse item nos permitirá uma comparação com as respostas dos demais grupos- **11) Sua tradução segue quais etapas, em linhas gerais?** As perguntas 12 e 13 se afastam um pouco do fazer tradutório como tal, 12 ao mesmo tempo em que a 13 faz um levantamento do quadro de demanda mais freqüentes- **12) Qual tipo de texto traduz com maior freqüência?** **13) Qual tipo de texto prefere traduzir? Por quê?** As questões 14,15 e 16 insistem num único eixo: a importância da presença de informações extra textuais no texto a ser traduzido. Obviamente outras respostas poderão ocorrer, no entanto esperamos que haja menção ao item que investigamos- **14) Em sua opinião, qual a maior dificuldade que pode aparece em um texto a ser traduzido?** **15) O que mais o/a incomoda ao traduzir um texto?** **16) O que não pode estar ausente em um texto a ser traduzido?** Finalmente, a questão 17 quer saber se a tradução pode ser considerada como algo acabado e definitivo pelo profissional da área- **17) Ao terminar a tradução de um texto, como enxerga seu trabalho? Haveria algo ainda a ser modificado?** E para encerrar, no item 18 queremos saber como o profissional equaciona a questão da fidelidade, em termos de escolhas- **18) Sobre fidelidade tradutória: qual priorizar?** E, finalmente, no 19, a idéia é saber se encara a

profissão como algo pronto, ou se está aberto a novos olhares- **19) Como se mantém atualizado na sua área?**

3.3 OS PROTOCOLOS VERBAIS

A metodologia introspectiva, também conhecida como relato de protocolo verbal, extraída das Ciências Sociais, mais diretamente da psicologia, começou a ser utilizada nas pesquisas em tradução a partir do início da década de 80. Essa técnica, que diz respeito à investigação de processos mentais, consiste em solicitar aos informantes/tradutores que verbalizem tudo o que lhes vem à mente enquanto traduzem ou após a tarefa executada. (Tavares, 1993.)

As técnicas introspectivas podem ser categorizadas em dois tipos básicos: a) a introspecção do pensamento corrente e b) a retrospecção.

No tipo “introspecção do pensamento corrente”, existem duas técnicas: a de “pensar alto” e a de “falar alto”. Nesse trabalho nos deteremos na técnica do “pensar alto”, no entanto, não poderemos afirmar que não haverá divagações por parte dos informantes ao analisarem seus textos.

A técnica do “pensar alto” requer que o sujeito da pesquisa “antes de oralizar o que lhe vem à mente, realize uma codificação verbal de cada informação nova acessada durante a resolução de um problema. Apenas ao término da oralização de uma informação acessada, o sujeito passaria para a próxima, numa seqüência.” (Corrêa e Neiva, 2000). Além disso, podemos pedir ao informante que descreva o que está fazendo e tente explicar seus pensamentos.

A técnica da “retrospecção” também pode ser dividida em 2 sub-categorias: a “retrospecção imediata” (que é a que será utilizada, em maior peso, nesta pesquisa) e a “retrospecção protelada”. Ambas pedem ao informante que relate os pensamentos que teve durante a execução da tarefa, após seu término. A diferença entre elas reside no intervalo de tempo decorrido entre o fim da tarefa e o início da verbalização. Se esse intervalo não exceder 30 minutos, tem-se uma “retrospecção imediata”, caso esse tempo seja superior a 30 minutos, é o caso de uma “retrospecção protelada”. O

interesse por usarmos também essa técnica está na possibilidade de se obter dados qualitativos, uma vez que, de natureza subjetiva, os informantes podem explicitar as partes do trabalho que mais lhes chamaram a atenção.

3.4 OS SUJEITOS INFORMANTES

Para pôr em prática a pesquisa, propusemo-nos a trabalhar com 3 grupos de informantes compostos por três membros cada. Os grupos se definem, além de dominarem a língua francesa (em níveis diferenciados entre si), pela mesma especificidade: a de serem compostos por mulheres maiores de 30 anos, possuidoras de curso superior.

O grupo 1, ao qual chamamos de “*Tradutores Experientes*”, seguindo nomenclatura proposta por Adriana Pagano (2000), se caracteriza por serem tradutores profissionais, com mais de 5 anos na profissão, com trabalhos já publicados e reconhecidos por seus pares. Esse grupo será nosso Grupo Controle. O grupo 2, doravante “*Instrumental*”, é formado por alunos provenientes de diversas áreas profissionais que freqüentaram aulas de francês instrumental, com interesse na língua francesa unicamente para participar de processo de seleção de mestrado ou doutorado. Finalmente o grupo 3, “*Tradutores não-experientes*”, são alunos de francês de curso particular (fora da rede de ensino oficial), com mais de 4 anos de estudos sistemáticos da Língua Francesa, e que se encontram em estágio avançado dentro do aprendizado dessa língua no que diz respeito às quatro habilidades: compreensão oral e escrita e produção oral e escrita, conforme critérios estabelecidos pelo Quadro Comum Europeu de Avaliação.

Os grupos 2 (Instrumental) e 3 (Tradutores não-experientes) têm designações diferenciadas apenas por questão de clareza durante a pesquisa, porém, durante a investigação e na análise dos dados, ambos foram considerados “Tradutores não-experientes”.

Optamos por essas três categorias de informantes por acreditarmos que a comunidade tradutora, representada por cada membro de cada grupo por nós constituídos, apresenta características diferenciadas entre os grupos, mas semelhantes entre os membros de cada grupo, no que diz respeito a *o quê* priorizar na leitura, tradução e conseqüentemente, no resultado do produto final (com reflexos em seu comportamento tradutório). Optamos ainda que todos fossem mulheres, uma vez que, como trabalhamos com gravação, apostamos na maior facilidade de verbalização dessas e principalmente por se tratar de um texto “aparentemente” direcionado para um público feminino cujo “ethos” se constrói no texto publicitário em questão pelo enfrentamento e confronto com o universo masculino.

A) GRUPO 1 - Tradutores Experientes

A competência tradutória dos tradutores profissionais caracteriza-se por ser um conhecimento especializado teórico (conhecimento declarativo) ao mesmo tempo que é um conhecimento operativo, ou seja, eles sabem *como fazer*. (PACTE, 2003, p.92 *apud* Cintrão, 2009).

... Consiste na habilidade de percorrer o processo de transferência, da compreensão do texto-fonte à reexpressão do texto meta, levando em conta a finalidade da tradução e as características dos destinatários. (*ibdem*)

Nesse sentido, entendemos que os membros do grupo 1, “*Tradutores Experientes*”, uma vez inseridos no mercado de trabalho já possuem internalizados o conjunto de informações extra textuais relevantes de serem conhecidas, e requisitadas, sobre o texto a ser trabalhado. Assim sendo, cremos que o processo tradutório assim como as prováveis questões levantadas por eles para se chegar a uma tradução que julguem a mais adequada, assim como ao produto final, serão manifestadas no sentido do questionamento das informações extra textuais faltantes no texto a eles apresentado.

B) GRUPO 2 - Instrumental

A escolha da especificidade do grupo 2, “*Instrumental*”, ocorreu em função de conhecermos as motivações que levam essas pessoas a procurar aulas instrumental de língua estrangeira e de sabermos, principalmente, como são as técnicas utilizadas para levar o aluno a compreender o texto, em um curto espaço de tempo.

A aula instrumental busca, como o próprio nome sugere, instrumentalizar o aluno, num período relativamente curto, a ler e compreender o essencial de um texto para o desempenho da atividade a que se propõe. Para tanto, ele é apresentado a algumas estratégias de leitura que envolvem: a) fazer previsões do conteúdo do texto a partir da análise de títulos, gráficos e ilustrações e do acionamento do conhecimento de mundo e conhecimento prévio do assunto pelo leitor; b) estimular o aluno a concentrar a atenção nas palavras cognatas e deduzir o significado de palavras desconhecidas a partir do contexto; c) procurar informações específicas ou fazer uma leitura rápida para verificar a idéia central do texto sem se preocupar com o conhecimento isolado de cada palavra ou com vocábulos desconhecidos...

Assim sendo, acreditamos que as questões que serão suscitadas por esse grupo poderão se assemelhar às do primeiro (*Tradutores Experientes*), não pelo domínio dos conhecimentos declarativos e/ou operacionais, mas por terem sido treinados a buscar no texto dados extras que os ajudem na compreensão global do texto a ser trabalhado, ainda que essas aconteçam de forma mais discreta e tímida. Imaginamos, porém, que o comportamento tradutório será bastante distinto ao do terceiro grupo (*Tradutores não-experientes*), podendo acontecer, entretanto, de os informantes desse Grupo *Instrumental* se prenderem um pouco ao léxico, como imaginamos acontecerá com o Grupo 3.

C) GRUPO 3 - Tradutores não-experientes

Esse grupo contou com estudantes de língua francesa de curso particular, fora da rede de ensino oficial, em estágio considerado avançado nas quatro competências: habilidades de compreensão e produção oral e escrita.

A escolha por essa terceira categoria⁵ leva em consideração as observações, a partir da experiência de sala de aula, de que esse tipo de aluno, ao ler um texto em língua estrangeira, prioriza a decodificação mais do que propriamente sua compreensão. Além de nossa observação empírica, podemos nos amparar em Toury (1986,1987 *apud* Cintrão, 2009, p.259) que

apresentou dados apontando que uma importante diferença entre sujeitos mais e menos competentes na tradução é que sujeitos pouco experientes trabalham com unidades mais microtextuais, especialmente a palavra...

ou seja, de maneira geral, eles apenas estabelecem a equivalência dos significados lexicais.

Não é de hoje que os estudos da tradução vêm apontando que tradutores novatos parecem traduzir no microtexto...raramente ultrapassam as fronteiras da oração, e simplesmente não percebem as pistas estilísticas e as pistas relacionadas á coesão e coerência do texto em seu conjunto. (SHREVE, 1997, p.135, *ibdem*: 259)

Pensando na relação dos nossos leitores-tradutores do grupo 3 com a mensagem escrita, lembramos Carrell (1990, *apud* CUNHA, Renata C.), que descreve tal interação através de dois processos: *Bottom up* e *Top Down*.

O processo *Bottom up*, também chamado de ascendente, é explicado como

⁵ Nossa escolha por um grupo de informantes já adiantado nos conhecimentos da língua francesa se deu por acreditarmos que o comportamento tradutório desse grupo seria altamente prejudicado caso houvesse uma grande dificuldade com o léxico.

a decodificação de unidades linguísticas (fonemas, grafemas, palavras) construindo o significado de unidades menores para maiores e então modificando o conhecimento já existente e as predições, tendo como base as informações encontradas no texto.” (*ibidem*)

Em outras palavras, decodificação.

Já o processo *Top Down*, ou descendente, se caracteriza como sendo

a ativação de predições sobre o texto baseado em nossa experiência anterior, passando ao texto para confirmar essas predições, refutando-as ou aceitando-as. (*ibidem*)

confirmando, assim, a importância do conhecimento prévio do leitor e das suas expectativas e deduções em relação ao texto, assim como a análise dos dados extra textuais.

Embora esses dois modelos sejam distintos, o grau de habilidade do leitor, como leitor, depende de como ele lida com esses dois tipos de leitura.

Diante disso podemos supor que os informantes dos grupos 1 e 2, reagirão de forma semelhante à ausência de informações adicionais sobre o texto, uma vez que suas práticas em leitura do tipo *Top Down* é mais intensa do que no grupo 3 que por sua vez, por falta de hábito tradutório, se enquadra na processo *Bottom up*.

Os informantes do grupo 1 (*Tradutores Experientes*) e mais especificamente os do grupo 2 (*Instrumental*), talvez pelo “condicionamento” desse último adquirido nas aulas de instrumental, ao lerem o texto irão muito além da mera extração de significado das palavras e das frases: eles serão capazes de estabelecer relações entre o significado, as representações gráficas do texto escrito e as informações extra textuais, além de ressentir e reagir à ausência de demais dados. O grupo 3, imaginamos, se satisfará em apresentar um texto traduzido, onde o que contará será a capacidade de verter as palavras, sem nenhuma preocupação com informações extra textuais ou com o próprio estilo do texto.

3.5 AS ETAPAS DA COLETA DE DADOS

O primeiro contato com os informantes se deu por telefone, quando foi-lhes explicado que eles participariam de uma pesquisa de dissertação de mestrado e que seus trabalhos consistiriam em responder a questionários, fazer a tradução de um dado texto em dois momentos diferentes.

A dinâmica com os três grupos seguiu a mesma metodologia. Ela foi dividida em 3 etapas: na primeira, a aplicação dos questionários foi feita com todos os membros de cada grupo, separadamente. O *Questionário 1* foi aplicado sem necessidade de intervenção obrigatória de nossa parte, no entanto, no *Questionário 2* pedimos que, a partir da questão 7, nenhuma questão fosse pré-visualizada antes do momento de ser respondida, para evitar que a pergunta seguinte interferisse, ou direcionasse, a resposta anterior.

No segundo momento, apresentamos aos informantes um texto do gênero publicidade escrita, publicado na revista *Marie Claire*, datada de julho de 2008, sem que, no entanto, eles tivessem acesso a qualquer desses ou de outros dados. Essa etapa foi feita em locais diferenciados, propostos por cada informante, sempre visando facilitar o bem-estar do informante e o melhor desenrolar dos trabalhos. Pedimos a cada membro para traduzir o texto, manifestando oralmente todo seu raciocínio e processo mental. Ao solicitarmos essa atividade não adentramos em nenhum outro por menor, apenas dissemos: “Este é o texto que você vai traduzir. Pode usar os dicionários que quiser, não há limite de tempo e não se esqueça de falar tudo o que está fazendo ou pensando.” A partir de então começamos as gravações em fitas cassetes, dando início aos protocolos verbais.

O terceiro momento, transcorridos alguns dias do segundo evento, consistiu em que os participantes, diante do texto original e de sua tradução fizessem uma revisão do que foi feito. Nesse momento, porém, o texto original apresentava todas as informações anteriormente “negligenciadas”. Nessa etapa observamos se as “novidades” (dados macro textuais) presentes no texto, agora apresentado em sua forma integral, davam aos informantes a sensação de que algo

poderia, ou deveria, ser modificado em função das informações mais claras, para se obter um texto de chegada mais adequado e coerente e cumprir o contrato de comunicação do texto de origem.

A pesquisa de análise do comportamento tradutório começou, de fato, a partir da separação do trabalho nessas duas últimas etapas cujo objetivo foi respondermos a essas quatro perguntas: A) *Qual é o comportamento tradutório de um não tradutor quando seu texto de partida está fora de contexto real, sem informações extra textuais?* B) *Identificar o gênero textual do texto de partida, ainda fora de contexto, pode ajudar no processo tradutório?* C) *Como, e se, o contrato de comunicação do texto de partida foi garantido nos dois momentos da tradução: antes e depois do acesso aos dados extra textuais;* D) *Se todos os papéis do tradutor, propostos por nós, se confirmaram, em parte ou totalmente, ou em momento nenhum.*

Para registro dos protocolos verbais, tanto os de introspecção como os de retrospecção, as gravações foram feitas em gravador simples, de fita cassete, de fácil manuseio.

Em todos os dois momentos propostos para o trabalho de tradução os informantes tiveram acesso a quatro tipos de dicionários: 1) um monolíngue, em francês (Le Robert- Micro- Poche 1), 2) um monolíngue, em português (Mini Aurélio- séc.XXI), 3) um bilíngue português/francês-francês/português (Michaelis- Dicionário Escolar) e 4) um bilíngue francês/português (Dicionário Francês/Português- Ed. RIDEEL LTDA.) Não houve delimitação de tempo, uma vez que não era nosso objetivo condicionar produção a tempo.

3.5.1 OBJETIVO DAS ETAPAS

Após as gravações dos dois momentos da tradução, passamos a observar, com olhar direcionado, as reações de nossos informantes.

Nosso intento, no primeiro momento do trabalho tradutório, foi identificar como se daria a primeira etapa da tradução - se haveria ou não a confirmação da presença do *Eu-decodificador*, manifestada através de balbucios, idas ao dicionário, ou espaços em branco.

Uma vez ultrapassado esse nível, atentamos para como o *Tu-interpretante* entraria em ação: - se haveria ou não a construção de hipóteses sobre o gênero que estava sendo traduzido, assim como a manifestação da necessidade, ou curiosidade, de se ter mais informações sobre o texto a ser traduzido. À medida que, e se, eles sentissem a necessidade de qualquer informação sobre as circunstâncias de produção do texto original, assim como qualquer outra dúvida, observação ou mera curiosidade, deveriam se manifestar verbalmente.

Ao trabalho de interpretação seguiu-se o de escrita, e sempre amparados pela técnica dos protocolos verbais, passamos a observar como essa se processou: se houve, ou não, a presença do *Eu-codificador* (anterior ou paralela à do *Eu-comunicante*) e se, quando da escrita final do primeiro momento, *como*, e *se*, o *Eu-comunicante* reagiu ante à falta de informação sobre quem seria o seu público.

3.6 O CORPUS

O *corpus* escolhido para nosso trabalho foi um texto publicitário- comercial, apresentado na revista francesa Marie-Claire, datada de julho de 2008.

Escolhemos fazer nossa pesquisa baseada na tradução de um texto escrito por estarmos lidando com um público com domínio e prática variados tanto em língua francesa, como em tradução. Assim, acreditamos que as facilidades de idas e vindas do leitor ao ler o texto e a liberdade que este lhe dá podendo repetir o processo de leitura quantas vezes julgar necessário nos facilitaria o trabalho de detecção de reações mediante o comportamento mais livre e atemporal que um texto escrito permite.

Optamos por um texto publicitário⁶ por considerarmos que o reconhecimento desse gênero textual não apresenta dificuldades quando inserido em seu contexto primário e também por

⁶ Aqui não levaremos em conta a distinção proposta por Charadeau (1995) entre propaganda política, propaganda comercial e publicidade comercial.

acreditarmos que a interação entre leitor e texto se processa de maneira quase que espontânea, ou seja, ainda que o leitor não queira consumir, ou acreditar, no produto que está sendo apresentado pela propaganda ele, no mínimo, reconhece a intenção da existência do texto, isto é, o contrato de comunicação.

O texto foi apresentado aos informantes, num primeiro momento, exatamente como o retratado na Figura 1: apenas com a imagem da mulher, o texto propriamente dito e o slogan. Tratava-se de um xerox, preto e branco, adaptado para oferecer as condições desejadas nesse primeiro momento da pesquisa.

A curiosidade dessa publicidade é que ela apresenta, em relação à formatação de seu texto, à primeira vista, a forma de um poema e, em nenhum momento do texto ela faz referência a algum tipo de produto, muito pelo contrário, a única apologia feita é em relação à posição da mulher no mundo, sua garra e força transformadora. Além da mensagem veiculada no texto, observa-se na imagem da mulher um olhar dominador, dono de si e seguro de tudo. Nota-se também em sua pose, que, apesar dos braços cruzados, ela está pronta para encarar de frente toda e qualquer situação. Aos três grupos de informantes, o slogan não soou tão claramente como tal, talvez porque as três primeiras palavras que o compunham não eram francesas.

Figura 1



A imagem a seguir (Figura 2) foi apresentada somente no segundo momento da tradução, quando os informantes tiveram acesso ao contexto real do texto, fonte, suporte e data. Naquele momento, munidos de toda informação lexical, linguística, social e icônica, lhes foi possível reenquadrar as informações, numa maior compreensão e adequação. Foi-lhes oferecida a revista de onde o texto foi retirado, com todas as possibilidades de questionamentos e recursos.

Não podemos nos esquecer de que o texto escolhido o texto escolhido apresenta um “ethos” feminino que se constrói por oposição ao masculino e em diálogo com ele e isso foi de grande riqueza no decorrer das traduções, pois em alguns momentos percebemos diálogos internos (felizmente externalizados pelos protocolos verbais) com concordância ou discordância à medida em que se avançava no texto e em sua compreensão.

3.7 TÓPICOS DE ANÁLISE

De acordo com nossa proposta de responder: A) “Qual o comportamento tradutório de um tradutor inexperiente quando o texto a ser traduzido está desfalcado de seus componentes macro-textuais?”; B) “Será que o conhecimento intuitivo do gênero textual ao qual pertence o texto de partida se mostra relevante no processo da tradução?”; C) “De posse dos dados macro textuais antes omitidos haverá um tratamento diferenciado para a 2ª tradução, quando revista?” e D) “Que papéis desempenha o tradutor quando leitor e tradutor?”; elencamos alguns itens a serem observados.

Para a análise do tópico A (*Qual o comportamento tradutório de um tradutor inexperiente quando o texto a ser traduzido está desfalcado de seus componentes macro-textuais?*) julgamos necessário observar, separadamente, os dois momentos da tradução. Assim, consideramos: 1) a reação dos informantes ao receberem o texto da 1ª tradução; 2) questões levantadas sobre as condições de apresentação do texto, na 1ª tradução: observância da presença, ou não, de dados macro textuais relevantes; 3) observações feitas durante as traduções: interação com o texto (1ª tradução e 2ª tradução).

Para conseguirmos responder ao item B) (*se o conhecimento intuitivo do gênero textual ao qual pertence o texto de partida se mostra como um aliado do tradutor nesse processo de tradução*) perguntamos sobre a impressão dos informantes a respeito da apresentação visual do texto, no momento em que o tiveram, pela primeira vez, nas mãos.

Em relação à pergunta C (*se de posse dos dados macro textuais antes omitidos haverá um tratamento diferenciado para a 2ª tradução, garantindo o contrato comunicativo do texto de chegada*) foi preciso comparar as duas traduções de cada informante, tentando detectar se na segunda havia um mínimo de adequação para respeitar o contrato de comunicação do texto de partida, ou seja, vender um produto, no caso, um carro.

E, finalmente, à pergunta (*Que papéis desempenha o tradutor quando leitor e tradutor- nos momentos da recepção e tradução?*) precisamos proceder passo a passo. Primeiramente verificamos, analisando os questionários escritos, como o informante pensava proceder no momento de uma tradução. De acordo com os protocolos verbais fomos verificar, minuciosamente, na prática, por quais etapas nosso colaborador passava, desde o momento que se via como leitor até o momento de revisor de um novo texto. Para tanto, tivemos o cuidado de questionar cada passo, cada momento em que ele esteve com o texto nas mãos.

3.8 NOSSAS HIPÓTESES

Esse trabalho se propôs a responder a algumas perguntas que, cremos, serão importantes no exercício da profissão de professores de língua estrangeira.

Como profissionais do magistério, preparamos alunos que serão, como nós, formadores. Ainda que formar tradutores não seja a intenção de alguns de nossos cursos ou mesmo nossa intenção primeira em sala de aula, é importante que estejamos atentos para o quê faz diferença ou não na maneira de o aluno apreender a questão da tradução e do fazer tradutório. Assim, as perguntas que levantamos, e suas respostas, vão nos ajudar a entender e aparar algumas arestas que julgamos já prontas, mas que ainda podem ficar melhores, guiando-nos sob um outro olhar, uma nova maneira de fazer.

A pergunta A “Qual o comportamento tradutório de um tradutor inexperiente quando o texto a ser traduzido está desfalcado de seus componentes macro-textuais?” nos faz pensar que, de maneira geral, não haverá consciência, por parte dos tradutores inexperientes, que possa haver algo além do texto. Assim sendo, a inexistência dos dados extra textuais, imaginamos, não representará problema algum.

Ao levarmos em conta a pergunta **B** “Será que o conhecimento intuitivo do gênero textual ao qual pertence o texto de partida se mostra relevante no processo da tradução?” acreditamos que o reconhecimento do gênero textual pode funcionar, sim, como aliado, no entanto, pode ser que as pistas guiem para um lugar que não corresponda à realidade.

Considerando a questão **C** “Uma vez munidos dos dados antes omitidos, esses propiciarão um tratamento diferenciado à primeira tradução, quando revista?” Acreditamos que haverá modificação, uma vez que esses dados revelam, principalmente, do que se trata o texto e qual seu objetivo e desta forma, cremos que o contrato comunicativo do texto de partida será preservado no texto de chegada.

Finalmente nossa hipótese para questão **D** “Que papéis desempenha o tradutor quando leitor e tradutor?” é a de que tanto o tradutor profissional como o inexperiente passam pelos mesmos processos no momento da tradução, e, para nós, um desses processos é o de decodificação (1ª leitura do TP) e o de codificação (1ª versão do TC).

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS DADOS

4.1 OS QUESTIONÁRIOS

Antes de procedermos à análise para respondermos as perguntas levantadas por essa pesquisa julgamos necessário apresentar os resultados obtidos através dos questionários, para que tivéssemos um panorama que nos informasse o perfil de nossos informantes, em um contexto mais abrangente.

Começamos, então, pela análise de dados do *Questionário 1* respondido pelos grupos 2 e 3, separadamente. Em cada grupo havia 3 informantes. Analisamos a partir da questão 6, uma vez que as anteriores foram meramente identificatórias e para aquecimento. Como esse questionário apresentasse questões simples de marcar X ou escrever SIM ou NÃO, consideramos, para efeito de análise, que a opção de deixar em branco, ou simplesmente colocar um traço no espaço que seria para ser escrito, é válida como um NÃO.

Como já dito anteriormente, a intenção do *Questionário 1* era de cercar de todas as formas os itens *leitura- gêneros textuais- escrita*, buscando identificar *se, quais e como* esses se fazem presentes no cotidiano dos sujeitos-informantes.

QUESTIONÁRIO 1

4.1.1 GRUPO 2 (*INSTRUMENTAL*)

À pergunta 6 (**Como se mantém atualizado na sua área profissional?**) todos os 3 informantes foram unânimes em dizer que buscavam uma formação permanente, através de revistas especializadas, congressos e até mesmo internet, o que caracteriza, dentre outras possíveis

cogitações, a presença de um hábito de leitura. À questão 7 (**Qual ou quais são seus “hobbys”?**) apenas 1 informante tocou no tema “estudo”, demonstrando assim, que a leitura, como fonte direta de prazer, não ocupa um lugar muito especial. Diante da pergunta 8 (**Últimos 3 livros lidos e datas aproximadas- qualquer tipo de livro: científico, técnico, literatura...**) 2 informantes informaram os livros pedidos, as datas, assim como a leitura simultânea de dois deles no mínimo, atualmente e 1 informante apenas citou os livros, sem datá-los. Acrescentamos ainda que todos eles citaram, ao menos dois títulos pertencentes à sua área de atuação profissional. Sabemos que a leitura não é um “hobby”, no entanto, ocupa lugar de destaque na vida profissional desses informantes. A questão 9 (**A que tipos de jornais tem acesso?- várias opções são possíveis-** a) () *escrito. Qual/Quais?* b) () *pela televisão. Qual/Quais emissora(s) e qual/quais jornal/is?* c) () *por rádio. Qual emissora e qual horário, aproximadamente?* d) () *pela internet. Qual site?* e) () *outros. Especificar*) deixou-nos surpresos ao constatarmos que a opção “Jornal Escrito” não apareceu em nenhum momento e que o televisivo foi citado 2 vezes, assim como a internet. Apesar de haver outras opções disponíveis, nenhuma delas foi apontada. Todos os informantes souberam dizer quais eram seus respectivos jornais e emissoras escolhidas. Para nossa surpresa ainda maior (e espanto) nenhum informante se disse assinante de algum jornal, na questão 10 (**É assinante de 1 ou mais jornais? Especificar.**), entretanto a questão 11 (**Que seção prefere? Por quê?**) foi respondida por 2 deles, e preferindo, todos, as seções correspondentes à cultura e política, porém o motivo não foi apontado por ninguém. Sobre a frequência da leitura do jornal, 1 informante não respondeu, 2 disseram diariamente mas 1, dentre esses, explicitou: apenas notícias de 1ª página. A questão 12 (**É assinante de alguma revista? Especificar.**) foi respondida negativamente por 2 informantes e o terceiro assina revista de variedades. Tivemos na questão 13 (**Que seção prefere? Por quê? **Em caso negativo, com que frequência lê revista e qual?**) 2 informantes que não responderam, e o que respondeu apontou seção de sua área profissional. Essas questões de 9 a 13 que acabamos de apresentar tinham como objetivo verificar o discernimento dos informantes em relação aos gêneros

pertencentes, mais particularmente, ao mundo midiático e, de maneira geral, eles têm acesso a várias formas de apresentação e utilização dos gêneros, uma vez que podem consultar livros, revistas e jornais, sejam escritos, na internet ou em revistas, ainda que não sejam leitores de material próprio, ou seja, assinantes. Tivemos como resultado da pergunta **14 (Com que frequência vai ao cinema?)** respostas variadas: quinzenalmente, mensalmente e 3 vezes ao ano, caracterizando, apesar da esporadicidade, o domínio atualizado de um outro gênero. No entanto, as respostas à pergunta **15 (Com que frequência vai ao teatro?)** mostram que o gênero “teatro” é muito menos frequentado, pois 1 informante não respondeu, 1 disse “raramente” e o outro, semestralmente. O tópico **16** foi respondido por todos (**Qual tipo de música prefere ouvir? - clássica, ópera, samba, reggae, MPB...**) apontando a preferência unânime pela MPB (3 aparições), seguido do samba (2 aparições) e música clássica (1 aparição) permitindo-nos detectar aqui também o acesso e reconhecimento de diversos gêneros musicais. Com as respostas dadas à questão **17 (Presta atenção às letras? Por quê?)** complementando a questão subsequente, encontramos em nossos informantes uma postura extremamente crítica e consciente, uma vez que à esta pergunta eles foram unânimes em responder que o fazem para selecionar a mensagem e conhecer a ideologia presente nas letras. Sobre item **18 (Atualmente qual seu cantor/cantora preferido?)** detectamos 2 informantes que apontaram cantores nacionais e apenas 1 citou cantor estrangeiro. Mudando um pouco o foco do reconhecimento dos “Gêneros Textuais” para a posição de escritor, perguntamos aos nossos informantes: **19- Como se relaciona com amigos distantes? -pode marcar várias opções-** () cartas; () telefone; () e-mails; () internet (orkut, MSN, Skype,...) () outros. *Especificar* e percebemos que o telefone foi apontado 3 vezes, seguido pela internet, citada por 2 informantes. A questão **20 (Em caso de conversa com amigos pela internet, você se mostra “tradicional” ao redigir seu texto ou opta pelas abreviações próprias da rede? Por quê?)** detectou que apesar da modernidade, nossos informantes continuam tradicionais, uma vez que, dos 3, 2, dentre eles, não adaptam, por hábito, suas escritas às novas formas de se comunicar na internet

e apenas 1 disse fazê-lo, apesar de ser raro usar a internet para isso. A pergunta **21** foi bastante direta (**Ao digitar um e-mail, a forma varia segundo a pessoa para a qual você o está enviando?**) pois objetivava saber se os informantes reconheciam como diferentes os gêneros *carta* (tradicionalmente falando) e *e-mail*. Segundo suas respostas, parece que sim, pois todos fazem a mudança. A questão **22** (**Pare e pense: a) Uma publicidade que te marcou. Onde? Por quê? b) Uma reportagem. Onde? Por quê? c) Um drama na mídia. Onde? Por quê?**) esclareceu que o suporte “televisão” é o mais lembrado pelos informantes, pois foi citado em algum dos momentos requisitados , quanto à pergunta “por quê” todos responderam a pelo menos 1 dos itens, confirmando a postura crítica já revelada anteriormente.

Nesse questionário respondido por esse grupo pudemos, então, constatar que: **a)** existe, informalmente, o reconhecimento da existência de vários gêneros textuais, presentes no dia a dia; **b)** a leitura não é adotada como fonte de lazer, mas é considerada importante para a atualização profissional e **c)** na prática, adota-se uma postura tradicional para se lidar com a modernidade tecnológica em relação à escrita, deixando-nos a suspeita de que os gêneros textuais envolvidos nessa questão ficam prejudicados.

4.1.2 GRUPO 3 (TRADUTORES NÃO-EXPERIENTES)

Nova análise a partir da pergunta **6 (Como se mantém atualizado na sua área profissional?**) mostra uma confirmação do que apresentamos na análise do grupo anterior, pois 100% apontou a formação permanente como forma de atualização, citando a leitura sob vários aspectos, ratificando seu hábito. À questão **7 (Qual ou quais são seus “hobbys”?**) apenas 1 informante falou em “leitura”, também confirmando aqui, que é um assunto que não faz parte do campo “lazer”, não tendo lugar especial. Diante da pergunta **8 (Últimos 3 livros lidos e datas aproximadas-** qualquer tipo de livro: científico, técnico, literatura...) 2 informantes informaram os livros pedidos, as datas, assim como a leitura simultânea de dois deles atualmente por 1 desses informantes, o outro apenas

mencionou os nomes dos livros, sem datá-los. Interessante notar que, mais uma vez, todos os livros citados fazem parte do campo de atuação profissional do informante. Se ela não é lazer, o uso profissional que se faz dela é exemplar. A questão **9 (A que tipos de jornais tem acesso?- várias opções são possíveis- a) () escrito. Qual/Quais? b) () pela televisão.Qual/Quais emissora(s) e qual/quais jornal/is? c) ()por rádio.Qual emissora e qual horário, aproximadamente? d)() pela internet. Qual site? e) () outros.Especificar)**, contrariamente ao ocorrido no grupo anterior, apontou 2 opções para o “Jornal Escrito” e também 2 para a internet. Já o jornal televisivo teve apenas 1 menção; nenhuma outra opção disponível foi apontada. Todos apontaram seus jornais e emissoras escolhidas. A questão **10 (É assinante de 1 ou mais jornais? Especificar.)**, mais uma vez trouxe a grande surpresa: nenhum dos informantes é assinante de algum jornal, contrariando completamente nossa previsão. Entretanto a questão **11 (Que seção prefere? Por quê?)** foi respondida por 2 deles, que disseram preferir os cadernos de cultura e política,mas ninguém justificou a preferência. Sobre a frequência da leitura do jornal, 1 não respondeu, 1 respondeu semanalmente e um outro assegurou que quase nunca. Em relação à questão **12 (É assinante de alguma revista? Especificar..)** tivemos 2 respostas negativas e 1 é assinante de revista estrangeira. Tivemos na questão **13 (Que seção prefere? Por quê? **Em caso negativo, com que frequência lê revista e qual?)** 1 informante que conseguiu se desvincular do seu tema de atuação profissional, 1 outro que se manteve firme em sua área profissional e o terceiro, não respondeu. Nas questões de 9 a 13 que acabamos de apresentar, podemos ver que, diferentemente do grupo 2 (Instrumental) esse grupo tem uma tendência maior a buscar a informação escrita, ainda que em meios diferenciados e garantindo, então, acesso a várias formas de apresentação de notícias, ou seja, diferentes gêneros textuais. Como resultado da pergunta **14 (Com que frequência vai ao cinema?)** tivemos respostas com grande variação: 1 vez ao ano, ou semestre, quinzenalmente e 1 vez por semana, no mínimo, permitindo-nos dizer que existe aqui o acesso a outro gênero textual. A pergunta **15**, porém, **(Com que frequência vai ao teatro?)** demonstra que o gênero “teatro” é menos frequentado, pois 1 informante não respondeu e 2 disseram “raramente”. O tópico **16** foi

respondido por todos (**Qual tipo de música prefere ouvir? - clássica, ópera, samba, reggae, MPB...**) e a música clássica foi citada pelos 3 participantes, seguida do rock (2 menções) dentre outras apontadas individualmente, e aqui também podemos confirmar o acesso e reconhecimento de diversos gêneros musicais. As respostas à questão **17 (Presta atenção às letras? Por quê?)** nos apontam informações diferentes das que foram dadas pelo grupo anterior: aqui todos os informantes prestam atenção às letras, porém os motivos apontados foram de caráter mais sentimental. Sobre item **18 (Atualmente qual seu cantor/cantora preferido?)** tivemos 1 informante que citou cantor internacional e 2 disseram cantores nacionais. Agora na posição de escritor, perguntamos aos nossos informantes: **19- Como se relaciona com amigos distantes? -pode marcar várias opções- () cartas; () telefone; () e-mails; () internet (orkut, MSN, Skype,...) () outros. Especificar.** e percebemos que o telefone é o campeão, com 3 aparições, sendo a internet citada apenas por 1 informante e a carta, lembrada apenas 1 vez. A questão **20 (Em caso de conversa com amigos pela internet, você se mostra “tradicional” ao redigir seu texto ou opta pelas abreviações próprias da rede? Por quê?)** mostra que 2 dos informantes optam pelas abreviações e apenas 1, por força do hábito, se mantém tradicional, A pergunta **21**, bastante direta, (**Ao digitar um e-mail, a forma varia segundo a pessoa para a qual você o está enviando?**) queria investigar o reconhecimento como gêneros distintos a *carta* (tradicionalmente falando) e o *e-mail*. Tivemos 2 informantes que afirmam fazer as adaptações e 1 informante disse não fazê-la. A questão **22 (Pare e pense: a) Uma publicidade que te marcou. Onde? Por quê? b) Uma reportagem. Onde? Por quê? c) Um drama na mídia. Onde? Por quê?)** esclareceu que a “televisão” é o meio mais lembrado pelos informantes, sendo lembrado por 2 deles; quanto à pergunta “por quê” todos responderam a pelo menos 1 dos itens, confirmando a postura crítica já revelada em outras questões e também pelo grupo anterior.

No questionário desse grupo, observamos que, ainda que algumas respostas se apresentem de maneira totalmente contrária às do grupo *Instrumental*, de maneira geral, o resultado, como um

todo, nos remete a conclusões parecidas: A) O reconhecimento da existência de vários gêneros textuais está presente, devido às atividades dos informantes; B) a leitura não é adotada como fonte de lazer, mas é considerada importante para a atualização profissional e C) em relação à escrita, esse grupo se adapta às novas demandas, reconhecendo maneiras diferentes de agir em situações diferenciadas.

Apresentamos, agora, os números obtidos da análise em conjunto do Questionário 1, dos grupos 2 e 3, considerando o somatório dos informantes: 6 ao todo. Comparando-se as respostas entre os dois grupos percebe-se que, em muitos casos, elas foram bastante semelhantes.

À pergunta **6 (Como se mantém atualizado na sua área profissional?)** todos os 6 informantes foram unânimes em dizer que buscavam uma formação permanente, através de revistas especializadas, congressos e até mesmo internet. À questão **7 (Qual ou quais são seus “hobbys”?)** apenas 1 informante tocou no tema “estudo” e 1 falou em “leitura”. Diante da pergunta **8 (Últimos 3 livros lidos e datas aproximadas- qualquer tipo de livro: científico, técnico, literatura...)** 2 informantes informaram os livros pedidos, as datas, assim como a leitura simultânea de dois deles no mínimo, atualmente; outros 2 informantes, informaram os livros e as datas, ainda no ano de 2009; e 2 informantes apenas citaram os livros, sem datá-os. Na questão **9 (A que tipos de jornais tem acesso?- várias opções são possíveis- a) () escrito. Qual/Quais? b) () pela televisão. Qual/Quais emissora(s) e qual/quais jornal/is? c) () por rádio. Qual emissora e qual horário, aproximadamente? d) () pela internet. Qual site? e) () outros. Especificar)** a opção “Jornal Escrito” apareceu apenas 2 vezes e para o televisivo houve apenas 3 menções. Já o jornal virtual foi o campeão, com 4 aparições. Todos os informantes souberam dizer quais eram seus respectivos jornais e emissoras escolhidas. Nenhum informante assina algum jornal, na questão **10 (É assinante de 1 ou mais jornais? Especificar.)**, mas a questão **11 (Que seção prefere? Por quê?)** foi respondida por 4 deles, e preferindo, todos, as seções correspondentes à cultura e política, porém o motivo não foi apontado. Sobre a frequência da leitura do jornal, 2 informantes não responderam, 1 disse diariamente, 1

respondeu semanalmente, 1 assegurou que quase nunca e um último, diariamente, apenas notícias de 1ª página. A questão **12 (É assinante de alguma revista? Especificar.)** foi respondida negativamente por 4 informantes e os outros 2, que assinam, não fizeram referência à nenhuma revista técnica. Tivemos na questão **13 (Que seção prefere? Por quê? **Em caso negativo, com que frequência lê revista e qual?)** 3 informantes que não responderam, outros 2 informaram seções referentes ao seu campo profissional e apenas 1 informante conseguiu se desvincular do seu tema de atuação profissional. Tivemos como resultado da pergunta **14 (Com que frequência vai ao cinema?)** que 5 analisados vão ao cinema no mínimo 1 vez por mês e apenas 1 vai semestralmente. No entanto, na pergunta **15 (Com que frequência vai ao teatro?)** 2 informantes não responderam, 2 informantes disseram “raramente” e os outros 2, semestralmente. O tópico **16** foi respondido por todos (**Qual tipo de música prefere ouvir? - clássica, ópera, samba, reggae, MPB...**) apontando a preferência pela MPB (4 aparições) e pela música clássica (4 aparições), seguido do samba (3 aparições) e do rock (2 aparições), dentre outras apontadas individualmente. Com as respostas dadas à questão **17 (Presta atenção às letras? Por quê?)** eles foram 3 a responder que o fazem para selecionar a mensagem e conhecer a ideologia presente nas letras, enquanto os outros 3 deram motivos sentimentais. Sobre item **18 (Atualmente qual seu cantor/cantora preferido?)** detectamos 4 informantes que apontaram cantores nacionais e apenas 2 disseram cantores estrangeiros. Na pergunta **19- Como se relaciona com amigos distantes? - pode marcar várias opções- () cartas; () telefone; () e-mails; () internet (orkut, MSN, Skype,...) () outros. Especificar** percebemos que o telefone é o campeão, com 6 aparições, seguido pela internet, citada apenas por 3 informantes e a carta, apenas 1 vez. A questão **20 (Em caso de conversa com amigos pela internet, você se mostra “tradicional” ao redigir seu texto ou opta pelas abreviações próprias da rede? Por quê?)** detectou que 4 dos informantes não adaptam, por hábito, suas escritas às novas formas de se comunicar na internet e apenas 2 disseram fazê-lo. À pergunta **21 (Ao digitar um e-mail, a forma varia segundo a pessoa para a qual você**

o está enviando?) 5 informantes confirmaram a adaptação e apenas 1 disse escrever de forma indistinta. A questão 22 (**Pare e pense: a) Uma publicidade que te marcou. Onde? Por quê? b) Uma reportagem. Onde? Por quê? c) Um drama na mídia. Onde? Por quê?**) esclareceu que o suporte “televisão” é o mais lembrado pelos informantes, pois foi citado por 5 deles, quanto à pergunta “por quê” todos responderam a pelo menos 1 dos itens.

QUESTIONÁRIO 2

O *Questionário 2* foi elaborado visando questões mais específicas sobre o tema *estudo da língua francesa - modos de tradução*.

4.1.3 GRUPO 2 (INSTRUMENTAL)

A questão 1 (**Qual a formação escolar de quem te criou?**), que tinha como interesse averiguar se a formação escolar do responsável pela educação do informante teria influência no seu aprendizado da língua francesa, revelou-nos que, nesse grupo, apenas 1 responsável ultrapassou o terceiro grau, assim, a hipótese de influência, pelo grau de escolaridade, foi desprezada. No item 2 (**Como foi seu primeiro contato com a língua francesa?**) 1 informante teve apreciação negativa, também fazendo cair a hipótese de que isso influenciaria a escolha pela Língua Francesa ou a dificuldade de aprendizado. Na pergunta 3 (**Por que decidiu estudar francês?**), eles foram unânimes em citar o tema “leitura”, confirmando o porquê da escolha da metodologia do Instrumental. As respostas à questão 4 (**Por que escolheu essa metodologia?**) confirmam as respostas à questão anterior, para todos os informantes. No item 5 (**Há quanto tempo estuda a Língua Francesa?**), todos os informantes informaram ter estudado o instrumental por no mínimo 1 ano, o que nos tranquiliza a respeito de a técnica desse curso ter sido aplicada na íntegra. O tópico

6 (Já começou e abandonou este ou outro curso de francês anteriormente?) nos revela a perseverança de nossos informantes, pois foram unânimes em dizer já haver começado e abandonado os estudos de Língua Francesa e recomeçado, em seguida, no instrumental. A resposta à pergunta **7 (Quando tem em mãos um texto desconhecido em língua francesa, como faz para compreendê-lo?)** foi esperada, pois dois dos informantes tiveram respostas mais ou menos coincidente: 1 confirmou, na íntegra, a técnica do instrumental, 1 faz uma leitura global e o terceiro disse ler diversas vezes. Aqui, detectamos que o instrumental, ainda que em nível diferenciado, faz-se presente em quem aprendeu essa técnica. Temos unanimidade de resposta na questão **8 (Tem o hábito de traduzir textos em língua francesa, formal ou informalmente?)**, pois todos disseram traduzir, ainda que informalmente, um texto em francês, mostrando-se consciente do que é tentar compreender um texto em língua estrangeira. Na pergunta **9 (Quando você pensa em como você traduz, quais são as etapas de que se utilizada para fazer uma tradução?)**, 1 informante não respondeu e 2 responderam de maneira semelhante: técnicas do instrumental. À questão **10 (Qual tipo de texto você mais gosta de traduzir ou tem mais prioridade em sua vida?)** e **11 (Por quê?)**, 2 responderam textos de sua área de interesse e 1 não respondeu a nenhuma delas.

Com essa apuração constatamos que: A) O contato com a língua francesa já se configura como “não-novidade”; B) A escolha da língua foi devida a interesses práticos (desenvolver habilidade de leitura); C) As técnicas trabalhadas na metodologia “ Instrumental” estão ativadas na leitura e D) Textos de área de interesse são os mais lidos e traduzidos na língua francesa.

4.1.4 GRUPO 3 (TRADUTORES NÃO-EXPERIENTES)

Diferentemente do grupo 2, neste grupo apenas 1 informante respondeu, na questão **1 (Qual a formação escolar de quem te criou?)**, não ter tido seu responsável frequentado um curso superior. Em relação à **2 (Como foi seu primeiro contato com a língua francesa?)** os 3 tiveram impressão positiva no primeiro contato com o idioma Francês. A resposta à questão **3 (Por que**

decidiu estudar francês?) foi unânime; por gosto, da mesma maneira que a pergunta **4 (Por que escolheu essa metodologia?)**. À pergunta **5 (Há quanto tempo estuda a Língua Francesa?)** as respostas indicam que ao todo, são mais de 3 anos de estudo da Língua Francesa, para todos os 3 informantes. A falta de tempo foi o grande vilão, responsável pelo abandono unânime, na questão **6 (Já começou e abandonou este ou outro curso de francês anteriormente?)**. Tivemos, à questão **7 (Quando tem em mãos um texto desconhecido em língua francesa, como faz para compreendê-lo?)**, como no grupo anterior 2 informantes que disseram aplicar técnicas aproximadas do Instrumental e 1 optou pelo uso do dicionário. Na questão **8 (Tem o hábito de traduzir textos em língua francesa, formal ou informalmente?)** os 3 informantes disseram traduzir ou já ter traduzido algum texto em francês. O item **9 (Quando você pensa em como você traduz, quais são as etapas de que se utilizada para fazer uma tradução?)** revelou-nos uma surpresa, pois 2 informantes responderam os mesmos processos: **a)** leitura ampla ou contato com o texto; **b)** escrever as frases ou contato com a forma de escrever; **c)** usar dicionário ou tradução; o terceiro informante disse traduzir parágrafo por parágrafo. Da mesma forma que o grupo anterior, aqui também os informantes disseram traduzir textos de sua área profissional, nas questões **10 (Qual tipo de texto você mais gosta de traduzir ou tem mais prioridade em sua vida?)** e **11 (Por quê?)**.

Podemos, então, concluir em relação ao *estudo da língua francesa e modos de tradução* que neste grupo: A) A língua francesa, há muito, não é algo desconhecido; B) Predominância do lado sentimental ao escolher estudar a Língua Francesa; C) Técnicas de leitura global estão presentes, de maneira geral, no momento da compreensão e D) Textos profissionais são o que levam à leitura e tradução em língua francesa.

Apresentamos os números da análise em conjunto do *Questionário 2*, dos grupos 2 e 3, sendo sempre o somatório dos informantes 6, ao todo.

À pergunta **1 (Qual a formação escolar de quem te criou?)**, tivemos 3 informantes com responsáveis que cursaram o terceiro grau; na pergunta **2 (Como foi seu primeiro contato com a língua francesa?)** tivemos 5 apreciações positivas; nos tópicos **3 (Por que decidiu estudar francês?)** e **4 (Por que escolheu essa metodologia?)**, considerando que os grupos 2 e 3 tiveram abordagens diferentes no aspecto da metodologia do aprendizado da língua francesa, podemos dizer que nossa hipótese de que no grupo 2 haveria o apontamento do prazer de se aprender o idioma e no grupo 3 a necessidade de aprendê-lo através da leitura, foi 100% contemplada na 3 e também na 4, por se tratar de prazer e necessidade. A resposta à questão **5 (Há quanto tempo estuda a Língua Francesa?)** indica que os 3 informantes do instrumental fizeram, no mínimo 1 ano de francês e os avançados já estão há mais de 3 anos o que consideramos positivo para evitar constrangimento com o idioma em questão. Na pergunta **6 (Já começou e abandonou este ou outro curso de francês anteriormente?)** tivemos unanimidade de resposta, pois todos já abandonaram e recomeçaram o estudo de francês, pelo menos 1 vez. À questão **7 (Quando tem em mãos um texto desconhecido em língua francesa, como faz para compreendê-lo?)** tivemos 4 informantes aplicando técnicas do instrumental, 1 fazendo uso do dicionário, incondicionalmente e 1 lendo diversas vezes. Sobre a questão **8 (Tem o hábito de traduzir textos em língua francesa, formal ou informalmente?)** foi unânime a experiência de tradução, ainda que de maneira informal. No item **9 (Quando você pensa em como você traduz, quais são as etapas de que se utiliza para fazer uma tradução?)** não podemos generalizar as etapas, pois cada grupo teve suas especialidades: 2 informantes fazem uma leitura global, escrevem as frases e vão ao dicionário, no final; 2 outros se utilizam inteiramente das técnicas do instrumental; um terceiro informante disse traduzir parágrafo por parágrafo e um último não respondeu. Quanto às perguntas **10 (Qual tipo de texto você mais gosta de traduzir ou tem mais prioridade em sua vida?)** e **11 (Por quê?)** tivemos outra unanimidade ao reconhecerem que os textos mais traduzidos são de sua área profissional.

Ambos os grupos, no *Questionário 2*, tiveram respostas semelhantes e isso nos coloca à vontade para que, prosseguindo o trabalho, os coloquemos em um mesmo grupo denominado “*Tradutores não-experientes*”.

QUESTIONÁRIO ESPECIAL

4.1.5 TRADUTORES EXPERIENTES (GRUPO 1- Controle)

Os informantes selecionados para o Grupo Controle são todos professores de língua estrangeira por formação e exercem a profissão professor/tradutor por no mínimo 15 anos. Dos três informantes 1 se disse fluente na habilidade de compreensão escrita da língua francesa e 2 ficam à vontade nas 4 habilidades dessa língua (compreensão oral e escrita/ produção oral e escrita); o espanhol apareceu citado 2 vezes, com fluência na compreensão escrita; o inglês e o italiano apareceram também 1 vez: o primeiro com domínio das 4 habilidades e o segundo com a compreensão escrita. Interessante perceber que o conhecimento de outra língua estrangeira teve interferência durante a tradução, externalizada por um dos informantes. A questão 6 do questionário (*Hobbys*) revelou que, contrariamente aos grupos anteriores, aqui tivemos a “leitura” apontada em 100% dos informantes, assim como outras atividades intelectuais e 1 dos informantes apontou, também, trabalhos manuais. Mais uma surpresa foi na questão 7 (*Tipos de leitura: a) como lazer; b) para a profissão*), onde, para a letra “a” responderam com unanimidade a literatura (poemas e romances). No entanto, a resposta à letra “b”, foi diversificada: tivemos apontados 1) livros teóricos de literatura, antropologia e sociologia; 2) livros técnicos de tradução (teoria e prática); 3) métodos didáticos. Podemos depreender das respostas às questões 6 e 7 que, a) dentre as várias atividades que perpassam a vida dos informantes, tanto no lado profissional quanto no intelectual, a leitura tem uma presença muito marcante e b) o estudo do tema “tradução” não é prioridade para aqueles cuja atuação profissional não se limita a traduzir. Em 8, temos o conhecimento formal de tradução

em 100% dos casos, o que nos leva a poder afirmar que, de alguma maneira, os informantes tiveram o olhar preparado para a atividade da tradução. No tópico **9 (Qual o primeiro cuidado que toma ao pegar um texto para traduzir?)** ninguém respondeu diretamente às nossas expectativas, pois a temática “ informações extra textuais” não foi cogitada por nenhum de nossos informantes, no entanto, 2 deles se preocupam, a princípio, em conhecer o conteúdo de que o texto trata e 1 se interessa pelo tipo de texto. A motivação dessa preocupação, no entanto é a mesma: ativar as competências linguísticas e, assim, operar escolhas coerentes. A questão **10 (O que observa num texto antes de começar a tradução?)**, que tinha como intuito confirmar as respostas dadas à pergunta anterior nos mostrou que a tomada de consciência da estrutura interna do texto é a grande preocupação de todos os nossos tradutores e que dentre eles, apenas 1 sugeriu algum tipo de dado extra textual. No item **11 (Sua tradução segue quais etapas, em linhas gerais?)**, ainda que as formas de traduzir sejam bastante pessoais, notamos haver um certo consenso entre os tradutores. Eles dizem: **a)** ler todo o texto (2) / traduzir por capítulos (1); **b)** marcar as dificuldades e ir adiante, na compreensão (3); **c)** começar a traduzir, sem a preocupação de se deter nas dificuldades (3); **d)** usar o dicionário, de tempos em tempos (3); **e)** rever o texto, quando pronto (2); **f)** retomar o texto traduzido decorrido um tempo do fim da tradução (1). Para a questão **12 (Qual tipo de texto traduz com mais frequência?)** os 3 tradutores apontaram traduções técnicas e científicas como as mais frequentes e 1, dentre eles, disse traduzir literatura. Assim como na pergunta **13 (Qual tipo de texto prefere traduzir? Por quê?)** o gosto pela literatura foi apontado pelos 3 informantes, por uma questão pontualmente de apreciação. As respostas às questões 14 e 15, diferentemente do que prevíamos, não apresentou preocupação com a presença de elementos macro textuais, revelando, muito pelo contrário, a preocupação com o micro texto, a estrutura interna: coesão, coerência. Na **14 (Em sua opinião, qual a maior dificuldade que pode aparecer em um texto a ser traduzido?)** nenhuma resposta coincidiu, talvez por abarcar o universo pessoal e fugir do tecnicismo. Foi-nos apontado: a) diferenças culturais; b) imagens, metáforas, criação do autor; e c)

má redação. O item **15** (**O que mais o/a incomoda ao traduzir um texto?**) também não apresentou nenhuma resposta semelhante, nem relevantes para a nossa pesquisa. Apenas na questão **16** tivemos uma menção, bastante tímida, sobre o universo extra textual: 1 informante citou a preocupação em se conhecer o autor, mas os outros 2 continuaram interessados na questão interna do texto. No entanto, houve unanimidade nas respostas à questão **17** (**Ao terminar a tradução de um texto, como enxerga seu trabalho? Haveria algo a ser ainda modificado?**): apesar de os informantes se justificarem de forma diferentes, os 3 responderam afirmativamente. O curioso da pergunta **18** (**Sobre fidelidade tradutória: qual priorizar?**) é que, aqui também, os 3 tradutores disseram, de maneira e em gradação diferentes, priorizar a fidelidade ao autor e, dentre eles, apenas 1 citou claramente a preocupação em se pensar no leitor, quando no tratamento do texto de chegada. E, finalmente, na questão **19** (**Como se mantém atualizado na sua área?**), os 3 se atualizam através de artigos e/ou frequentando palestras sobre “Tradução”, demonstrando interesse em novos olhares e formas de tratar o tema.

Com questões que visavam mais a postura pessoal do que técnica, esse questionário - *Questionário Especial* - voltado para o grupo 1 (Tradutores Profissionais/ Grupo Controle) teve o objetivo de conhecer a teoria daqueles que fazem, na prática, o trabalho tradutório.

4.1.6 RESPONDENDO AS PERGUNTAS

Diante das perguntas feitas sobre o comportamento tradutório dos vários grupos de informantes diante de um texto descontextualizado- sempre levando em conta a importância dada aos elementos extra textuais-, assim como os novos papéis que atribuímos ao tradutor, de acordo com as etapas da tradução passamos agora a considerar nosso primeiro questionamento.

4.1.6.1 ANÁLISE DA PRIMEIRA QUESTÃO

A) Como se apresenta o comportamento dos informantes quando o texto a ser traduzido está desfalcado de seus componentes macro textuais.

Para tanto observamos, separadamente, os dois momentos da tradução e consideramos, para efeito de análise 1) a reação dos informantes ao receberem o texto da 1ª tradução; 2) questões levantadas sobre as condições de apresentação do texto, na 1ª tradução: observância da presença, ou não, de dados macro textuais relevantes; 3) observações feitas durante a tradução: interação com o texto (1ª tradução e 2ª tradução)

A.1-A reação dos informantes ao receberem o texto da 1ª tradução:

De acordo com os protocolos verbais, não tivemos nenhuma reação detectável dos informantes ao receberem, pela primeira vez, o texto a ser traduzido. Ao contrário do que imaginávamos, nem mesmo no Grupo Controle percebemos algum sinal de incômodo pelo texto se apresentar sem nenhum dado extra textual.

A.2-Questões levantadas sobre as condições de apresentação do texto, na 1ª tradução: observância da presença, ou não, de dados macro textuais relevantes:

Nesse quesito pudemos detectar algum incômodo manifestado pelos informantes diante da falta de algumas informações extra textuais, incômodo esse manifestado mediante estímulo.

É importante esclarecer que no momento de analisarmos as transcrições adotamos, para melhor visualização e compreensão do leitor, a seguinte estratégia: **I** diz respeito ao informante, **E**

representa o entrevistador, e os números que acompanham as frases se referem às linhas correspondentes, na folha da transcrição.

TRADUTORES NÃO-EXPERIENTES

1ª TRADUÇÃO

Entrevistador: “Você sentiu falta de alguma informação fora do texto?”

Inform.1- 69 **I-** Do título

70 **E-** Do título?

71 **I-** É. Talvez.

72 **E-** Você procurou o título e não achou?

73 **I-** Não, eu nem procurei, não.

Inform.2- 108 **I-** Ué, o porquê desse texto. Esse texto foi produzido... é o quê? É uma
109campanha publicitária? É um texto informativo? Que não parece ser, né? Ele parece 110ser... de
repente, parte de uma campanha publicitária, né?

111 **E-** Então, você sentiu falta, né?

112 **I-** É. O porquê desse texto, né?

113 **E-** Tá, a motivação dele.

Inform.3- 30 **I-** Não. Então eu li a primeira, segunda e terceira frases, né? E dei início à
31tradução.

Inform.4- Não houve esse momento.

Inform.5- Não houve esse momento.

Inform.6-77 I- A primeira coisa que eu pensei é que fosse poesia, tanto é que a primeira 78coisa que eu fiz foi ir lá embaixo e ver qual era o nome do autor.

79 **E-** Você procurou o nome do autor?

80 **I-** Evidente, porque aí, com o nome do autor, porque eu já li muito, eu saberia 81mais ou menos do que se tratava, se fosse Baudelaire, se fosse um poema mais 82moderno...um poeta mais contemporâneo...

83 **E-** E você então procurou só o nome do autor ou procurou mais alguma outra 84coisa?

85 **I-** Eu procurei o nome do autor, porque mesmo que fosse prosa, poderia ser o 86trecho de uma prosa, um escritor... bom.

87 **E-** Então você procurou uma referência em relação ao texto?

Nesse grupo pudemos detectar que a maioria dos informantes disse ter sentido falta de algum dado extra, além do texto. Tivemos cogitados a ausência do título por 2 dos informantes, do autor por 1 deles e o outro disse não ter sentido falta de nada. Infelizmente a 2 dos informantes não foi colocada essa questão, então, para computar o percentual consideramos um total de 4 informantes nesse grupo. Assim temos que 75% desse grupo sentiu a necessidade, ou curiosidade, de alguma informação extra.

Passemos agora ao Grupo Controle:

GRUPO CONTROLE

Entrevistador: “Você sentiu falta de alguma informação fora do texto?”

Inform.7- 170 I- Fora? Do título.

171 **E-** Você sentiu falta ou agora que eu tô te perguntando que você se deu conta?

172 **I-** Eu me dei conta antes. Será que isso não tem título? Pensei, né?

173 **E-** Fora o título...?

174 **I-** É, não senti nada: tem autora, tem referência...

Inform.8- 109 **I-** Então, me fez falta sim, por exemplo, não que me fez 110 falta, mas me deu curiosidade de saber se saiu de uma revista, que revista... também não 111 precisa, se meu objetivo era só traduzir... Não tem autor, por isso me fez pensar numa 112 publicidade, porque não é assinado por ninguém, teria que tá assinado.

113 **E-** Mas isso você observou antes ou só agora, que eu te perguntei?

114 **I-** Não, porque você perguntou, mas no início eu olhei pra ver se tinha alguma 115 assinatura, isso eu olhei.

Inform.9- 7 **I-** Olhando assim, eu já vi a repetição do 8 “*On*”, indeterminado, em francês, mas que pode ser “nós”, também. Então me parece 9 ser um texto publicitário porque inclui o leitor, né, desse texto. Tem uma garota, com 10 aspecto romântico, encostada, um pouco sonhadora. (*Leitura em francês, em voz 11 alta.*) Eu acho que é publicidade, uma marca. Tô certa ou não?

12 **E-** Eu não posso falar nada. A primeira coisa que você fez foi olhar aqui, o 13 “título”, né? Te fez falta alguma coisa?

14 **I-** Eu ainda tô em dúvida do tipo do texto que é, mas eu acho que é 15 propaganda. Fala da mulher, né?

Já nesse grupo, tivemos 2 informantes que disseram ter procurado: 1, o autor e o outro, o título, já que acreditava que o nome em letras maiúsculas representava o nome da autora. O terceiro informante sentiu uma necessidade que não soube esclarecer o que buscava, pois tentou reconhecer o tipo de texto através de vários indícios, mas ainda se manteve na dúvida. Desta maneira é possível considerar um olhar mais abrangente em 100% dos informantes, ainda que sob a forma de curiosidade, pois 2 deles disseram que o que procuravam não interferiria na tradução:

Inform.7- 180 **E-** Não tem referência nenhuma.

181 **I-** Não fala a profissão. Ela pode ser jornalista , ela pode ser escritora...

182 **E-** E isso modificaria alguma coisa na tradução?

183 **I-** Não. Não, porque aí ela escreveu como poeta. Para mim.

184 **E-** Essas informações que você tá dizendo aí, que gostaria de ter tido, influenciariam 185em quê?

186 **I-** Nada. Só pr'eu saber quem é ela. Apenas isso. Curiosidade de saber quem é a 187pessoa.188O texto, pra mim, ele foi bem claro, agora eu gostaria de saber quem escreveu esse texto.

Inform.8- 106 **E-** A imagem ajudou em alguma coisa, ou não?

107 **I-** Não. A verdade é que se eu não visse a imagem desse texto eu ia saber que fala de 108mulher por causa das frases e dos adjetivos no feminino. E tem toda aquelas expressões 109consagradas que são próprias à mulher. Então, me fez falta sim, por exemplo, não que me fez 110falta, mas me deu curiosidade de saber se saiu de uma revista, que revista... também não 111precisa, se meu objetivo era só traduzir...

Tais resultados nos levam a confirmar a hipótese de que o Grupo Controle se sentiria mais à vontade na presença de dados macro textuais, o que justifica a procura por esses, ainda que por mera curiosidade.

A.3-Observações feitas durante a tradução: interação com o texto (1ª tradução e 2ª tradução):

Durante o momento das duas traduções buscamos observar como os informantes interagem/reagem com o texto à medida prosseguiam em sua leitura.

TRADUTORES NÃO-EXPERIENTES

1ª TRADUÇÃO

Inform.1/ Inform.2/ Inform.3 (Grupo 2)

Não houve interação em nenhum dos momentos analisados. Esse grupo simplesmente buscou traduzir o texto, sem questionar, discordar ou se espantar com algumas afirmações do mesmo.

Inform.4

Interação:

62 **I-** “*On donne la vie*” não, não damos. Tem outra palavra, não tem, não? Não 63tem nem como procurar no dicionário...

64 **E-** Tem Português-Português, aí, se quiser usar...

68 **I-** É. Produzimos... concebemos...oferecemos...Não é “dar a vida”, porque não 69é “dar a vida” é você entregar a sua vida para alguém... Dou a vida para alguém... 70Não, não é isso. Aí a palavra seria outra... Não é?.....É... Dar à luz... mas a vida, não é 71damos a vida, não. Não tá bom este sentido não... Não... “Damos a vida”...

Inform.5

Interação:

39 **I-** Audaciosas, de raça, que estranho...mulher de raça ?

46 **I-** Vamos ver: nós damos... doentes. Nem sempre será...(surpresa).. Ah, é 47mesmo!!! Entendi. Os homens reclamam muito! Ô, reclamamos menos... Como está 48escrito aqui: “*On se plaint moins*” Eu pensei que era se atropelar... Então, é aqui. Na 49verdade reclamamos menos... Acho que não reclamamos, mas ali está...

Inform.6-

Interação: Não houve interação, nesse momento.

Os informantes acima (4, 5 e 6) compõem o grupo 3, correspondente ao Grupo de informantes frequentadores de curso livre de francês. Diferente do que supúnhamos, esses informantes interagiram de maneira surpreendente com o texto e não se limitaram a decifrar as palavras, mas a discutir as idéias e entendê-las dentro do contexto que tinham em mãos, ou seja, dentro do texto como um todo.

GRUPO CONTROLE

Como no grupo 2, também aqui a interação com o texto nem sempre essa esteve presente, porém imaginamos que o motivo não tenha sido o mesmo, mas nada provamos.

Inform.7-

Interação:

52 **I-** Bom, na primeira frase a gente já vê que é uma mulher que está 53falando. “ *On donne la vie*”. Mas eu só pensei nisso quando li mais pra cá porque o homem 54também, ao modo dele, dá a vida. Não é só a mulher. Ela vai dar a vida sem o homem?! 55 “*On donne la vie, on mûrit plus vite*”: claro que a mulher amadurece mais depressa.

Inform.8-

Interação: Não houve.

Inform.9-

Interação:

54 I- ...Por exemplo, aqui eu não quero usar a 55palavra raça porque é uma palavra que pra mim, hoje, ela é muito questionada. 56Mesmo em português, você não fala uma pessoa de raça. Você imagina: Eu sou de 57raça. É uma palavra hoje que remete à intolerância, racismo, fechamento de 58fronteiras, então têm palavras que não dá mais pra usar. Acho que nem em francês 59não dá pra usar, eu fiquei até espantada de vê-la ali. Ela me remete a uma propaganda 60conservadora, assim, chovinista, qualquer coisa assim.

2ª TRADUÇÃO*TRADUTORES NÃO-EXPERIENTES*

Inform.1/ Inform.2/ Inform.3 (Grupo 2) Conforme já exposto não houve nenhuma interação ou reação verbalizada quando foram apresentados ao contexto integral do texto que haviam traduzido- Momento da 2ª tradução- e apenas 1 manifestação no Grupo 3.

Inform.4- Não houve reação.

Inform.5-

Interação: 86 E- Esse aqui foi de onde veio o texto, e, o texto é isso aqui.

87 I- “ *On donne la vie*”... Ah, é uma publicidade... E eu falei que era...Ha, há, 88há, Ah, é! Marca de carro! Ah, eu sou burrinha mesmo!

Inform.6- Não houve reação.

GRUPO CONTROLE

Inform.7- 191 **E-** Aqui está a fonte do texto que você traduziu e aqui está o texto.

192 **I-** Huummmmm!!!!

Inform.8- 117 **E-** Sua tradução!!! Agora você vai receber de onde ela veio e vai fazer as adaptações
118que achar necessárias, ou não.

119 **I-** Eu já imaginava que tinha vindo daqui! É uma publicidade! De carro!!!

Inform.9- 102 **E-** Eu te trouxe o texto, de novo, e trouxe também o original, de onde veio, a
103fonte, e esse aqui é o texto.

104 **I-** Ah!!! É uma publicidade!!! Eu sabia!!!

Nesse caso o Grupo Controle agiu como o esperado pois houve reação positiva em 100% dos informantes desse grupo, no entanto, o Grupo dos “*Tradutores não-experientes*” agiu completamente diferente do que acreditávamos que fariam uma vez que apenas 16% dos informantes esboçaram alguma reação.

Essas informações nos apontam que para aqueles que não têm o hábito da tradução, pouca diferença faz o contexto para se obter um resultado de qualidade.

CONCLUSÃO: *Qual o comportamento tradutório de um tradutor inexperiente quando o texto a ser traduzido está desfalcado de seus componentes macro-textuais?*

Uma vez observados todas as variáveis que propusemos para que pudéssemos responder a essa pergunta, chegamos à conclusão de que nossa hipótese de que não haveria, nos Tradutores não-experientes, de maneira geral, consciência de que pudesse haver algo além do texto foi, em parte, satisfeita, pois: **a)** não tivemos nenhuma reação detectável dos informantes dos grupos 2 e 3 ao receberem, pela primeira vez, o texto a ser traduzido. Porém, esse mesmo comportamento nos deixou surpresas, em se tratando do Grupo Controle; **b)** diante de estímulo, o Grupo Controle manifestou maior interesse em ter acesso aos dados macro textuais do que os “Tradutores não-experientes (Grupos 2 e 3)”, o que também era esperado.

No entanto, o que contrariou nossas expectativas foi: **a)** o grupo de “Tradutores não-experientes”, diante da apresentação do real contexto do texto de partida, não esboçou nenhuma reação; **b)** o Grupo 2 (Instrumental) teve, durante as duas leituras da 1ª tradução, um apego ao léxico muito maior do que esperávamos comprometendo, assim, sua compreensão do texto; **c)** mais comprometido com a compreensão da leitura, o Grupo 3 teve maior interação com o texto, se comparado ao Grupo 2; **d)** não houve mudanças relevantes na 2ª tradução do grupo de Tradutores não-experientes (Grupos 2 e 3) após conhecimento do contexto real do texto de partida.

Diante desse comportamento de nossos informantes podemos ter certeza que, frente a um texto a ser traduzido, as informações periféricas não se fazem importantes, num primeiro momento, para nenhum dos sujeitos dessa pesquisa. Ou seja, inexperientes ou não, os tradutores aqui analisados não sentem como importantes os dados extra textuais.

4.1.6.2 ANÁLISE DA SEGUNDA QUESTÃO

B) O conhecimento intuitivo do gênero textual ao qual pertence o texto de partida se mostra relevante no processo de tradução?

Para essa análise levamos em conta a impressão dos informantes a respeito da forma de apresentação do texto, assim que tiveram acesso a ele, pela primeira vez.

B.1- Reconhecimento do gênero textual:

Nesse item, independentemente do grupo analisado, tivemos resultados semelhantes entre si em relação ao se cogitar, na primeira apresentação do texto, o gênero textual como sendo: a) letra de música; b) poema. A diferença que observamos é que, dos 4 informantes do Grupo “Tradutores não experientes” (Informantes 1 a 6) que mencionaram essa observação apenas 2 (50%) levantaram a possibilidade de ser uma publicidade, ao final da primeira tradução, contra 66% do Grupo Controle (Informantes 7,8 e 9).

TRADUTORES NÃO-EXPERIENTES

Inform.1- 6 I- Eu procurei para ver se era letra de uma música, alguma coisa assim, mas parece que não, 7uma poesia talvez.

Inform.2- 108 I- Ué, o porquê desse texto. Esse texto foi produzido... é o quê? É uma 109campanha publicitária? É um texto informativo? Que não parece ser, né? Ele parece 110ser... de repente, parte de uma campanha publicitária, né?

Inform.3- Não mencionou

Inform.4- Não mencionou

Inform.5- 7 **E-** Hum, hum...E você achou que é um poema, né isso?

8 **I-** Só pela forma de apresentação, né?

Inform.6- 5 **I-** ...porque é um poema, né?

62**I-** Eu achei que era uma poesia pela disposição dela, me parecia em verso, 63depois eu vi que não é, por quê? Porque não tem erudição, pra ser poesia tem que 64ter...

69**I-** Eu acho que é uma publicidade por causa desse SEAT, se não me engano é 70um carro.

GRUPO CONTROLE

Inform.7 93 **I-** No meu modo de pensar, como poeta, porque eu escrevo poesia, também, 94 traduzo poesia, que não é brincadeira, você me trouxe justamente a coisa que eu gosto de 95fazer.

Inform.8 17 **I-** ... porque se você vai fazer em forma de poema eu costumo modificar muito, 19entendeu? Deixa o mesmo sentido, mas eu tento que ele fique poético, bonito ao ouvir na 20língua da gente, então eu tiro esses “e”.

38 **I-** Depois eu vou ficar relendo em voz alta. AH, isso aqui...SEAT ALTEA MAJORCA, 39que que é isso, aqui? É o nome da autora...? Deixa eu pensar... Ah, é uma publicidade, né?

Inform.9 2 **I-** Primeiramente meus olhos foram diretamente no título, né? Eu não sei se é 3de um livro, um fragmento de um livro, se é um poema.... “*Audacieuse, racée, Aperformante. Féminine.*” Então isso é...uma propaganda.

CONCLUSÃO: O conhecimento intuitivo do gênero textual ao qual pertence o texto de partida se mostra relevante para o tradutor?

Em relação a nossa suposição de que o reconhecimento textual ajudaria na tradução tivemos sucesso, mas não integralmente: quando o Grupo dos “*Tradutores não-experientes*” se deu conta de que o texto de partida que traduzia não era letra de música ou um poema, conforme cogitara inicialmente, seu olhar sobre o texto permaneceu o mesmo. Não detectamos nenhuma alteração no “olhar de leitor” de nossos informantes, permitindo uma adaptação à real proposta do texto (publicidade). Nem mesmo termos o gênero “publicidade” apresentado sob a forma do gênero “poema” não foi colocado em questão.

De maneira bem diferente, ainda que o texto traduzido permanecesse o mesmo após o reconhecimento que se tratava de uma propaganda, o Grupo Controle mudou sua leitura ao saber da proposta do texto, ainda que seus informantes desconhessem o produto oferecido.

Assim, podemos dizer que, para os “*Tradutores não-experientes*”, a forma fala mais alto que o conteúdo e mais ainda: de tão apegada ao léxico essa categoria de informante se mostrava ao traduzir o texto de partida que nem a forma nem mesmo o propósito do texto foram suficientes para que se garantisse o contrato comunicativo do texto de partida no texto de chegada. Ou seja, reconhecer o gênero textual tem importância secundária, quando o objetivo é traduzir o que está escrito.

4.1.6.3 ANÁLISE DA TERCEIRA QUESTÃO

C) De posse dos dados macro-textuais antes omitidos haverá um tratamento diferenciado para a 2ª tradução, garantindo o contrato comunicativo do texto de chegada?

Para procedermos a essa análise separamos a observação em dois momentos: um que diz respeito à utilização dos dados extra textuais e o segundo julga se as mudanças operadas foram relevantes à manutenção do contrato comunicativo do Texto de Partida no Texto de Chegada.

a) *Utilização dos novos dados extra textuais (2ª tradução)*

Ainda que alguns membros do grupo de “*Tradutores não experientes*” tenham feito mudanças na primeira versão de suas traduções, em nenhum momento elas ocorreram com base nos dados extra textuais apresentados. As modificações operadas foram feitas à caneta vermelha, no mesmo texto referente à 1ª tradução. Tais textos se encontram nos anexos.

TRADUTORES NÃO-EXPERIENTES

Inform.1- 93 **E-** Então você vai fazer o seguinte: você vai dar uma olhada e vai ver se você 94 muda alguma coisa da sua tradução diante dessa situação nova.

95 **I-** Não vou mudar nada!

96 **E-** Muda nada, não? Você não vai dar nem uma 97 olhada na sua?

98 **I-** Não.

99 **E-** Mesma coisa? Então não faz diferença nenhuma saber de onde veio, não 100 saber de onde veio, do que se trata... Nada?

101 **I-** Não

Inform.2- 131 **I-** Eu acho que, quando você percebe, principalmente a ilustração do carro 132 aqui, ela já te direciona, vamos dizer assim, muda acho que bem a sua leitura, né... e 133 as demais informações.

148 **E-** O que eu preciso que você faça, não é que você reinterprete o texto...O que eu quero saber é se você faria uma 150nova tradução usando isso aqui, a sua tradução. Continua isso e faz mudanças ou 151você está interpretando as falas?

152 **I-** Tô interpretando as falas.

Inform.3- 73 **E-** O texto veio dessa revista aqui, tá, Marie-Claire. E o texto que você traduziu 74foi esse. Então eu gostaria que você desse uma olhada na sua tradução e visse se 75mudaria alguma coisa em função do que você ta vendo aí, ou não, se você deixa do 76mesmo jeito. E se você for mudar, use a canetinha vermelha. Tá bom?

77 **I-** Tá. 79Na minha tradução, é o tempo verbal.

80 **E-** Ele muda de uma perspectiva pra outra?

81 **I-** É. ... Pronto.

82 **E-** Mais nada não?

83 **I-** Não.

Inform.4- 143 **E-** Essa é a sua tradução, o que você fez. Aqui é de onde veio o texto e aqui é o 144dito cujo. Esse aqui é o texto todo. Bom, então você vê se dentro dessa nova 145perspectiva, desse contexto novo, se você faz alguma mudança no seu texto, de 146qualquer forma que seja, ou não. Se você tá satisfeita, mesmo mudando a 147perspectiva.153Eu quero ver se com o contexto você muda alguma coisa. Se ele 154vai fazer diferença.

155 **I-** Só aqui... “ nós sabemos nos proteger”... eu vou mudar . O resto eu acho 156que é isso mesmo.

157 **E-** Vai acabar? Tem certeza? É assim que você apresentaria isso se fosse uma 158publicidade?

159 **I-** É.

Inform.5- 89 **E-** Agora, você vai reolhar aqui o que você fez, e, se você achar que precisa 90mudar, adaptar alguma coisa de acordo com a novidade, você fica à vontade.

95 **I-** ...Ah, aqui eu vou mudar...108acho que é somos capazes, eu vou tirar isso aqui.

Inform.6- 108 **E-** Foi daqui que foi extraído o texto...

109 **I-** Hum, hum

110 **E-** E aqui é o original. Então você vê se muda alguma coisa.

111 **I-** Só aqui, oh.

112 **E-** Pronto, nada mais? Nem sabendo que é um carro...

113 **I-** Eu já imaginei que é um carro: o SEAT. Que é um carro espanhol.

114 **E-** Então do jeito que tá fica tudo igual?

115 **I-** Tá, fica tudo igual.

Já no Grupo Controle, as mudanças em função do novo contexto e dos dados extra textuais foram logo cogitadas por 100% dos informantes, quando percebidas as necessidades:

GRUPO CONTROLE

Inform.7- 191 **E-** Aqui está a fonte do texto que você traduziu e aqui está o texto.

204 **I-** Agora esse SEAT ALTEA MAJORCA é o nome do carro, eu tô vendo aqui
205agora.

206 **E-** E aí, isso “alteia” alguma coisa?

207 **I-** Então pra carro, acho que seria: audacioso, elegante, competitivo. Feminino.
208 Você disse que ia ter uma surpresa. A surpresa era o carro. O carro mudou tudo aqui.

Inform.8- 117 **E-** Sua tradução!!! Agora você vai receber de onde ela veio e vai fazer as adaptações
118 que achar necessárias, ou não. 120 Então, diante dessa situação nova, você vê se precisa fazer
algum tipo de adaptação 121 ou não.

121 **I-** Vamos ver, né, porque é um carro. Quem é audacioso é o carro, não é a mulher.
123 Ah!!! Esse “*nous garer*” vai ter que ser mudado, né?

Inform.9- 105 **E-** Eu quero saber se você faz alguma modificação, com esse contexto novo.
106 Lembrando que foi aqui e aqui.

107 **I-** Não, o texto eu acho que não mudaria, não. Ficaria o mesmo.

108 **E-** E o que você disse que seria o título... o slogan?

109 **I-** Talvez aqui, agora. Como está falando de um carro.

.....

126 **I-...** Passou despercebido. Desligamento meu, mesmo. Mas talvez, se 127 eu tivesse
que fazer a propaganda de verdade, eu teria visto.

b) Mudanças relevantes no momento da revisão da tradução:

No Grupo “Tradutores não experientes” nenhuma mudança operada significou relevância para a manutenção do contrato comunicativo do texto de partida. O que era uma publicidade no texto em francês, quando traduzido para o português perdeu toda a razão de ser, pois os informantes, ainda cientes de que o texto se referia à publicidade de um carro, não procederam às adaptações pertinentes porque, segundo alguns, tais adaptações incorreriam na mudança de gênero de algumas palavras, ou

ainda, alguns se recusavam a fazer a transposição da publicidade de forma coerente como a que se faria em língua portuguesa e outros diziam não ter percebido o *slogan*, apesar de ele constar da primeira tradução.

TRADUTORES NÃO-EXPERIENTES

Inform.1- 113 **I-** Aqui é a marca, mas esse aqui é o tipo de carro.

114 **E-** Então o que viria aqui, numa propaganda em português, seria a marca ou o
115carro?

116 **I-** Seria o carro.

117 **E-** Então os adjetivos seriam no masculino ou no feminino? Por exemplo: Ford
118Eco Sport: audaciosa ou audacioso?

119 **I-** Nesse caso seria no masculino, mas se fosse uma caminhonete, seria 120audaciosa,
raçuda...

Inform.2- Não houve referência

Inform.3- 84 **E-** Tá, agora me diz: O que é isso aqui: SEAT ALTEA Majorca?

85 **I-** É um nome.

86 **E-** Mas é um nome de quê?

87 **I-** É uma marca?

88 **E-** Uma marca de quê?

89 **I-** De um carro.

90**E-**Tá, então olha aqui: audaciosa, performance, feminina. Mantêm no 91feminino?

92 **I-** Não.

93 **E-** Ah, então você não tinha visto isso antes, não, né?

94 **I-** É.

Inform.4- *O comentário posterior à gravação, a respeito do slogan, foi que ela não havia prestado atenção àquela parte. E também: “Tá no feminino!!!”*

Inform.5- *Comentário não registrado em fita, logo após terminar o trabalho:*

E: Por que você não fez a mudança no slogan, se carro é masculino, em português?

I- Ué, mas tava no feminino.

Inform.6- 114 **E-** Então do jeito que tá fica tudo igual?

115 **I-** Tá, fica tudo igual.

116 **E-** Tá bom, obrigada. Mas aqui é referente a um carro, deveria mudar.

117 **I-** Mas é porque tá no feminino...

118 **E-** Mas carro em francês é feminino, Deveria fazer a adequação para o 119masculino!

120 **I-** Ah...!!!

GRUPO CONTROLE

Aqui ocorreu o que esperávamos: 100% dos informantes aceitaram as mudanças e fizeram as adaptações necessárias, para que o Texto de Chegada mantivesse o mesmo propósito comunicativo do Texto de Partida, garantindo, então o contrato comunicativo.

Inform.7- 223 **E-** Então você acha que em português tem que ficar no masculino?

224 **I-** Fatalmente. Então “Um carro audacioso, elegante, competitivo” Isso aqui é uma
225explicitação, que eu tô fazendo.

Inform.8- 159 **I-** É... só lamentando a 160perda do “garer”, porque eu não tô vendo outra saída. Pode ser cuidar, proteger, mas pode 161ser estacionar... Aqui tem um jogo de palavra que tá perdido, a gente poderia tentar recuperá-162lo em outro lugar, achar um outro jogo de palavra pra salvar esse aqui.

167 **E-** Então, deixa eu te perguntar uma coisa. Por que que aqui, você manteve no 168feminino?

169 **I-** Ah!!!! É mesmo!!! Tem razão, tem razão, eu não tinha reparado!!! Oh!!!
170Terrível!!!!Audacioso!!!Gente!!! E feminina. É o carro, feminino em francês... Aí complica...

171 **E-** E vai mudar???

172 **I-** Não, vai ter que mudar, uai. Pois é, mas aí é que tá. Porque, se eu mudar...
173“Audacioso, de personalidade, performático. Feminino.” ... Tá, tudo, bem!!!

Inform.9- 123 **E-** Tá, mas aí, antes, você não mudou e agora que eu falei você pensou no 124assunto. Antes você considerou isso como uma marca só... Porque você tinha 125mantido no feminino?

126 **I-** Não sei... Passou despercebido. Desligamento meu, mesmo. Mas talvez, se 127eu tivesse que fazer a propaganda de verdade, eu teria visto. Então eu acho que... 128como o carro em francês é feminino, eu... em português, você teria que fazer a 129concordância com o referente, né, tem que ser no masculino. Audacioso, de 130caráter, performático. Feminino.

CONCLUSÃO: *De posse dos dados macro-textuais antes omitidos haverá um tratamento diferenciado para a 2ª tradução, garantindo o contrato comunicativo do texto de chegada?*

O Grupo Controle agiu como o esperado: procedeu instantaneamente as mudanças necessárias no Texto de Chegada, porém nossa hipótese de que o contrato seria mantido pelo Grupo “Tradutores não-experientes” foi completamente jogada por terra, uma vez que o conhecimento do contexto real não fez nenhuma diferença pois não promoveu nos informantes nenhuma necessidade de adaptação do que quer que fosse, nem mesmo se deram conta do objetivo do texto de partida.

Mais uma vez, *traduzir* o que estava escrito foi o que mereceu maior atenção por parte dos nossos informantes “não-experientes”.

4.1.6.4 ANÁLISE DA QUARTA QUESTÃO

D) Que papéis desempenha o tradutor quando leitor e tradutor?

Para respondermos a essa questão analisamos os questionários escritos (*Questionário 2 e Questionário Especial*) para sabermos como o informante acreditava proceder no momento de uma tradução e, em seguida, verificamos nos protocolos verbais por quais etapas nosso colaborador realmente passava, desde o momento em que se via como leitor até o momento de revisor de um novo texto.

Lembramos que para essa análise os grupos 2 e 3 foram reunidos em um único grupo, denominado “Tradutores não-experientes”.

TRADUTORES NÃO-EXPERIENTES

Questão 9 (*Questionário 2*) - *Quando* você pensa em como você traduz, quais são as etapas de que se utiliza para fazer uma tradução?

Inform. 1- *Questionário 2*: Não respondeu

Prática: 1) (leitura da imagem) “A primeira coisa que me chamou atenção foi a sombra, né? O escuro. O fundo mais escuro. O rosto, eu vejo o rosto de uma mulher. No início, eu pensei que ela pudesse estar grávida, mas depois eu vi que não. Por causa desse contorno que parece que ela tá grávida; depois eu vi que não, era uma pessoa de braço cruzado...” 2) (leitura geral do texto) ...Aí eu comecei a ler...3) (tradução sem busca imediata no dicionário) “...Eu vou traduzir no geral, o que eu entendi...” “...Quando acabar, já procuro tudo de uma vez...” 4) procurando no dicionário 5) (revisão da tradução e adaptações) “...Eu queria ler, pra traduzir do meu jeito...”

Inform.2- *Questionário2*: Leitura do título, sub-título e imagens; autor e sua formação, data da publicação e veículo divulgatório; leitura propriamente dita do texto.

Prática: 1) (leitura da imagem) “Estou olhando a imagem...” 2) (leitura geral do texto) “... Agora eu posso passar o olho pelo texto, né? Vou dar uma olhada geral no texto...” 3) (busca pelo dicionário) “...Aí eu posso começar a olhar uns termos no dicionário, tá?...” 4) (adaptações) “...Estou olhando aqui... a partir desse termo...tentando costurar os sentidos...Vou colocar...talvez depois...eu mude.” 5) (releitura da tradução e adaptações) “...eu iria reler novamente e.. tentar refazer depois... vou fazer uns ajustes...”

Inform.3- *Questionário 2*: Inicialmente leio o título e logo leio frase por frase, depois tento contextualizar, volto ao texto.

Prática: 1) (leitura da imagem) “A primeira coisa que fiz foi olhar a figura, dei uma olhada no contexto geral do texto...” 2) (leitura compartimentada) “...eu li só o comecinho...fiquei lendo palavra por palavra...” 3) (busca no dicionário durante a tradução) “...já fui ao dicionário duas vezes...” 4) (tradução sem busca imediata pelo dicionário) “...e depois fiquei sem me deter muito no sentido das palavras...”

Inform.4- Questionário2: Primeiro uma leitura geral do texto. Em seguida, vou escrevendo cada frase, já utilizando o dicionário para as palavras desconhecidas.

Prática: 1) (leitura geral do texto em francês) “Estou primeiro vendo aqui, de um modo geral, o que que isto pode significar...(A primeira leitura foi...) pra eu compreender o sentido geral do texto...” 2) (tradução sem busca pelo dicionário) “...passei batido”; 3) (Tradução com dicionário) “Na segunda leitura já passei pra leitura de traduzir: já fui pegando as palavras que eu tinha dúvida e fui traduzindo...” 4) (releitura do texto traduzido) leu seu texto em voz alta, em português; 5) (adaptações) “...e depois tentando... mudar algumas palavras pra dar um texto melhor...”

Inform.5- Questionário2: Parágrafo por parágrafo.

Prática: 1) (leitura do texto) “Eu já li em francês direto”; 2) (tradução sem busca imediata ao dicionário) “É... Eu não sabia o que era (algumas palavras) e passei adiante”; 3) (nova leitura do TO, tradução e busca no dicionário) “A segunda leitura já foi a tradução... fui traduzindo...e fui parando pra entender o que eu não sabia” (no dicionário); 4) (busca no dicionário e releitura, em português- preocupação com adaptações) “...procurei no dicionário e cheguei ao fim. Mesmo assim eu fiquei em dúvida de algumas palavras e aí eu fui ler em português pra ver se o texto estava com harmonia.”; 5) (nova releitura) “...mas ainda assim eu vou dar mais uma lida.”

Inform.6- Questionário2: Contato com o conteúdo; contato com a forma de escrever; tradução.

Prática: 1) (leitura do texto) “Tô dando uma olhada geral pra ver esse “on” aqui, como é que eu vou traduzir.” 2) (Não leu o texto todo) ...frase por frase; 3) (releitura do texto, em português) “Agora... depois que eu li tudo, talvez eu mudasse...” 4) (releitura de sua tradução e adaptações) 5) (nova releitura da tradução).

GRUPO CONTROLE

Questão 11 (Questionário Especial)- Sua tradução segue quais etapas, em linhas gerais?

Inform.7- QuestionárioEsp.: Traduzo um capítulo inteiro, sem me preocupar com o que não sei. Depois vejo o vocabulário que falta. Por fim, uma revisão geral, principalmente na sintaxe e no estilo.

Prática: 1) (leitura geral do texto, em francês) “Estou em primeiro lugar lendo o texto...vendo o principal tema...” 2) (tradução- em voz alta- monólogos, idas e vindas na leitura- reflexões constantes sobre a melhor adequação sintática e semântica) 3) (idas aos dicionários) “... deixa eu dar uma olhada no “garer””; 4) (escrever a tradução) “... veio instintivamente... eu tô traduzindo uma coisa, quando vou escrever, vem outra”.

Inform.8- QuestionárioEsp.: Leitura do texto; marcar possíveis dificuldades; começar a traduzir já pesquisando; o texto terminado fica esquecido na gaveta para ser retomado.

Prática: 1) (leitura geral do texto em francês) “...Então eu vou ler ele todo primeiro...” 2) (tradução sem busca imediata ao dicionário) “...Eu traduzo e deixo em branco as partes que me dão problema...” 3) (preocupação com a adequação semântica e sintática) “... cê não sente que fica mais bonito?” “...Porque aí... depois que eu faço, aí eu vou corrigir ...” 4) (releitura da

tradução em voz alta) “... depois eu vou ficar relendo em voz alta.”; 5) (busca em vários dicionários) “... aí eu pego o dicionário de sinônimos em francês...” 6) (releitura final) “... mas aí eu tenho que dar uma lida...porque eu não faço de uma vez só, sem reler.”

Inform.9- *QuestionárioEsp.*: Leitura do texto para me impregnar do tema e observar a estrutura. Caso a forma seja importante, faço a leitura em voz alta; tradução oral do parágrafo e, em seguida, a tradução diretamente no computador, rodeada de dicionários.

Prática: 1) (busca por dados extra textuais) “... primeiro meus olhos foram diretamente no título,...tem uma garota com aspecto romântico...” ; 2) (leitura do texto, em francês) “... agora eu vou ler o texto...antes de traduzir eu faço uma leitura na língua, em francês.”; 3) (tradução oral) “...num texto curto, assim, eu faço uma tradução oral pra poder me dar conta das dificuldades que eu possa encontrar, pra respeitar a sonoridade...” 4) (busca nos dicionários, após fim das leituras) “...esse “racée” eu teria que procurar no dicionário...” 5) (leitura da tradução em voz alta) “...eu tenho que ler alto porque pode ter coisas que eu não vou concordar.”; 6) (releitura em francês) “... agora eu vou reler esse texto em francês...” 7) (preocupação com adequação semântica e de estilo) “...fica mais rico, eu acho. Retomo a palavra na língua francesa e evita a repetição, que empobrece o texto...” 8) (nova leitura, em francês e em português).

De acordo com as respostas dadas por ambos os grupos podemos, antes de responder à questão de que trata esse item, estabelecer certas categorias que apareceram nas respostas teóricas. No entanto, é bom esclarecer que o que computamos como respostas dadas, foram menções explícitas, isto é, o informante pensou, lembrou e escreveu. Ainda que pudéssemos inferir algumas outras categorias implícitas em suas respostas não o fizemos por não estarem registradas graficamente.

Então, segundo o que apuramos nos depoimentos, temos:

A) *TRADUTORES NÃO-EXPERIENTES* (Questionário 2- Questão 9: *Quando você pensa em como você traduz, quais são as etapas de que se utiliza para fazer uma tradução?*)

Inform. 1- Não respondeu

Inform.2- Leitura do título, sub-título e imagens; autor e sua formação, data da publicação e veículo de divulgação; leitura propriamente dita do texto.

Inform.3- Inicialmente leio o título e logo leio frase por frase, depois tento contextualizar, volto ao texto.

Inform.4- Primeiro uma leitura geral do texto. Em seguida, vou escrevendo cada frase, já utilizando o dicionário para as palavras desconhecidas.

Inform.5- Parágrafo por parágrafo.

Inform.6- Contato com o conteúdo; contato com a forma de escrever; tradução.

B) *GRUPO CONTROLE* (Questionário Especial- Questão 11: *Sua tradução segue quais etapas, em linhas gerais?*)

Inform.7- Traduzo um capítulo inteiro, sem me preocupar com o que não sei. Depois vejo o vocabulário que falta. Por fim, uma revisão geral, principalmente na sintaxe e no estilo.

Inform.8- Leitura do texto; marcar possíveis dificuldades; começar a traduzir já pesquisando; o texto terminado fica esquecido na gaveta para ser retomado.

Inform.9- Leitura do texto para me impregnar do tema e observar a estrutura. Caso a forma seja importante, faço a leitura em voz alta; tradução oral do parágrafo e, em seguida, a tradução diretamente no computador, rodeada de dicionários.

Diante dos dados levantados foi-nos possível apurar matematicamente as categorias. A tabela abaixo refere-se aos números levantados dentro dos grupos analisados. O item “Menção” refere-se a quantos informantes sugeriram a categoria e a coluna “Menção %” é o valor dessas informações em dados percentuais.

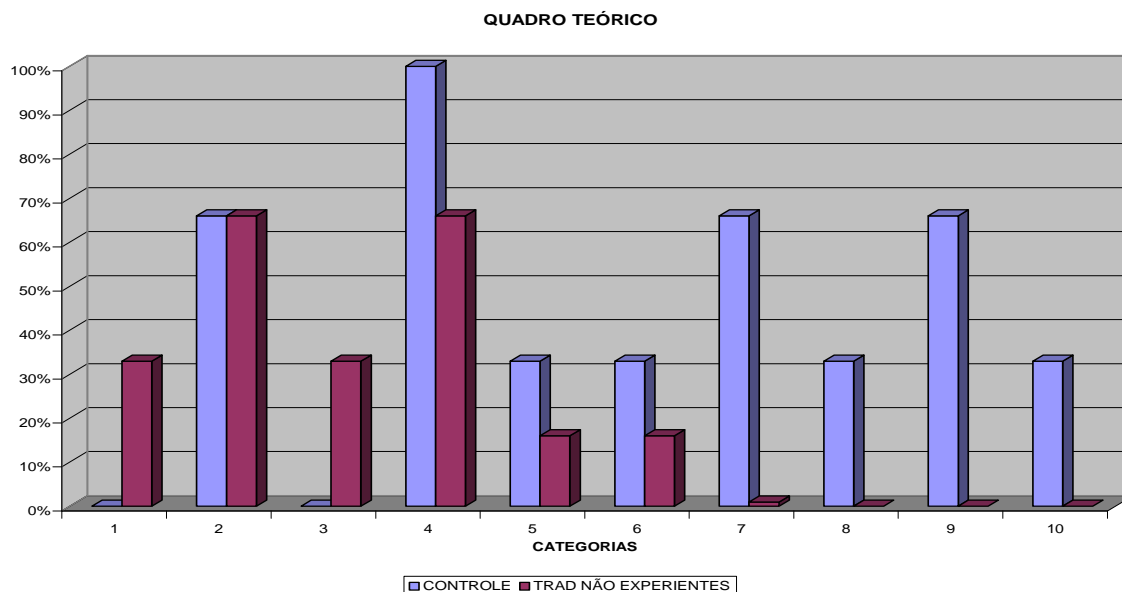
A título de esclarecimento a categoria 4 (Tradução) consta desse quadro por ter sido apontada em um dos questionários, assim como o item 6.

Tabela I

| QUADRO TEÓRICO | | | | |
|--|-----------------|-----------------|-----------------------------|-----------------|
| CATEGORIAS | CONTROLE | | TRAD NÃO EXPERIENTES | |
| | MENÇÃO | MENÇÃO % | MENÇÃO | MENÇÃO % |
| <i>1) Busca por indícios extra-textuais</i> | 0 | 0% | 2 | 33% |
| <i>2) Leitura do texto integral</i> | 2 | 66% | 4 | 66% |
| <i>3) Leitura do texto, por partes</i> | 0 | 0% | 2 | 33% |
| <i>4) Tradução</i> | 3 | 100% | 2 | 66% |
| <i>5) Contextualização/ Adaptação</i> | 1 | 33% | 1 | 16% |
| <i>6) Releitura do TP</i> | 1 | 33% | 1 | 16% |
| <i>7) Uso do dicionário durante a tradução</i> | 2 | 66% | 1 | 1% |
| <i>8) Uso do dicionário após a tradução</i> | 1 | 33% | 0 | 0% |
| <i>9) Revisão da tradução</i> | 2 | 66% | 0 | 0% |
| <i>10) Leitura da tradução em voz alta</i> | 1 | 33% | 0 | 0% |

Através do Gráfico I representando o Quadro Teórico é possível perceber que a prática da tradução, experienciada pelo Grupo Controle, ajuda a ativar categorias sobre *o que se pensa fazer* durante o processo tradutório, o que não ocorreu nos grupos que não vivenciam essa prática, pois tais categorias se não foram lembradas, foram muito pouco cogitadas pelo Grupo “*Tradutores não-experientes*”.

GRÁFICO I



Se na teoria as respostas se apresentam de uma maneira, vejamos como, na prática, se deram, de fato, as etapas da tradução, começando pelos tradutores não-experientes.

A) *TRADUTORES NÃO-EXPERIENTES*

Inform.1- 1) leitura da imagem; 2) leitura geral do texto; 3) tradução sem busca imediata no dicionário; 4) procurando no dicionário; 5) revisão da tradução; 6) adaptações.

Inform.2- 1) leitura da imagem; 2) leitura geral do texto; 3) busca no dicionário durante a tradução; 4) adaptações; 5) revisão da tradução; 6) adaptações.

Inform.3- 1) leitura da imagem; 2) leitura compartimentada; 3) busca no dicionário durante a tradução; 4) tradução sem busca imediata pelo dicionário.

Inform.4- 1) leitura geral do texto; 2) tradução sem busca pelo dicionário; 3) tradução com dicionário; 4) revisão do texto traduzido; 5) adaptações.

Inform.5- 1) leitura geral do texto; 2) tradução sem busca imediata ao dicionário; 3) nova leitura do TO, tradução e busca no dicionário; 4) busca no dicionário e releitura, em português- preocupação com adaptações; 5) nova revisão.

Inform.6- 1) Não leu o texto todo; 2) releitura do texto, em português; 3) dicionário; 4) revisão de sua tradução; 5) adaptações; 6) nova revisão da tradução.

B) GRUPO CONTROLE

Inform.7- 1) leitura geral do texto, em francês; 2) tradução- em voz alta- monólogos, idas e vindas na leitura- reflexões constantes sobre a melhor adequação sintática e semântica; 3) idas aos dicionários; 4) escrever a tradução.

Inform.8- 1) leitura geral do texto, em francês; 2) tradução sem busca imediata ao dicionário; 3) preocupação com a adequação semântica e sintática; 4) releitura da tradução em voz alta; 5) busca em vários dicionários; 6) revisão final.

Inform.9- 1) busca por dados extra textuais; 2) leitura do texto, em francês; 3) tradução oral; 4) busca nos dicionários, após fim das leituras; 5) leitura da tradução em voz alta; 6) releitura em francês; 7) preocupação com adequação semântica e de estilo; 8) nova leitura, em francês e em português.

O quadro que se segue revela como os grupos agiram e compara os dados entre esses grupos.

Nessa análise o item 4 foi computado como 100% uma vez que o evento que está sendo analisado aqui é a tradução, na prática, e todos a fizeram. A mesma coisa se deu na análise do item 6, pois é impossível fazer-se uma tradução sem consultar várias vezes o texto de partida.

É curioso notar que, contrariamente ao que acreditávamos que aconteceria, a busca pelos *indícios extra textuais* (1) fez-se presente de maneira pouca convincente no Grupo Controle, tendo sido superada pelo Grupo dos Tradutores não-experientes. No entanto, em relação à *leitura integral*

do texto (2), percebemos que os sujeitos do Grupo Controle viram claramente a necessidade, ou talvez, a facilidade de se ler o texto todo antes de começarem a tradução, o que não ocorreu no outro grupo. No que diz respeito à *contextualização/adaptações* (5), os números foram idênticos, pois ainda que não tenha sido mencionada nas respostas dos *Questionário 2* e *Especial*, elas foram usadas de forma espontânea, na prática. Algo semelhante ocorreu no item *revisão da tradução* (8) desta vez, porém, nos dois grupos, mas que, por parte do Grupo Controle foi justificado pela informante ser devido à situação não autêntica da proposta da tradução. A categoria *leitura da tradução em voz alta* surpreendeu pela diferença percentual computada entre os grupos e, pelo que foi vivenciado (mas não esclarecido), a motivação que levou à pronúncia da tradução em voz alta pelo informante do Grupo dos Tradutores não-experientes não teve o mesmo propósito dos demais informantes.

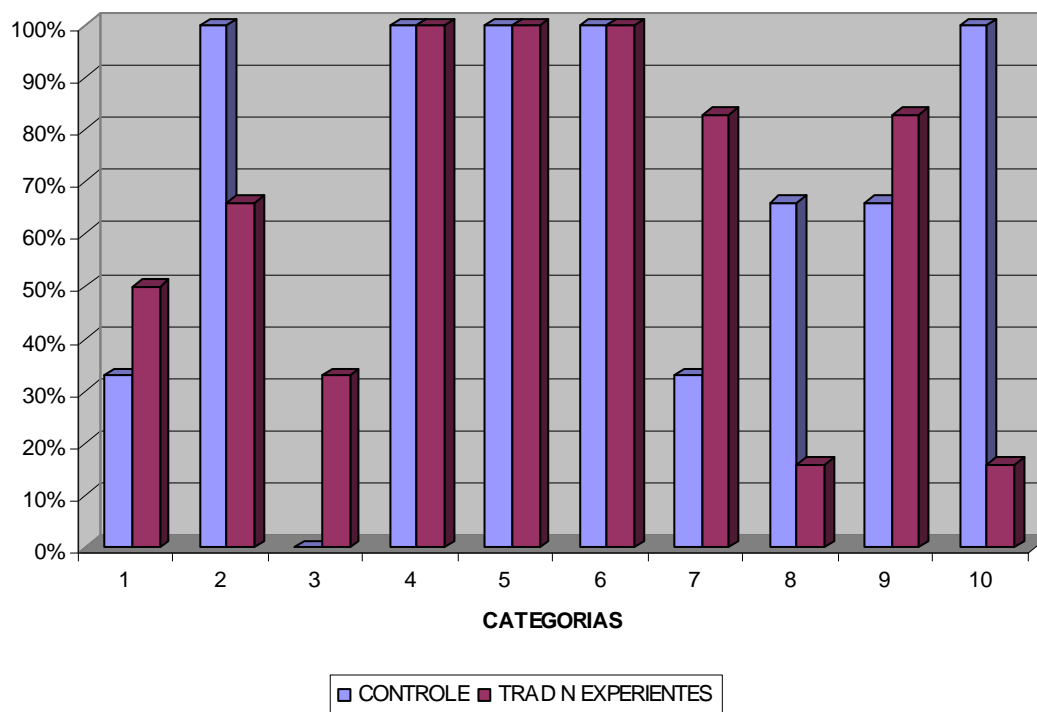
Tabela II

| QUADRO PRÁTICO | | | | |
|--|-----------------|-----------------|-----------------------------|-----------------|
| CATEGORIAS | CONTROLE | | TRAD NÃO EXPERIENTES | |
| | MENÇÃO | MENÇÃO % | MENÇÃO | MENÇÃO % |
| 1) <i>Busca por indícios extra-textuais</i> | 1 | 33% | 3 | 50% |
| 2) <i>Leitura do texto integral</i> | 3 | 100% | 4 | 66% |
| 3) <i>Leitura do texto, por partes</i> | 0 | 0% | 2 | 33% |
| 4) <i>Tradução</i> | 6 | 100% | 6 | 100% |
| 5) <i>Contextualização/ Adaptação</i> | 3 | 100% | 6 | 100% |
| 6) <i>Releitura do TP</i> | 6 | 100% | 6 | 100% |
| 7) <i>Uso do dicionário durante a tradução</i> | 1 | 33% | 5 | 83% |
| 8) <i>Uso do dicionário após a tradução</i> | 2 | 66% | 1 | 16% |
| 9) <i>Revisão da tradução</i> | 2 | 66% | 5 | 83% |
| 10) <i>Leitura da tradução em voz alta</i> | 3 | 100% | 1 | 16% |

Diferentemente do gráfico I, que retrata o que os informantes *pensam que fazem* durante a tradução, o gráfico II nos revela os padrões de *comportamento real* dos grupos de informantes, no instante da 1ª tradução.

GRÁFICO II

QUADRO PRÁTICO



Através dessa análise e comparação percebemos, pelos *Questionário 2* e *Questionário Especial*, que nem sempre a posse do conhecimento formal da teoria tradutória leva a uma excelência de comportamento exclusiva dos que o possuem, uma vez que em ambos os grupos, ainda que em graus diferentes, todas as categorias se fizeram presentes, e que, ao contrário disso, é a maneira mais conscienciosa de agir dos informantes do Grupo Controle que passa a ser “o” diferencial do fazer tradutório.

Porém, pensando mais diretamente nos papéis que o tradutor desempenha, com foco especial para o primeiro momento da tradução, pudemos apurar através dos depoimentos do Grupo “Tradutores não-experientes” que a primeira leitura é feita basicamente para se entender as palavras do texto e a segunda é o momento de tentar compreender o texto.

Vejamos, então, como se manifestou o *Eu-decodificador*, durante a tradução (momento da recepção do texto: Tradutor = Leitor):

A-SOBRE O EU-DECODIFICADOR

TRADUTORES NÃO-EXPERIENTES

Inform.1/ Inform.2/ Inform.3 (Grupo 2)

Na primeira leitura, com o objetivo de conhecer o assunto tratado, diziam tentar “decifrar” o texto e as palavras que não compreendiam, ou ainda, ignorá-las. Na segunda leitura, tentavam “dar sentido” ao texto que estavam traduzindo.

Esse comportamento contrariou nossa hipótese de que esse grupo agiria de forma a ficar menos preso ao léxico em relação ao grupo 3 (Inform.- 4, 5 e 6), preocupando-se mais com a compreensão do texto, e o que ocorreu foi exatamente o contrário.

(Primeira leitura)

Inform.1- 23 E- Você está traduzindo e deixando uns espaços em branco. Por quê?

24 **I-** São palavras que eu não sei o que é...

25 **E-** E vai fazer o quê?

26 **I-** Vou procurar no dicionário e quando acabar, já procuro tudo de uma vez.

(Segunda leitura)

82 **E-** Só pra recapitular um pouquinho: Você pegou o texto, observou, né? A
83formatação dele... a imagem... terminando isso, fez uma leitura rápida pra ver do que 84se
tratava.

85 **I-** Hum...hummm...

86 **E**-Em seguida, você passou a traduzir, deixando os espaços em branco para as
87palavras que você não sabia. Aí voltou, foi ao dicionário, pegou, colocou aqui, depois 88fez mais
uma lida do texto e depois fez outra lida do seu texto para adequar.

89 **I**- Isso

(Primeira leitura)

Inform.2- 35 **I**- Uma leitura rápida e principalmente pela..... vou botar com se fosse... 36um
subtítulo (*slogan*), né?

37 **E**- Em seguida você leu o texto... pela segunda vez ou primeira vez?

38 **I**- Não. Eu passei o olho uma vez. Comecei a olhar uns termos, né?

(Segunda leitura)

39 **E**- Aí, na segunda vez, você começou a procurar, não é?

40 **I**- Nos que eu estou em dúvida. Agora, vou começar a escrever... Esse termo aqui, eu
ainda... comecei a olhar e 44não peguei ainda...Deixa eu ver... Vou colocar como alguém, mas ele
seria como... 45tipo ... alguém ou ela...,né? que é dona da vida, da sua história. Melhor tradução não
46seria alguém. Mas a princípio vou colocar... talvez depois...eu mude

(Primeira leitura)

Inform.3- 4 **E**- Em relação à leitura, à tradução, como é que você procedeu até então?

5 **I**- Eu fiquei lendo palavra por palavra, no primeiro momento, né? Daí, já fui no
6dicionário duas vezes pra tentar decifrar duas palavras que eu não estava entendendo, 7pra dar
sentido na frase (*que estava lendo em língua estrangeira*)

30 **I**-Não. Então eu li a primeira, segunda e terceira frases, né? E dei início à 31 tradução. Depois, teve 3, 4 palavras que eu tive dúvidas e recorri ao dicionário, 32 porque eu não consegui por si só decifrar o contexto.

(Segunda leitura) Como essa informante lia e traduzia cada frase à medida que aparecia, aqui não houve a 2ª leitura.

(Grupo 3)

(Primeira leitura)

Inform.4- 127 **E**- Então, só me fala uma coisa para eu recapitular aqui. Você recebeu o texto. 128 Você fez uma leitura, não foi? Depois, por que você fez essa 1ª leitura?

129 **I** – Para eu compreender o sentido geral do que se tratava.

130 **E**- E quando você esbarrou com umas palavras desconhecidas o que você fez 131 na sua cabeça?

132 **I**- Eu passei batido.

(Segunda leitura)

135 **E**- Aí, quando você fez a segunda leitura, aí você já passou pra leitura de 136 traduzir?

137 **I**...de traduzir. Já fui pegando as palavras todas que eu tinha dúvida e fui 138 traduzindo. E depois, tentando dar um... mudar algumas palavras pra dar um texto 139 melhor... não repetir... tipo amadurecer duas vezes com maduras.

(Primeira leitura)

Inform.5- 66 **E-** ...a primeira vez você pegou o texto, quando 67eu te entreguei, o que você fez?

Você pegou o texto, leu, começou a traduzir, o que 68você fez?

69 **I-** Não. Eu já li em francês direto.

70 **E-** Leu direto. E quando você passava nessa lida por alguma palavra que você 71não conhecia, você continuou. Sua cabeça não deu um ... tropeço?

72 **I-** É... Eu não sabia o que era e passei adiante. Eu não liguei, não.

(Segunda leitura)

73 **E-** E a segunda leitura já foi a tradução?

74 **I-** É, a segunda leitura já foi a tradução e, aí, fui traduzindo, aí eu tentei, parei 75e fui parando para entender as palavras que eu não sabia.

76 **E-** Aí procurou no dicionário?

77 **I-** Procurei no dicionário e cheguei no fim. Mesmo assim eu fiquei em dúvidas 78de algumas palavras e aí eu fui ler em português para ver se o texto estava com 79harmonia.

(Primeira leitura)

Inform.6- 8 **E-** Você chegou a ler o texto todo ou tá indo frase por frase?

9 **I-** Não, frase por frase.

10 **E-** Por que você não leu o texto todo?

11 **I-** Por que eu já vi que é uma espécie de... não é uma prosa. Eu não tenho que 12compreender. As frases falam por si...

(Segunda leitura) Mais um caso em que o informante não fez as duas leituras, pois já começou a ler e traduzir, ao mesmo tempo.

Analisados os depoimentos desses dois grupos, que formam um único: o dos “*Tradutores não-experientes*”, podemos concluir que aqui não houve diferença em relação à motivação das leituras: a primeira era uma forma de tomar conhecimento do assunto geral do texto, mas com o cuidado de compreender bem as palavras. Nesse caso, o léxico era mais importante do que o que o texto queria dizer. Ainda que em alguns casos os informantes disseram não se incomodar com o que não sabiam, percebemos que essa atitude revelava interesse em prosseguir no texto, porém não para compreendê-lo, mas para detectarem o que não sabiam, voltando, então, à questão da compreensão/incompreensão lexical (100%). Nesse sentido já podemos confirmar nossa hipótese a respeito dos papéis do tradutor, onde afirmamos que o primeiro momento da tradução (a primeira leitura), ao menos para os tradutores não-experientes, começa na decodificação dos vocábulos.

A segunda leitura apresentou um percentual de 66% dos Tradutores não-experientes preocupados com a compreensão do texto, preocupação essa revelada através da busca da melhor forma de se usar e compreender a palavra, ou seja, preocupação com o sentido do texto de partida.

GRUPO CONTROLE

Esse grupo de informante agiu de forma diferente ao proceder às duas leituras: a primeira foi para tomar contato com o texto e apreender seu sentido, não simplesmente para uma leitura global, como procedeu o grupo anterior (Tradutores não-experientes- Grupos 2 e 3). A segunda leitura já passou a ser a tradução, porém feita em voz alta, para sentir como reagiria o texto na língua de chegada.

(Primeira leitura)

Inform.7- 5 I-Estou em primeiro lugar lendo o texto. Estou vendo o principal tema...

(Segunda leitura) Lendo em voz alta e se escutando, adaptando, cuidando do estilo.

84 **I**-...nossas casas em lares” fica mais curtinho e o ritmo fica até melhor...91mais numerosa no mundo”. Olha, ficava um recurso poético bom...

(Primeira leitura)

Inform.8- 5 **I**- Então eu vou ler ele todo, né? Deixa eu ler ele todo primeiro. É um elogio às 6mulheres, né? (*leitura em português, traduzindo escrevendo*.)... Uma coisa que eu faço, é... eu 7não vou ao dicionário, não. Eu traduzo e deixo em branco as parte que me dão problema, depois 8que eu vou, porque assim eu apreendo o sentido antes e depois.

(Segunda leitura) Lendo em voz alta e se escutando, adaptando, cuidando do estilo.

17 **I**- Eu não gosto de repetir o “e”, eu 18sempre modifico, porque se você vai fazer em forma de poema eu costumo modificar muito, 19entendeu? Deixa o mesmo sentido, mas eu tento que ele fique poético, bonito ao ouvir na 20língua da gente, então eu tiro esses “e”.

(Primeira leitura)

Inform.9- 27 **E**- A primeira leitura em francês foi pra tomar conhecimento do texto, do 28assunto? Pra que que foi a primeira leitura?

29 **I**- Tomar conhecimento do assunto, sentir o som, os sons que se repetem, tem 30aquela repetição dos “**On**”, tem repetições de adjetivos...são estruturas simples, né? 31Me deu conta da estrutura das frases.

(Segunda leitura) Lendo em voz alta e se escutando, adaptando, cuidando do estilo.

16 **I**... Antes de traduzir eu faço uma leitura como eu fiz na língua, né, em francês, 17depois eu faço um... num texto curto assim, eu faço uma tradução oral pra poder me 18dar conta das dificuldades que eu vou encontrar, pra respeitar a sonoridade...

93 **I**- Nós amadurecemos mais... e nós somos mais maduras...’ Você vê que no francês, 94você tem a opção, né, eu colocaria “Nós somos menos imaturas” aí eu respeito o “ 95*mature*”, daqui e não repito a palavra madura. Fica mais rico, eu acho. Retomo a 96palavra na língua francesa e evita a repetição que empobrece o texto.

Quando passamos a analisar os dados dos tradutores profissionais, sempre em relação ao *Eu-decodificador*, revelou-se uma outra realidade: a primeira leitura não se preocupou com os vocábulos, mas em 66% dos casos houve a preocupação de se “sentir o texto”. De forma unânime, a segunda leitura foi usada, em voz alta, já em processo de tradução para adequar o estilo do texto produzido ao que já propunha o texto de partida.

Passemos agora ao outro papel que propomos ao tradutor, quando do momento da produção de seu texto: o de *Eu-codificador*.

B-SOBRE O EU-CODIFICADOR

Sobre acreditar que ao escrever o texto o tradutor/escrevente, antes de se preocupar com o sentido do texto, se preocupa em codificar as informações contidas no mesmo, tivemos apurados os depoimentos que se seguem.

TRADUTORES NÃO-EXPERIENTES

Inform.1- 23 E-Você está traduzindo e deixando uns espaços em branco.

26 **I-** Vou procurar no dicionário e quando acabar, já procuro tudo de uma vez.

Inform.2- 40 **I-** Agora, vou começar a escrever... Esse termo aqui, eu ainda... comecei a olhar e
44 não peguei ainda... Deixa eu ver... Vou colocar como alguém, mas ele seria como... 45 tipo ...
alguém ou ela..., né? que é dona da vida, da sua história. Melhor tradução não 46 seria alguém. Mas
a princípio vou colocar... talvez depois... eu mude

Inform.3- 30 **I-** ... Então eu li a primeira, segunda e terceira frases, né? E dei início à 31 tradução.
Depois, teve 3, 4 palavras que eu tive dúvidas e recorri ao dicionário, 32 porque eu não consegui por
si só decifrar o contexto.

Inform.4- 135 **E-** Aí, quando você fez a segunda leitura, aí você já passou pra leitura de
136 traduzir?

137 **I-** ... de traduzir. Já fui pegando as palavras todas que eu tinha dúvida e fui
138 traduzindo. E depois, tentando dar um... mudar algumas palavras pra dar um texto 139 melhor...
não repetir... tipo amadurecer duas vezes com maduras.

Inform.5- 74 **I-** É, a segunda leitura já foi a tradução e, aí, fui traduzindo, aí eu tentei, parei 75 e fui
parando para entender as palavras que eu não sabia.

76 **E-** Aí procurou no dicionário?

77 **I-** Procurei no dicionário e cheguei no fim. Mesmo assim eu fiquei em dúvidas 78 de
algumas palavras e aí eu fui ler em português para ver se o texto estava com 79 harmonia.

Inform.6- 8 **E-** Você chegou a ler o texto todo ou tá indo frase por frase?

9 **I-** Não, frase por frase.

51 I- ...Agora talvez, depois que eu li tudo, eu talvez mudasse pro 52“damos”. Dá no mesmo, ficaria mais bonito...

GRUPO CONTROLE

Inform.7- 137 I- Tem o mesmo sentido. Veio instintivamente. Acontece muito, eu tô traduzindo 138uma coisa, quando vou escrever, vem outra coisa. È isso que eu falei, eu procuro melhorar 139a redação, pra não ficar presa naquela sintaxe.

Inform.8- 6 I- ...Uma coisa que eu faço, é... eu 7não vou ao dicionário, não. Eu traduzo e deixo em branco as parte que me dão problema, depois 8que eu vou, porque assim eu apreendo o sentido antes e depois.

Inform.9- 64 I- ... Agora que eu peguei a 65caneta, me veio uma outra dúvida. Quando eu traduzi, eu vi que eu eliminei o “nós”, 66mas eu acho que essa insistência aqui, do sujeito, é importante no francês, quer dizer, 67no texto, não só em francês, mas pro texto. Então, talvez, eu tenha que repetir. Deixa 68eu ver como ficaria em português...

CONCLUSÃO: Que papéis desempenha o tradutor quando leitor e tradutor?

A) Nossa hipótese para esta questão era de que tanto o tradutor profissional como o inexperiente passavam pelos mesmos processos no momento da tradução. No entanto, após verificarmos o que representava em cada grupo o momento da 1ª e o da 2ª leituras, podemos dizer que não é exatamente como prevíamos, pois o peso que elas têm em cada grupo se mostrou bastante diferente. Queremos dizer com isso que enquanto no Grupo Controle a 1ª leitura significava mergulhar no texto, em suas nuances e possíveis problemas, para o Grupo “Tradutores não-

experientes” significou um processo muito anterior ao experienciado pelos tradutores experientes: significou se munir de ferramentas que os permitissem, mais tarde, compreender o texto em questão. Tais ferramentas se traduzem na posse e domínio do léxico, na decodificação das palavras, em saber o que cada uma delas significa e assim passar a ter a possibilidade de uma tradução possível.

Também a 2ª leitura, nos dois grupos, foi feita com objetivos diferentes. No Grupo Controle ela transitou entre a 2ª leitura e a tradução perpassando ora uma ora outra. De forma sutil, essa leitura se metamorfoseou de tradução, com a preocupação recaindo em se manter no texto de chegada o estilo do texto de partida. Mas ao compararmos com o Grupo “*Tradutores não-experientes*” teremos também nessa fase um grau aquém do encontrado no grupo anterior, ou seja, a 2ª leitura para esses informantes ainda representava a busca pela melhor palavra que daria sentido ao texto de chegada.

Desta feita, confirmamos, em parte nossa hipótese: A presença do *Eu-decodificador* no primeiro momento da tradução (leitura do texto de partida) existe fortemente marcada nos tradutores não-experientes, porém ela não se confirma nos tradutores já profissionais.

Ainda considerando os tradutores inexperientes, a presença do *Tu-interpretante* realmente existe na 2ª leitura, mas bastante diferente do que prevíamos, já que por parte desses informantes, como vimos anteriormente, não houve nenhum questionamento, hipóteses ou antecipações. Em resumo, o leitor se limitou a interpretar a massa textual, esquecendo-se de todas as possibilidades de interpretação que o texto pode lhe dar, quando observadas suas condições de produção. Nesse sentido podemos afirmar algo semelhante para o Grupo Controle, porém em nível bastante reduzido, uma vez que os informantes desse grupo viveram momentos onde se questionaram acerca da intenção e da motivação do texto.

B) Ao analisarmos os dados referentes ao tradutor desempenhar como primeira função de escrevente o papel de codificador de um novo texto (Texto de Chegada) vimos que nossa afirmação procede no que diz respeito aos tradutores inexperientes (Grupos 2 e 3), pois estes afirmam que “escrevem e depois procuram no dicionário o que não sabem”, comprovando assim, que registrar no papel o que foi decodificado precede o registro do que foi compreendido.

Contrariando nossa hipótese de que isso ocorreria também nos tradutores profissionais, essa etapa revelou-se não existir nesse grupo, pois a primeira escrita já é feita simultaneamente às primeiras adaptações.

Assim sendo, a presença do *Eu-codificador* ocorre apenas no Grupo “*Tradutores não-experientes*”.

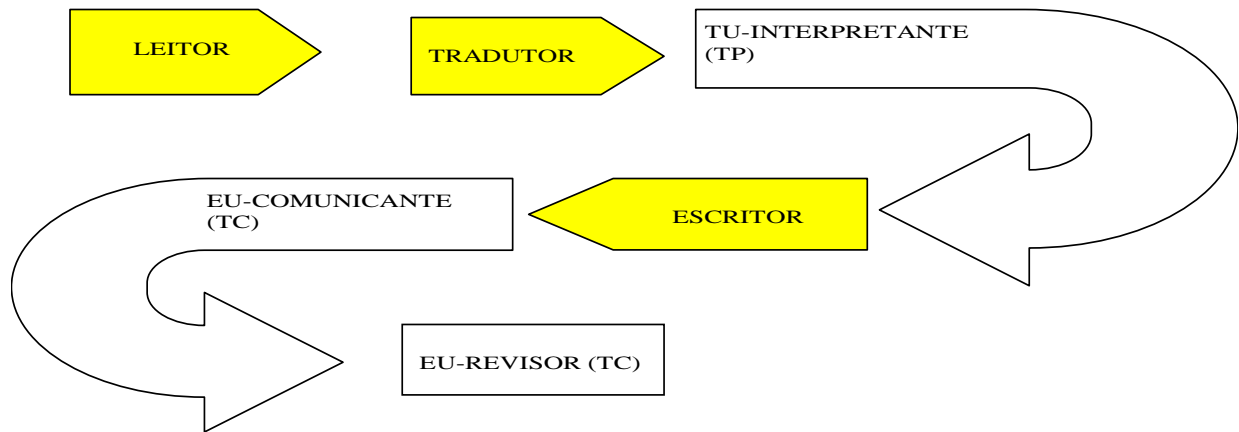
Da mesma maneira que a presença do *Tu-interpretante* foi fraca e opaca no momento da leitura do Texto de Partida, também o *Eu-comunicante* não se manifestou conforme prevíamos, uma vez que aqui também as hipóteses, suposições, previsões e questionamentos que imaginávamos que ocorreriam em ambos os grupos, aconteceu muito timidamente apenas no Grupo Controle.

Mas... na atribuição do papel de revisor houve grande coincidência de atitudes, uma vez que ambos os grupos analisados tiveram a mesma atitude diante de seu texto de chegada: a grande maioria dos informantes fez a revisão do texto final sem que precisássemos solicitar, confirmando a presença do *Eu-revisor* nos dois grupos.

Então, munidos dessas informações, somos capazes de rever nossa proposta que cogitava a existência dos mesmos papéis aos tradutores experientes e inexperientes, indistintamente, e propor um novo esquema, adaptado à categoria do tradutor.

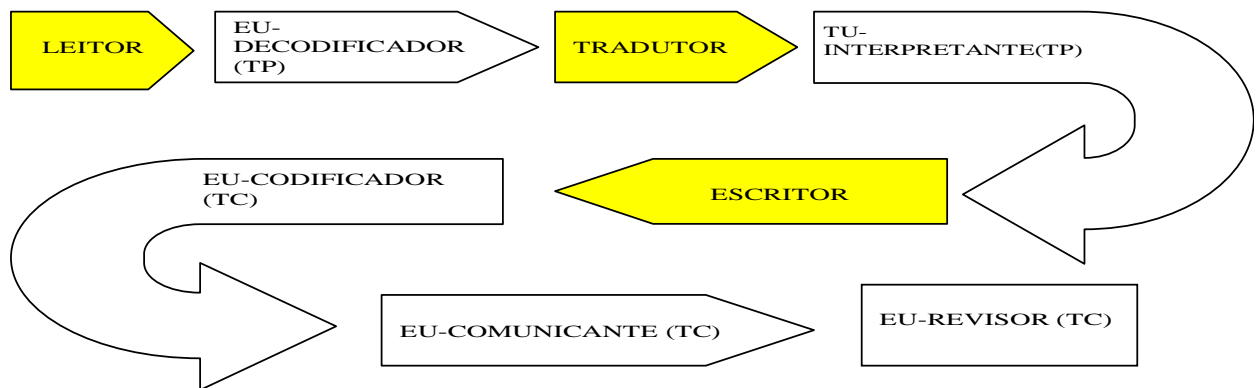
4.2- NOVÍSSIMO ESQUEMA PROPOSTO

1) ESQUEMA1: DO TRADUTOR EXPERIENTE



TP = Texto de Partida
TC = Texto de Chegada

2) ESQUEMA 2: DO TRADUTOR INEXPERIENTE



TP = Texto de Partida
TC = Texto de Chegada

4.3 O PERFIL DO INFORMANTE E SUA OBRA

Após termos analisados todos os questionários aplicados foi-nos possível traçar o perfil de nossos informantes quanto ao reconhecimento, ainda que informal, da existência de vários tipos de gêneros textuais, assim como apurar o valor da leitura em suas vidas.

No entanto, findas as análises dos comportamentos tradutórios manifestados durante o processo da tradução e também a observância dos textos apresentados como resultado final de suas traduções, um aspecto que ainda não havíamos considerado mostrou-se bastante claro aos nossos olhos: a estreita relação entre a “elaboração do texto traduzido X formação do informante dentro da língua francesa”.

É evidente, e não precisamos provar, que a influência de uma sobre a outra se apresentou (e se apresenta) patente no grupo controle, uma vez que vimos que nesse grupo não há as fases de “decodificação” e de “codificação”, o que demonstra que o alto nível de formação e intimidade desses sujeitos na língua francesa lhes garante total sintonia entre texto em L1 e a tradução, sem se apresentar como uma barreira para a execução do trabalho.

No entanto, para os grupos 2 e 3 (Tradutores não-experientes: *Instrumental* e *Conversação*, respectivamente) percebemos grande dificuldade na elaboração do texto final, uma vez que lhes faltava vocabulário e vivência na língua para adequar as formas lexicais ao contexto.

No grupo 2 (*Instrumental*) os textos, em sua maioria, foram entregues sem que percebêssemos a informação como um produto “ pronto para consumo”, ou seja, seria muito difícil para um leitor que não conhecesse o texto “original” compreender do que se tratava o texto traduzido. Muitas vezes as palavras ali colocadas não se relacionavam entre si e não estabeleciam conexão, ou seja, produziram-se textos sem sentido.

No grupo 3 (*Conversação*) observamos menos esse evento, mas podemos dizer que ainda houve passagens em que a forma selecionada para compor o texto de chegada deixou a desejar na coerência, prejudicando, assim, o todo informacional.

Com essas observações é pertinente dizer que o trabalho tradutório, muitas vezes se vê freado, dentre outras razões, pela falta de domínio do agente na língua em questão. O fato de se conhecerem técnicas tradutórias, de se saber com proceder em uma tradução, de se dispor de técnicas de leituras são apenas aliados, mas não garantem sucesso.

É possível se apresentar a teoria tradutória a alunos que se encontram em fase inicial de aprendizagem de um curso de língua estrangeira, se esse for o caso, mas fica óbvio que a prática da tradução só trará ânimo e sucesso se trabalhada quando esses já se apresentarem em estágio avançado dentro do idioma.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante leituras e discussões sobre o que vem a ser tradução, sobre as técnicas de tradução, o histórico da tradução, os estudiosos da tradução e as várias pesquisas na área da tradução uma idéia começou a se fazer constantemente presente: Como tradutores inexperientes agiam em uma situação prática de tradução?

Não queríamos saber quais técnicas tradutórias eram as mais recorrentes nesse tipo de público; não perguntávamos qual ou quais os processos e estratégias tradutórias eles usavam para resolver seus problemas de tradução nem tampouco nos interessava apurar a fidelidade (ou as fidelidades) ao texto de partida.

Ao pensarmos naquela pergunta, várias outras questões se colocavam: O que seria uma situação prática de tradução? O que seria pertinente analisar? Quem seriam os informantes ideais e porquê?

Diante de muitas dúvidas, idas, vindas, idéias perdidas e encontradas, conseguimos estabelecer uma linha de raciocínio e de trabalho. Elaboramos quatro perguntas que cremos, nos ajudaram a guiar nossa pesquisa e a responder as nossas dúvidas: **1-** *Qual é o comportamento tradutório de um tradutor inexperiente quando seu texto de partida está fora de contexto real, sem informações extra textuais?* **2-** *Identificar o gênero textual do texto de partida, ainda fora de contexto, pode ajudar no processo tradutório?* **3-** *Como, e se, o contrato de comunicação do texto de partida foi garantido nos dois momentos da tradução: antes e depois do acesso aos dados extra textuais;* **4-** *se todos os papéis do tradutor, propostos por nós, se confirmaram, em parte ou totalmente, ou em momento nenhum.*

Assim, nesse trabalho buscamos compreender como seria o comportamento tradutório de tradutores não-experientes diante de um texto de partida completamente desprovido de dados extra

textuais, cotejando seu comportamento com o de um grupo controle, constituído por tradutores profissionais.

Perguntamos qual a relevância do reconhecimento do gênero textual para uma tradução feita naquelas condições.

Apostamos que, uma vez munidos dos dados inicialmente omitidos, a tradução feita por nossos informantes seria imediatamente revista com o objetivo de se manter o mesmo propósito do texto de partida, garantindo o contrato de comunicação.

Além disso, ousamos, nessa pesquisa, propor dois novos papéis ao tradutor, quais sejam o *Eu-decodificador* e o *Eu-codificador*.

A base teórica de Bakhtin nos deu respaldo ao considerar o dialogismo como peça fundamental para a construção de qualquer evento comunicativo: em nossa pesquisa privamos os informantes do conhecimento do Outro, em todos os sentidos, comprometendo, propositalmente, a relação dialógica e seu bom funcionamento.

Percebemos que o olhar que temos sobre uma possibilidade é capaz de tornar essa possibilidade real. Apreendemos isso através dos fundamentos de Rosemary Arrojo, que abriram nossos olhos para compreendermos que sem a contextualização ou a situação de produção de um texto (ou sem a presença do “outro”, no texto) a tradução fica à mercê puramente das interpretações pessoais, podendo se tornar qualquer coisa, boa ou ruim, um bilhete ou um poema, um poema ou uma propaganda. Conforme nossa hipótese de que o reconhecimento do gênero tenderia a orientar a compreensão do texto em L1, isso se comprovou em momentos onde, em nosso trabalho, a tradução foi guiada, inicialmente, dentro de um dado gênero, previamente concebido e aceito como tal, remetendo-nos a uma das questões propostas nesse trabalho: *Identificar o gênero textual do texto de partida, ainda fora de contexto, pode ajudar no processo tradutório?*

Diante da pergunta “*Qual é o comportamento tradutório de um tradutor inexperiente quando seu texto de partida está fora de contexto real, sem informações extra textuais?*” constatamos que a

tradução, atualmente, ainda é vista por muitos como a transposição de um código lingüístico a outro, haja vista a total desconsideração pelos dados extra textuais nas situações propostas nessa pesquisa. Desconsideração essa que nos pegou de surpresa, se analisarmos, principalmente, a primeira tradução, pois ambos os grupos (até mesmo o grupo controle!!!) não se mostraram incomodados com a ausência de elementos “de suporte”, e, na segunda tradução, tais dados, agora presentes, foram ainda desprezados pelos não experientes. Ambos os grupos analisados, em algum momento, forte ou fracamente, trataram de simplesmente traduzir o texto, esquecendo-se que eles deveriam produzir sentidos e não transpor significados, o que contrariou nossa hipótese, pois acreditávamos que o grupo de tradutores experientes agiria de forma bastante diferenciada em todos os momentos, em relação aos demais grupos.

Assim sendo pudemos constatar que no grupo de “*Tradutores não-experientes*” a tradução produzida, fruto de interpretações pessoais provenientes, primeiramente, da descontextualização, seguida do desinteresse em se saber *além e através* do texto e, finalmente, da desconsideração das relações dialógicas, gerou um texto de chegada completamente desprovido de propósito, fugindo totalmente ao contrato comunicativo do texto inicial nos dois momentos da tradução, fato que não ocorreu no grupo controle “*Tradutores profissionais*”, respondendo, assim a mais uma de nossas questões: *Como, e se, o contrato de comunicação do texto de partida foi garantido nos dois momentos da tradução: antes e depois do acesso aos dados extra textuais.* Nesse caso nossa hipótese foi parcialmente correspondida, pois pensávamos que uma vez munidos dos dados omitidos, o grupo dos não experientes agiria de forma a reconhecer e adaptar o texto à sua real função, o que não ocorreu.

Através da abordagem discursiva da tradução, e com todo o suporte de Charaudeau, no que diz respeito aos sujeitos do discurso, chegamos a ter condições de propor mais dois papéis ao tradutor e ponderar como os papéis já atribuídos a eles inicialmente se manifestavam em cada um dos grupos analisados. Mostramos que os papéis que propusemos estão mesmo presentes nos

tradutores sem experiência, conforme havíamos sugerido, mas que não aparecem nos tradutores já profissionais, diferentemente do que acreditávamos. Isso responde, finalmente, a nossa última questão: *Se todos os papéis do tradutor, propostos por nós, se confirmaram, em parte ou totalmente, ou em momento nenhum.*

Podemos dizer que os resultados dessa pesquisa, se não corresponderam em tudo ao que imaginávamos, foram de grande valia, pois nos deram meios de compreender como os tradutores inexperientes se comportam diante de um texto em língua estrangeira e como seu texto se apresenta dependente e ao mesmo tempo se revela conseqüência de sua formação nessa língua; como esses tradutores, ainda que inconscientemente, concebem o fazer tradutório (e, principalmente, a tradução) e quais são os elementos que consideram importantes no desenrolar desse fazer.

Gostaríamos que esse nosso trabalho pudesse ajudar professores e alunos a prosseguirem e entenderem o duro caminho da tradução como um caminho realmente desconhecido, mesmo com todas as empreitadas, investidas e apostas, mas, doravante, que seja, também, um caminho apaixonante, justamente por todas as ainda possíveis empreitadas, investidas e apostas.

BIBLIOGRAFIA

- ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. *Os Estudos da Tradução na Pós-Modernidade, o Reconhecimento da diferença e a perda da Inocência*. Cadernos de Tradução nº1, 1996.
- _____. (org.). *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas, SP: Pontes, 1992.
- _____. (org.). *Trabalhos em Linguística Aplicada, nº19 - Tradução*. Campinas: UNICAMP/IEL, Jan/Jun.1992.
- _____. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Ed.,1993.
- AUBERT, Francis Henrik. *As (in)fideliades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- BAKHTIN, Mikail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. e VOLOCHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BERLO, David. *O processo da comunicação - introdução à teoria e à prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- BRAIT, Beth (org.) *Gêneros discursivos*. (MACHADO, Irene) IN: Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. *Análise e teoria do discurso*. (BRAIT, Beth) IN: Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*; trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.
- _____. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Trad. Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matêncio. Campinas: Mercado de Letras, 2006b.
- ***CATFORD, J.C. *Uma teoria linguística da tradução*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Coords de Trad.: Ângela M.S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____. *Discurso das Mídias*. Trad. Ângela S.M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.
- _____. *Une analyse sémiolinguistique du discours*. Langages, Paris, nº117, p.96-111, mars 1995.

- _____. *Langage et discours. Éléments de sémiolinguistique*. Paris: Hachette, 1983.
- _____ et MAINGUENEAU Dominique. Coord. de Trad.: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2006.
- CINTRÃO, Heloísa P. *Sobre lupas e mapas. Os conhecimentos declarativos em fases iniciais de desenvolvimento da competência tradutória*. IN: PIETROLUONGO, Márcia Atália. (org.). *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.
- CLARK, Katerina. *O marxismo e a filosofia da linguagem*. IN: Mikail Bakhtin. São Paulo, Editora Perspectiva S.A, 2004.
- CORRÊA, Ângela M^a da Silva. *Erros em tradução do francês para português: do plano lingüístico ao plano discursivo*. Rio de Janeiro: Fac. de Letras da UFRJ. Tese de doutorado em Linguística, 1991.
- _____. *Uma abordagem comunicativa da tradução*. IN: PAULIUKONIS, M.A.L e GAVAZZI, S. (orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.11 à 27.
- _____. *Uma abordagem discursiva da tradução*. IN: Recorte - revista de linguagem, cultura e discurso. Ano 4 - Número 7 - Julho a Dezembro de 2007.
- _____ e NEIVA, Aurora M^a Soares. *Estratégias e Problemas do tradutor aprendiz: uma visão introspectiva do processo tradutória*. IN: MONTEIRO, M^a José P. (org.) *Práticas discursivas: instituição, tradução & literatura*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2000.
- CUNHA, Renata Cristina da. *A leitura em um idioma estrangeiro e a compreensão textual de alunos universitários*. Disponível em: http://artigocientifico.uol.com.br/uploads/artc_1172350059_92.doc
- FREITAS, M^a Teresa de Assunção. *Vygotsky & Bakhtin Psicologia e Educação: um intertexto*. São Paulo: Ática, 1994.
- HAMMES RODRIGUES, Rosângela. *Análise de Gêneros do discurso na teoria Bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas*. IN: Revista Linguagem em (Dis)curso, vol.4 n^o2, jan./jun.2004.
- KARWOSKI, Acir Mário & al. (org.) *Gêneros textuais: Reflexões e Ensino*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- KLEIMAN, Ângela. *Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da leitura*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- MACHADO, Anna Rachel. IN: MEURER, J.L. & al. (org.) *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. pgs 237 à 259.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MATENCIO, M^a de Lourdes Meirelles. *Textualização, ação e atividade: reflexões sobre abordagem do interacionismo sócio-discursivo*. IN: O interacionismo sócio-discursivo: questões

epistemológicas e metodológicas. GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos & al. (org.) Campinas: Mercado de Letras, 2007.

MEURER, J.L. & al. (org.) *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MITTMAN, Solange. *Notas do Tradutor e Processo Tradutório- Análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

MONNERAT, Rosane Mauro. *A publicidade pelo avesso: propaganda e publicidade, ideologias e mitos e a expressão de idéias - o processo de críticas da palavra publicitária*. Niterói: EdUFF, 2003.

NIDA, Eugene. *Words and Thoughts*. In: *Language Structure and Translation*. Stanford University Press, Stanford, CA, 1975.

OLIVEIRA, Ieda. *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

OTTONI, Paulo R. *A tradução é desde sempre resistência: reflexões sobre teoria e história da tradução*. São Paulo: Alfa, 1997 n.41, pgs.159-168.

_____. *Visão Performativa da Linguagem*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. Coleção Viagens da Voz, 1998.

_____. *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Unicamp, 2005.

PAGANO, Adriana Silvina. (org.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

_____; MAGALHÃES, Célia e ALVES, Fábio. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000.

PIETROLUONGO, Márcia Atália. (org.). *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

TAVARES, Kátia Cristina do Amaral. *O uso da introspecção: da técnica de pesquisa para o ensino de leitura*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1993. Dissertação de Mestrado em Letras Anglo-Germânicas.

ANEXOS

A – QUESTIONÁRIOS 1, 2 E ESPECIAL

Instrum
Grupo 2

Questionário Escrito nº 1

1) Nome:

2) Nascimento: 18/12/61 Idade: 47a

3) Possui diploma de qual curso superior? Sim

4) Profissão atual: médica

5) Há quanto tempo a exerce? 20 anos

6) Como se mantém atualizado na sua área profissional? Através de congressos, jornadas, reuniões médicas, internet

7) Qual ou quais são seus "hobbys"? Filmes, músicas, etc

8) Últimos 3 livros lidos e datas aproximadas (qualquer tipo de livro: científico, técnico, literatura...):

A destruição do passado (Janeiro/09)
O castelo de vidro (Junho/09)

9) A que tipos de jornais tem acesso? (várias opções são possíveis) As cinco pessoas que você encontra no céu (março/09)

a) () escrito. Qual/Quais?

b) (x) pela televisão. Qual/Quais emissora(s) e qual/quais jornal(is)?

Jornal da Globo

c) () por rádio. Qual emissora e qual horário, aproximadamente?

d) () pela internet. Qual site?

e) () outros. Especificar:

10) É assinante de um ou mais jornais*? Especificar: Não lendo em nenhuma

11) Que seção prefere? Por quê? -

* Em caso negativo, com que frequência lê jornal e qual? Quase nunca

12) É assinante de alguma revista**? Especificar: Veja

13) Que seção prefere? Por quê? Saúde, Cinema

** Em caso negativo, com que frequência lê revista e qual? -

14) Com que frequência vai ao cinema? 3x ano

15) Com que frequência vai ao teatro? 2x ano

16) Qual tipo de música prefere ouvir? (clássica, ópera, samba, reggae, MPB...)

MPB, clássica

17) Presta atenção às letras? Por quê? Sempre porque é pela letra da música que eu seleciono as que mais gosto

18) Atualmente qual seu cantor/cantora preferido?

Christopher Maí

19) Como se relaciona com amigos distantes? (pode marcar várias opções)

() cartas; () telefone; () e-mails; () internet (orkut, MSN, Skype,...) _____

() outros. Especificar:

20) Em caso de conversa com amigos pela internet, você se mostra "tradicional" ao redigir seu texto ou opta pelas abreviações próprias da rede? Por quê? Converso pouco mas sempre abreviando tudo

21) Ao digitar um e-mail, a forma varia segundo a pessoa para a qual você o está enviando? Sim

21) Pare e pense:

a) Uma publicidade que te marcou. não lembro

Onde?

Por quê?

b) Uma reportagem. Crianças trabalhando em canaviais

Onde? TV

Por quê? Pela tristeza visual em seus olhos.

c) Um drama na mídia. Enchentes no sul (2008)

Onde? Santa Catarina

Por quê? Tive a oportunidade de ajudar pessoas do local.

Questionário Escrito nº 2

1) Qual a formação escolar de quem te criou?

2º grau

2) Como foi seu primeiro contato com a língua francesa?

No vestibular

3) Por que decidiu estudar francês?

Porque gostei da língua e sentia necessidade de

4) Por que escolheu essa metodologia?

Instrumental

aprender outro idioma

5) Há quanto tempo estuda a Língua Francesa?

Fiz 3 anos na década de oitenta, depois jano em 2007 e agora estou

6) Já começou e abandonou este ou outro curso de francês anteriormente?

talento há 1 ano e meio

Se sim, por quê?

Falta de tempo

7) Quando tem em mãos um texto desconhecido em língua francesa, como faz para compreendê-lo?

Leio diversas vezes

8) Tem o hábito de traduzir textos em língua francesa, formal ou informalmente?

Informalmente

9) Quando você pensa em como você traduz, quais são as etapas de que se utiliza para fazer uma tradução?

Nunca traduzi

10) Qual tipo de texto você mais gosta de traduzir ou tem mais prioridade em sua vida?

Nunca traduzi texto algum.

11) Por quê?

Nunca houve oportunidade

INSTRUM.
Grupo 2

Questionário Escrito nº 1

1) Nome: _____

2) Nascimento: 29/11/1976 Idade: 32 anos

3) Possui diploma de qual curso superior? História

4) Profissão atual: Professora e Pesquisadora.

5) Há quanto tempo a exerce? 5 anos

6) Como se mantém atualizado na sua área profissional? Leituras de Revistas especializadas, Congressos, Encontros Acadêmicos e visitas periódicas a sites especializados.

7) Qual ou quais são seus "hobbys"?

Estudar, sair com amigos, viajar, ouvir música, entre outros.

8) Últimos 3 livros lidos e datas aproximadas (qualquer tipo de livro: científico, técnico, literatura...):

Magia e técnica da Arte (Walter Benjamin)

Mitos emblemas e sinais (Lócio Ginzburg)

Artigos e Modemas (coletânea de autores)

} Estou lendo atualmente de forma simultânea.

9) A que tipos de jornais tem acesso? (várias opções são possíveis)

a) () escrito. Qual/Quais? _____

b) (X) pela televisão. Qual/Quais emissora(s) e qual/quais jornal(is)?

Jornal Nacional; Jornal da Globo; As vezes, Jornal da Band.

c) () por rádio. Qual emissora e qual horário, aproximadamente? _____

d) (X) pela internet. Qual site? Folha de São Paulo; J Globo; Jornal do Brasil e Tribuna de Minas.

e) () outros. Especificar: _____

10) É assinante de um ou mais jornais*? Especificar: _____

11) Que seção prefere? Por quê? Política e cultura

* Em caso negativo, com que frequência lê jornal e qual? Praticamente não leio diariamente, exceto quando viço.

12) É assinante de alguma revista**? Especificar: _____

13) Que seção prefere? Por quê? _____

** Em caso negativo, com que frequência lê revista e qual?

14) Com que frequência vai ao cinema? Mensalmente

15) Com que frequência vai ao teatro? Raramente

16) Qual tipo de música prefere ouvir? (clássica, ópera, samba, reggae, MPB...)

MPB, Rock e Samba de raiz

17) Presta atenção às letras? Por quê?

Presto atenção pois elas tem um discurso, e é direcionada a um público.

18) Atualmente qual seu cantor/cantora preferido?

Zeca Baleiro

19) Como se relaciona com amigos distantes? (pode marcar várias opções)

() cartas; (x) telefone; (x) e-mails; (x) internet (o'kut, MSN, Skype,...) _____

() outros. Especificar:

20) Em caso de conversa com amigos pela internet, você se mostra "tradicional" ao redigir seu texto ou opta pelas abreviações próprias da rede? Por quê?

Não opto por abreviações pela força do hábito.

21) Ao digitar um e-mail, a forma varia segundo a pessoa para a qual você o está enviando?

A variação ocorre pelo lastro sentimental ou profissional.

21) Pare e pense

a) Uma publicidade que te marcou. _____

Onde? Rádio

Por quê?

b) Uma reportagem. Sobre as últimas invasões do MST

Onde? televisão e jornal.

Por quê? A questão dos latifúndios tem origens históricas e nos últimos 20 anos vem ganhando força. Porém, por motivações principalmente políticas, as reivindicações são distorcidas e inviabilizam o movimento.

c) Um drama na mídia. O assassinato da Menina Isabela

Onde? Na televisão, nos jornais, revistas e internet.

Por quê? Pela gravidade do caso.

Questionário E. crito nº 2

- 1) Qual a formação escolar de quem te criou?
Minha mãe estudou até a antiga quarta série; Meu pai é graduado em Astronomia e pedagogia e pós-graduado (especialização) em Solos.
- 2) Como foi seu primeiro contato com a língua francesa?
✓ primeiro contato foi no instrumental - Aliança Francesa.
- 3) Por que decidiu estudar francês?
A motivação principal foi me preparar para a seleção de Doutorado.
- 4) Por que escolheu essa metodologia? Pois ela atende, a curto prazo, as minhas necessidades. Instrumental
- 5) Há quanto tempo estuda a Língua Francesa?
Aproximadamente um ano não tenho exercitado a língua. Iniciei os estudos em 2005, ou seja, em torno de 3 anos.
- 6) Já começou e abandonou este ou outro curso de francês anteriormente?
Se sim, por quê? Infelizmente não sim. As interrupções aconteceram, principalmente, pela dificuldade para conciliar as horários.
- 7) Quando tem em mãos um texto desconhecido em língua francesa, como faz para compreendê-lo?
Tento compreender pela mensagem do texto.
- 8) Tem o hábito de traduzir textos em língua francesa, formal ou informalmente?
✓ contato que tenho com a língua, na maioria das vezes, é de cunho acadêmico.
- 9) Quando você pensa em como você traduz, quais são as etapas de que se utiliza para fazer uma tradução?
1) leitura do título, subtítulo e imagens;
2) Autor e sua formação, data da publicação e veículo divulgatório.
3) leitura propriamente dita do texto.
- 10) Qual tipo de texto você mais gosta de traduzir ou tem mais prioridade em sua vida?
Textos acadêmicos, em especial, os ligados a História Social da Imagem.
- 11) Por quê?
Pela utilidade e a demanda da língua.

10) Qual tipo de música prefere ouvir? (clássica, ópera, samba, reggae, MPB...)

Questionário Escrito nº 1

- 1) Nome: Thaíngela Soares
- 2) Nascimento: 22/12/73 Idade: 35
- 3) Possui diploma de qual curso superior? Psicologia
- 4) Profissão atual: Psicóloga
- 5) Há quanto tempo a exerce? 10 anos
- 6) Como se mantém atualizado na sua área profissional? curso, especializações.
- 7) Qual ou quais são seus "hobbys"? viajar
- 8) Últimos 3 livros lidos e datas aproximadas (qualquer tipo de livro: científico, técnico, literatura...): Vigiar e Punir (Foucault); Corpo Inerte, Estigma
- 9) A que tipos de jornais tem acesso? (várias opções são possíveis)
- a) () escrito. Qual/Quais? _____
- b) () pela televisão. Qual/Quais emissora(s) e qual/quais jornal/is? _____
- c) () por rádio. Qual emissora e qual horário, aproximadamente? _____
- d) (X) pela internet. Qual site? Folha vol e Globo
- e) () outros. Especificar: _____
- 10) É assinante de um ou mais jornais*? Especificar: —
- 11) Que seção prefere? Por quê? Ilustrada Folha e porque fala sobre cultura, em geral e cinema
- * Em caso negativo, com que frequência lê jornal e qual? _____
- 12) É assinante de alguma revista**? Especificar: —
- 13) Que seção prefere? Por quê? —
- ** Em caso negativo, com que frequência lê revista e qual?
Mente e Cérebro (1 vez por mês)
- 14) Com que frequência vai ao cinema?
quinzenal

15) Com que frequência vai ao teatro?

16) Qual tipo de música prefere ouvir? (clássica, ópera, samba, reggae, MPB...)

Samba, MPB.

17) Presta atenção às letras? Por quê?

Sim, pra conhecer a ideologia de quem canta

18) Atualmente qual seu cantor/cantora preferido?

Dona Ivone Lara e Lenine

19) Como se relaciona com amigos distantes? (pode marcar várias opções)

() cartas; (x) telefone; (x) e-mails; (x) internet (orkut, MSN, Skype,...) _____

() outros. Especificar:

20) Em caso de conversa com amigos pela internet, você se mostra "tradicional" ao redigir seu texto ou opta pelas abreviações próprias da rede? Por quê?

Tradicional, não consigo escrever de outra forma

21) Ao digitar um e-mail, a forma varia segundo a pessoa para a qual você o está enviando? *Sim*

21) Pare e pense:

a) Uma publicidade que te marcou. nada especial

Onde?

Por quê?

b) Uma reportagem. Luta Antimanicomial

Onde? TV Aberta

Por quê? Foi sensível ao tratar das pessoas acometidas pelo Transtorno Mental

c) Um drama na mídia. não me lembro

Onde?

Por quê?

Por quê?

segue a minha área de interesse

Questionário Escrito nº 2

1) Qual a formação escolar de quem te criou?

1º grau

2) Como foi seu primeiro contato com a língua francesa?

em 1996 no curso de Filosofia na UFF

3) Por que decidiu estudar francês?

por gostar de filmes franceses, os grandes autores franceses e curiosidade pela cultura

4) Por que escolheu essa metodologia? Instrumental

Para ler textos e livros

5) Há quanto tempo estuda a Língua Francesa?

1 ano de instrumental

6) Já começou e abandonou este ou outro curso de francês anteriormente?

Se sim, por quê? Sim, em 1996. Desinteresse pela aula na época, talvez a professora e seu método

7) Quando tem em mãos um texto desconhecido em língua francesa, como faz para compreendê-lo?

Procuro observar a ilustração, o título, autor, o tema.

8) Tem o hábito de traduzir textos em língua francesa, formal ou informalmente?

~~Sim~~ Sim, informalmente, leio o jornal Le Monde

9) Quando você pensa em como você traduz, quais são as etapas de que se utiliza para fazer uma tradução?

Inicialmente leio o título e logo leio frase por frase, depois tento contextualizar, volto ao texto.

10) Qual tipo de texto você mais gosta de traduzir ou tem mais prioridade em sua vida?

Texto na área de Filosofia e Psicologia

11) Por quê?

porque é a minha área de interesse

4

Questionário Escrito nº 1

- 1) Nome: Angela Maria Costa Lima
- 2) Nascimento: 01/06/50 Idade: 59
- 3) Possui diploma de qual curso superior? Ciências Sociais
- 4) Profissão atual: terapeuta
- 5) Há quanto tempo a exerce? 10 anos
- 6) Como se mantém atualizado na sua área profissional? Leitura / Cursos / Internet
- 7) Qual ou quais são seus "hobbys"? artesanato, canto,
- 8) Últimos 3 livros lidos e datas aproximadas (qualquer tipo de livro: científico, técnico, literatura...): Relatos de Belzebub e seu neto - Gurdjieff - setembro/2009
O Homem e seus símbolos - Jung - 2008/2009
I Ching - William I
- 9) A que tipos de jornais tem acesso? (várias opções são possíveis)
- a) escrito. Qual/Quais? Jornal do Brasil / Triunfo de Minas
- b) pela televisão. Qual/Quais emissora(s) e qual/quais jornal(is)?
Rede Minas - TV Cultura Jornal Nacional - Globo
- c) () por rádio. Qual emissora e qual horário, aproximadamente? _____
- d) () pela internet. Qual site? _____
- e) () outros. Especificar: _____
- 10) É assinante de um ou mais jornais*? Especificar: _____
- 11) Que seção prefere? Por quê? Caderno B, Cadernos Culturais

* Em caso negativo, com que frequência lê jornal e qual?

Semanalmente, jornais variados

12) É assinante de alguma revista**? Especificar: _____

13) Que seção prefere? Por quê? sempre seções de cultura, psicologia ou esoterismo

** Em caso negativo, com que frequência lê revista e qual?

Esporadicamente, as que caem na minha mão.
Gosto de "Caras Amigas", revistas de decoração

14) Com que frequência vai ao cinema?

1 ou 2 vezes por mês

15) Com que frequência vai ao teatro?

Mais raramente, de 6 em 6 meses

16) Qual tipo de música prefere ouvir? (clássica, ópera, samba, reggae, MPB...)

MPB, clássica, rock antigo, samba e música espiritual brasileira

17) Presta atenção às letras? Por quê?

Sim. Acho fundamental para meu entendimento

18) Atualmente qual seu cantor/cantora preferido?

Elomar, Chico Buarque, Caetano, Zeca Baleiro, Milton Nascimento

19) Como se relaciona com amigos distantes? (pode marcar várias opções)

() cartas; (X) telefone; () e-mails; () internet (o.kut, MSN, Skype,...) _____

() outros. Especificar:

20) Em caso de conversa com amigos pela internet, você se mostra "tradicional" ao redigir seu texto ou opta pelas abreviações próprias da rede? Por quê?

Sou tradicional porque tenho pouca prática destas abreviações

21) Ao digitar um e-mail, a forma varia segundo a pessoa para a qual você o está enviando? NÃO

21) Pare e pense:

a) Uma publicidade que te marcou. Saúde do homem

Onde? televisão

Por quê? fala de um tema até então não explicitado

b) Uma reportagem. sobre a vida dos índios na floresta em lugares onde se chegam a civilização

Onde? televisão

Por quê? foi interessante ver como a vida pode ser até melhor sem a urbanização

c) Um drama na mídia. assassato da menina Isabela

Onde? televisão

Por quê? acabei ficando envolvida para descobrir o mistério e até onde vai a fragilidade emocional do ser humano

Questionário Escrito nº 2

1) Qual a formação escolar de quem te criou?

Médio / técnicos

2) Como foi seu primeiro contato com a língua francesa?

com minha professora no 1º final

3) Por que decidiu estudar francês?

Por me identificar com a língua, a cultura francesa, etc

4) Por que escolheu essa metodologia? Conversação

Para lembrar o que há muito tempo eu estudei

5) Há quanto tempo estuda a Língua Francesa?

- de 1968 a 1975-

- de 2008 até o momento

6) Já começou e abandonou este ou outro curso de francês anteriormente?

Se sim, por quê?

Fiz o curso na Aliança Française até o Nível II

depois que comecei a trabalhar em outra área e me casei
não tive tempo de continuar

7) Quando tem em mãos um texto desconhecido em língua francesa, como faz para compreendê-lo?

leio diretamente com o dicionário ao lado
para consultá-lo qdo preciso.

8) Tem o hábito de traduzir textos em língua francesa, formal ou informalmente?

Não o hábito, mas acontece algumas vezes

9) Quando você pensa em como você traduz, quais são as etapas de que se utiliza para fazer uma tradução?

Primeiro, uma leitura geral do texto. Em seguida,
vou escrevendo cada frase, já utilizando o dicionário
para as palavras não conhecidas.

10) Qual tipo de texto você mais gosta de traduzir ou tem mais prioridade em sua vida?

Textos de psicologia e poemas.

11) Por quê?

São os assuntos que me interessam no geral
da minha vida.

2

5

CONVENSAÇÃO
Grupo 2

Questionário Escrito nº 1

- 1) Nome: Adriana Nuhaim Corstini
- 2) Nascimento: 04.07.1962 Idade: 47
- 3) Possui diploma de qual curso superior? Pedagogia
- 4) Profissão atual: Professora de Música
- 5) Há quanto tempo a exerce? 4 anos
- 6) Como se mantém atualizado na sua área profissional? Cursos permanentes
- 7) Qual ou quais são seus "hobbys"? Tai chi chuan, Dança Circular, Jardineiro
- 8) Últimos 3 livros lidos e datas aproximadas (qualquer tipo de livro: científico, técnico, literatura...): Diário da Construção de um Templo - Maio 2009
Escola do Desvendando da Voz - lendo
- 9) A que tipos de jornais tem acesso? (várias opções são possíveis) L'Espresso - lendo
- a) () escrito. Qual/Quais? _____
- b) () pela televisão. Qual/Quais emissora(s) e qual/quais jornal(is)? _____
- c) () por rádio. Qual emissora e qual horário, aproximadamente? _____
- d) () pela internet. Qual site? La Liberté
- e) () outros. Especificar: _____
- 10) É assinante de um ou mais jornais*? Especificar: _____
- 11) Que seção prefere? Por quê? _____

* Em caso negativo, com que frequência lê jornal e qual?

Só notícias na 1ª página na Padaria

12) É assinante de alguma revista**? Especificar: Revue Suisse

13) Que seção prefere? Por quê? _____

** Em caso negativo, com que frequência lê revista e qual?

14) Com que frequência vai ao cinema? 1 x ao ano ou semestre

15) Com que frequência vai ao teatro? _____

16) Qual tipo de música prefere ouvir? (clássica, ópera, samba, reggae, MPB...)
Regional / Clássica / Barroco

17) Presta atenção às letras? Por quê?

Não às melodias

18) Atualmente qual seu cantor/cantora preferido?

Almir Sater

19) Como se relaciona com amigos distantes? (pode marcar várias opções)

() cartas; (x) telefone; () e-mails; () internet (orkut, MSN, Skype,...) _____

(x) outros. Especificar: Quando encontro

20) Em caso de conversa com amigos pela internet, você se mostra "tradicional" ao redigir seu texto ou opta pelas abreviações próprias da rede? Por quê?

Tradicional, por hábito

21) Ao digitar um e-mail, a forma varia segundo a pessoa para a qual você o está enviando?

Sim

21) Pare e pense:

a) Uma publicidade que te marcou. _____

Escola Saca

Onde?

São Pedro

Por quê?

Por ser enorme

b) Uma reportagem. _____

Onde?

Por quê?

c) Um drama na mídia. _____

Onde?

Por quê?

10) Qual tipo de texto você mais gosta de traduzir de sua língua materna para o português?

Textos de Antropologia e História

11) Por quê?

Por não existir em língua Portuguesa e precisar para o meu estudo

Questionário Escrito nº 2

1) Qual a formação escolar de quem te criou?

Superior

2) Como foi seu primeiro contato com a língua francesa?

Na Escola Notre Dame de Sion

3) Por que decidiu estudar francês?

Porque sei falar e não sei escrever corretamente

4) Por que escolheu essa metodologia?

Conversação
Pelo horário disponível

5) Há quanto tempo estuda a Língua Francesa?

2 meses

6) Já começou e abandonou este ou outro curso de francês anteriormente?

Se sim, por quê?

Sim, durante 3 meses quando morei em Paris. Parei ao partir de lá.

7) Quando tem em mãos um texto desconhecido em língua francesa, como faz para compreendê-lo?

Faço uma leitura mais ampla

8) Tem o hábito de traduzir textos em língua francesa, formal ou informalmente?

Por vezes, eu tento traduzir algo

9) Quando você pensa em como você traduz, quais são as etapas de que se utiliza para fazer uma tradução?

Parágrafo por parágrafo

10) Qual tipo de texto você mais gosta de traduzir ou tem mais prioridade em sua vida?

Textos de Antropologia e História

11) Por quê?

Por não existir em língua Portuguesa e precisar para o meu estudo.

3

6

Conversas
Grupo 3

Questionário Escrito nº 1

- 1) Nome: ANA PAULA CORREA SARTORI
- 2) Nascimento: 19/07/1962 Idade: 47 anos
- 3) Possui diploma de qual curso superior? Doutorado - UFRJ.
- 4) Profissão atual: psicanalista
- 5) Há quanto tempo a exerce? 12 anos
- 6) Como se mantém atualizado na sua área profissional? Formação permanente
- 7) Qual ou quais são seus "hobbys"? leitura, cinema, música, ginástica
- 8) Últimos 3 livros lidos e datas aproximadas (qualquer tipo de livro: científico, técnico, literatura...): "Mais Platañ, menos Prozac"; Zen - budismo, Lacan
- 9) A que tipos de jornais tem acesso? (várias opções são possíveis) Folha de SP e O Globo
- a) escrito. Qual/Quais? _____
- b) pela televisão. Qual/Quais emissora(s) e qual/quais jornal/is? _____
- c) por rádio. Qual emissora e qual horário, aproximadamente? _____
- d) pela internet. Qual site? UOL
- e) outros. Especificar: _____
- 10) É assinante de um ou mais jornais*? Especificar: nao
- 11) Que seção prefere? Por quê? Cultura e política

* Em caso negativo, com que frequência lê jornal e qual?

12) É assinante de alguma revista**? Especificar: nao

13) Que seção prefere? Por quê? Moda

** Em caso negativo, com que frequência lê revista e qual?

14) Com que frequência vai ao cinema? 1 vez por semana, no mínimo

15) Com que frequência vai ao teatro? Muito raramente.

16) Qual tipo de música prefere ouvir? (clássica, ópera, samba, reggae, MPB...)

Rock, clássica, ópera, world music

17) Presta atenção às letras? Por quê?

Sim - qdo tem poesia

18) Atualmente qual seu cantor/cantora preferido?

Jorge Drexler - uruguai

19) Como se relaciona com amigos distantes? (pode marcar várias opções)

cartas; telefone; e-mails; internet (orkut, MSN, Skype, ...)

outros. Especificar:

20) Em caso de conversa com amigos pela internet, você se mostra "tradicional" ao redigir seu texto ou opta pelas abreviações próprias da rede? Por quê?

Depende. Qdo são amigos mais jovens, uso abreviaturas. Mas formais = escrita mais formal.

21) Ao digitar um e-mail, a forma varia segundo a pessoa para a qual você o está enviando?

Sim

21) Pare e pense:

a) Uma publicidade que te marcou. Renault Clio

Onde? Francia

Por quê? Tocava na relação do pai com o filho

b) Uma reportagem. Sobre o Maruocos

Onde? TV

Por quê? Muito bonito o lugar.

c) Um drama na mídia. Não lembro; crimes em geral

Onde?

Por quê? desligo a TV

Pq é a minha profissão, que eu adoro!

Questionário Escrito nº 2

- 1) Qual a formação escolar de quem te criou? *Curso superior*
- 2) Como foi seu primeiro contato com a língua francesa? *Para estudar psicanálise; na Aliança Francesa*
- 3) Por que decidiu estudar francês? *↗*
- 4) Por que escolheu essa metodologia? *Pq era tida como a melhor, referenciada pelo governo francês.*
- 5) Há quanto tempo estuda a Língua Francesa?
Há mais de 20 anos
- 6) Já começou e abandonou este ou outro curso de francês anteriormente?
Se sim, por quê? Sim. Porque estava sem tempo p' continuar c' as aulas.
- 7) Quando tem em mãos um texto desconhecido em língua francesa, como faz para compreendê-lo?
Procuro o autor; ou outras referências.
- 8) Tem o hábito de traduzir textos em língua francesa, formal ou informalmente?
Sim.
- 9) Quando você pensa em como você traduz, quais são as etapas de que se utiliza para fazer uma tradução?
*1 - Contato com o conteúdo
2 - " " " a forma de escrever
3 - Tradução*
- 10) Qual tipo de texto você mais gosta de traduzir ou tem mais prioridade em sua vida?
Psicanálise
- 11) Por quê?
Pq é a minha profissão, que eu adoro!

1

7

Tradutor Prof
Grupo 1

Questionário Especial

- 1) Nome: *Stella Machado*
- 2) Formação Profissional: *Professora de línguas - Esp em Tradução*
- 3) Profissão atual: *Tradutora*
- 4) Há quanto tempo exerce: *15 anos*
- 5) Línguas que domina (e respectivas habilidades):

- 18) Sobre as línguas:
 - Ingles - fala, lê e escreve com fluência*
 - Francês - lê e compreende - fala e escreve razoavelmente*
 - Italiano e castelano - lê e compreende bem*
- 6) Hobbys:
 - Leitura - Tricot*
 - fala e escreve razoavelmente*

- 7) Tipos de Leituras: a) como lazer:
 - História: biografias e romances*
 - Literatura e contos: jornais*
- b) para a profissão:
 - livros técnicos - teoria e prática*

8) Fez algum curso ou disciplina que o/a preparasse tecnicamente para a tradução?
Sim: Especialização em Inglês-Tradução, na UFSF.

9) Qual o primeiro cuidado que toma ao pegar um texto para traduzir?
Ver se deu conta do conteúdo, se está familiarizada com o assunto.

10) O que observa num texto antes de começar a tradução?
Vocabulário e sintaxe

11) Sua tradução segue quais etapas, em linhas gerais?

Traduzo um capítulo inteiro sem me preocupar com o que vai ser. Depois vejo o vocabulário que falta. Por fim, uma revisão geral, principalmente na sintaxe e no estilo.

12) Qual tipo de texto traduz com maior frequência?
Até agora só traduzi livros técnicos de psicologia.

13) Qual tipo de texto prefere traduzir? Por quê?
Literatura e história. Porque quero aproveitar o vocabulário que acumulei.

14) Em sua opinião, qual a maior dificuldade que pode aparecer em um texto a ser traduzido?
Má redação. Em trabalhos particulares às vezes é preciso multiplicar

15) O que mais o/a incomoda ao traduzir um texto?
Erros do autor, principalmente se for em português. Fidedade.

Tradução 14
Gustavo

16) O que não pode estar ausente em um texto a ser traduzido?

Clareza e boa redação.

17) Ao terminar a tradução de um texto, como enxerga seu trabalho? Haveria algo a ser ainda modificado?

Sim, principalmente o enrijamento das noções. Sou econômica para escrever. Então decaiques sintáticos

18) Sobre fidelidade tradutória: qual priorizar?

Depende do texto. O principal é o pensamento, a mensagem do autor. Preste muita atenção aos vocábulos escolhidos. Se houver rima ou ritmo, mesmo em prosa, busque mantê-los

19) Como se mantém atualizado em sua área?

Gosto de manter contato com tradutores. Freqüente cursos de atualização quando possível.

b) para a profissão:

Leitura técnica - livros e periódicos

20) Faz algum curso ou disciplina que o/a prepare tecnicamente para a...

Sua especialização em Inglês Tradução para a...

21) Qual o primeiro cuidado que toma ao pegar um texto para traduzir?

Ver se dom o estilo do conteúdo, se está atualizado etc.

22) O que observa num texto antes de começar a tradução?

Vocabulário e sintaxe

23) Sua tradução segue quais etapas, em linhas gerais?

Trabalha com capítulos, então sempre é sempre com o que...

24) Qual tipo de texto traduz com maior frequência?

Até agora só traduzi livros técnicos. O texto é acadêmico

25) Qual tipo de texto prefere traduzir? Por quê?

Literária e técnica. Porque quero aprender a trabalhar...

26) Em sua opinião, qual a maior dificuldade que pode aparecer em um texto a...

de tradução?

Deu errado. Seu trabalho é muito mais do que...

27) O que mais o/a inspirou ao trabalhar na área?

Questionário Especial

- 1) Nome: Walquíria Correia de Araújo Cardoso Leite
- 2) Formação Profissional: Letras
- 3) Profissão atual: Professora
- 4) Há quanto tempo exerce: 40 anos
- 5) Línguas que domina (e respectivas habilidades): Francês
- 6) Hobbys: Ver TV5, filmes franceses, ir a Paris, navegar na internet e ler
- 7) Tipos de Leituras: a) como lazer: Romances
b) para a profissão: métodos didáticos
- 8) Fez algum curso ou disciplina que o/a preparasse tecnicamente para a tradução?
- Curso de tradução literária Walteneye Dutra
- Estágio de tradução na ESIT - Sorbone - (1 mês)
- 9) Qual o primeiro cuidado que toma ao pegar um texto para traduzir?
Lê-lo
- 10) O que observa num texto antes de começar a tradução?
tipo de texto, autor, o conteúdo
- 11) Sua tradução segue quais etapas, em linhas gerais?
Leitura do texto. Marcar possíveis dificuldades, começar a tradução já pesquisando. O texto terminado ~~fica~~ fica esquecido na gaveta para ser retomado.
- 12) Qual tipo de texto traduz com maior frequência?
Textos curtos referenciais e técnicos e literários para editoras.
- 13) Qual tipo de texto prefere traduzir? Por quê?
literários. gosto de poesia, principalmente, e literatura. Acho que tenho feito para literatura.

Trat. de
Cursos

- 1) Sobre a língua de origem: *Francês*
- 2) Formas de tratamento: *letras*
- 3) Profissão do autor: *professor*
- 4) Há quanto tempo vive no país: *40 anos*
- 5) Idiomas que domina, e respectiva(s) cidadania(s): *Francês*

14) Em sua opinião, qual a maior dificuldade que pode aparecer em um texto a ser traduzido?

Diferenças culturais

15) O que mais o/a incomoda ao traduzir um texto?

Folhear o dicionário

16) O que não pode estar ausente em um texto a ser traduzido?

a fonte ~~de~~

17) Ao terminar a tradução de um texto, como enxerga seu trabalho? Haveria algo a ser ainda modificado?

Sempre

18) Sobre fidelidade tradutória: qual priorizar?

Fidelidade ao autor

19) Como se mantém atualizado em sua área?

Leituras sobre tradução.

12) Qual tipo de texto traduz com maior frequência?

Textos curtos referentes aos termos e dicionários para editores.

13) Qual tipo de texto prefere traduzir? Por quê?

Literários. Gosto de poesia principalmente e literatura de não ficção que tenha parte para a tradução.

3

9

Trad. Prof. Grupo

Questionário Especial

- 1) Nome: Emilia do Carmo ALBERGARIA ROCHA
- 2) Formação Profissional: Doutora em Estudos Comparados de Lts de Língua Portuguesa
- 3) Profissão atual: Profa de língua e lit. francesa e de lit. comparada na UFJF (pós graduação)
- 4) Há quanto tempo exerce: 17 anos
- 5) Línguas que domina (e respectivas habilidades): francês - 4
espanhol - ~~3~~ C.O

- 6) Hobbys: ler
ir ao cinema
cantar
caminhar
viajar

- 7) Tipos de Leituras: a) como lazer: romances em língua francesa de autores franceses clássicos e contemporâneos, de autores do campo de língua francesa, poemas e romances de autores africanos de língua portuguesa, brasileira e portuguesa;
b) para a profissão: livros teóricos de lit., antropologia, sociologia.

- 8) Fez algum curso ou disciplina que o/a preparasse tecnicamente para a tradução?
Fiz um estágio de 2 meses na ESIT (École Supérieure d'Interprétation et de Traduction) em Paris/Univ. Sorbonne - Nouvelle. Mestrado e D.E.A (Diplôme d'Études Approfondies em Linguística/Univ. de Toulouse - Le Mirail)

- 9) Qual o primeiro cuidado que toma ao pegar um texto para traduzir?
Conhecer o tipo de texto. Observar se é um texto científico, poético, publicitário, ou um artigo de jornal, etc porque é partir dessa percepção que a minha competência linguística opera as suas escolhas.

- 10) O que observa num texto antes de começar a tradução?
A estrutura (organização frástica, articulação lógica, coerência, coesão) Observo também a seleção lexical, as referências culturais e extralinguísticas, as assonâncias, as figuras ~~de~~ expressões ou palavras que podem = "poser problème".

- 11) Sua tradução segue quais etapas, em linhas gerais?
leitura do texto para me impregnar do tema e observar a estrutura. Caso a forma seja importante, faço a leitura em voz alta. tradução oral do parágrafo e, em seguida, a tradução diretamente no computador rodando de diccionários francês-francês/português-francês/francês-português, etc

- 12) Qual tipo de texto traduz com maior frequência?
textos científicos (ensaios, artigos).

13) Qual tipo de texto prefere traduzir? Por quê?

Tenho prazer estético e intelectual em traduzir para o port, ou em verter para o francês textos poéticos, em versos ou em prosa, porque é um trabalho de criação, de pesquisa que sobeja além das competências linguísticas, o imaginário, a linguagem imagética. Mas tenho também prazer em traduzir artigos, ensaios e livros de minha área de estudo que interessam os estudantes e profissionais de áreas.

14) Em sua opinião, qual a maior dificuldade que pode aparecer em um texto a ser traduzido?

As imagens poéticas, as metáforas.

As expressões ou palavras que são uma criação do autor.
Os parágrafos muito longos repletos de digressões.

15) O que mais o/a incomoda ao traduzir um texto?

Não poder me dedicar horas seguidas à sua tradução porque só assim consigo mergulhar profundamente em sua articulação semântica e formal. Ter que interromper a tradução para me dedicar a um outro trabalho é terrível!

16) O que não pode estar ausente em um texto a ser traduzido?

A coerência textual em se tratando de um texto científico ou de um artigo.

17) Ao terminar a tradução de um texto, como enxerga seu trabalho? Haveria algo a ser ainda modificado?

Sempre pensamos que podemos modificar algo. Mas, em um dado momento, temos que considerar a tradução como pronta para ser entregue, e que não significa considerá-la como acabada.

18) Sobre fidelidade tradutória: qual priorizar?

Penso que se trata de uma negociação entre o texto de partida e o texto de chegada, uma relação de respeito ao conteúdo e às propostas estéticas do autor, mas que priorize a compreensão

19) Como se mantém atualizado em sua área?

leio artigos sobre tradução.

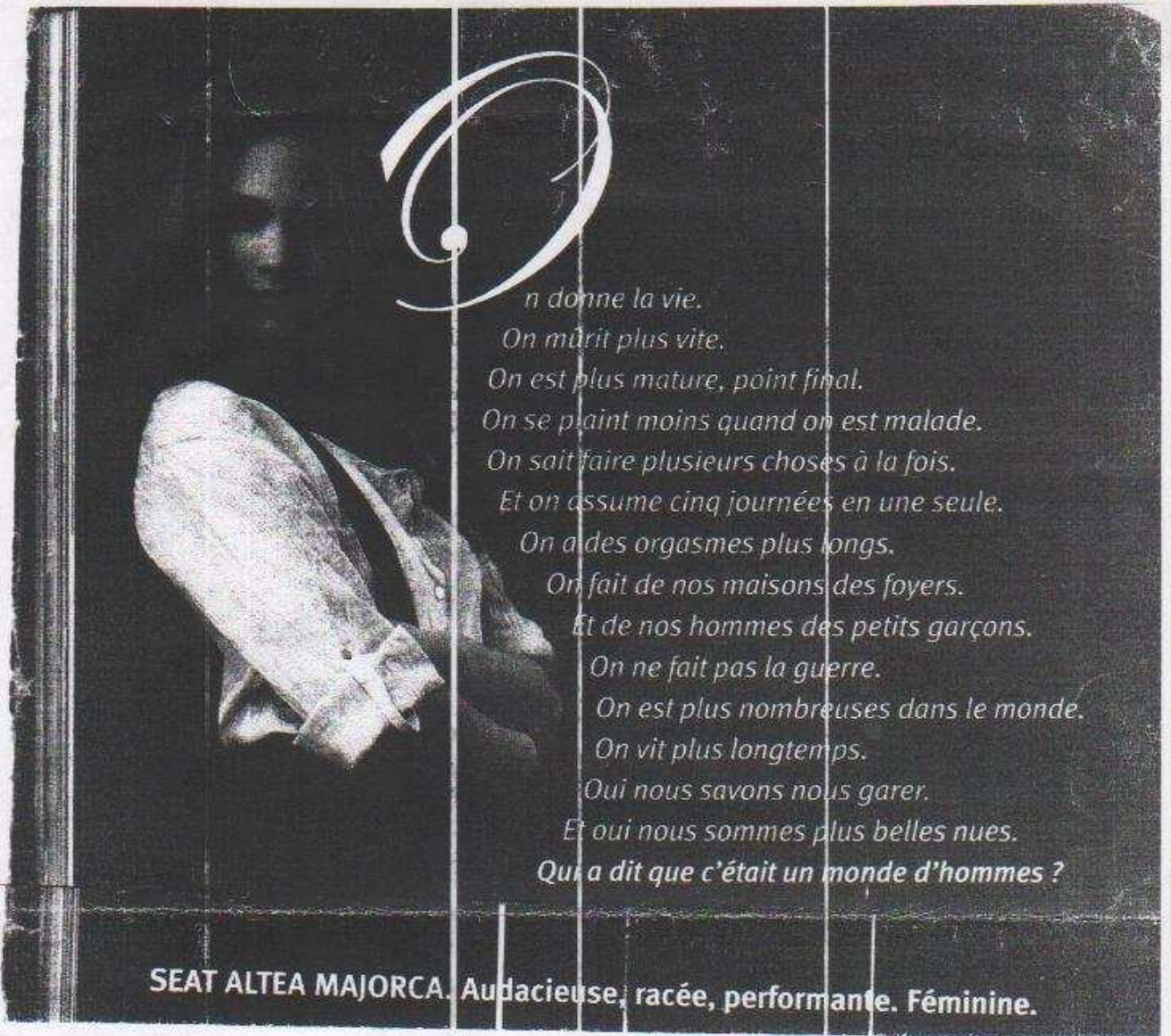
Traduzo.

Frequente colóquios nacionais e internacionais nos quais apresento comunicações.

Escrevo artigos sobre questões ligadas à tradução

B - TRADUÇÕES

Steps
②



On donne la vie.
On mûrit plus vite.
On est plus mature, point final.
On se plaint moins quand on est malade.
On sait faire plusieurs choses à la fois.
Et on assume cinq journées en une seule.
On a des orgasmes plus longs.
On fait de nos maisons des foyers.
Et de nos hommes des petits garçons.
On ne fait pas la guerre.
On est plus nombreuses dans le monde.
On vit plus longtemps.
Qui nous savons nous garer.
Et oui nous sommes plus belles nues.
Qui a dit que c'était un monde d'hommes ?

SEAT ALTEA MAJORCA. Audacieuse, racée, performante. Féminine.

Ubl

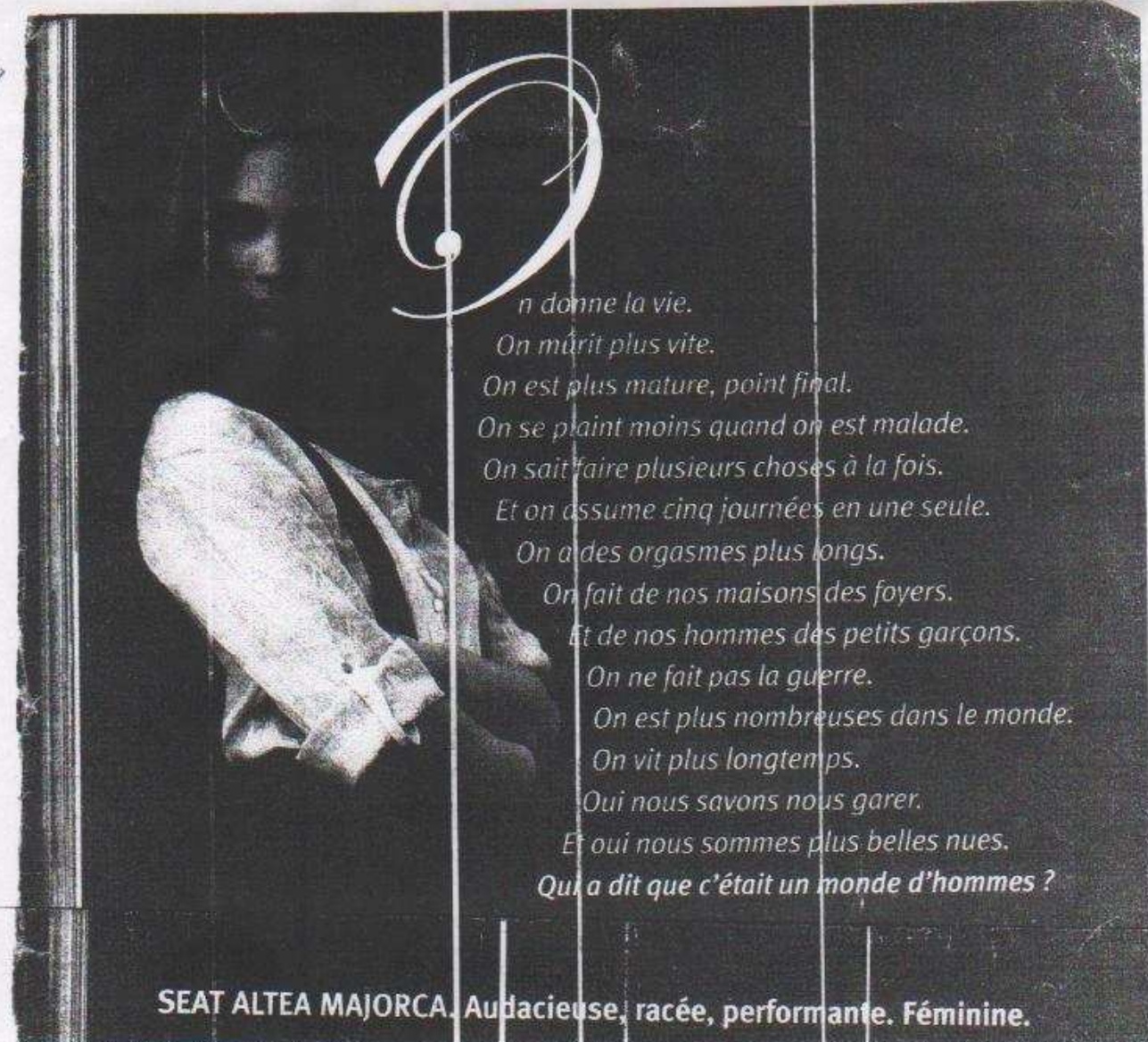
Dames a vida
Amadurecemos mais depressa
Somos mais maduras e ponto final.
* Lamentamos menos qdo estamos doentes
Sabemos fazer várias coisas ao mesmo tempo.
E ^{vivemos} assumimos cinco dias em um só
Temos orgasmos mais longos.
Fazemos de nossas casas lares.
De nossos homens, meninos.
Não fazemos guerra. C
Somos mais numerosas no mundo.
Vivemos mais tempo.
Sim, sabemos nos proteger.

E É verdade ^(que) , Somos +
sim,
belas nuas.
Quem disse que
este era um mundo
de homens ?

- SEAT ALTEA MAJORCA
audaciosa, ^{de personalidade} ~~de~~ ^{de}
~~capaz~~ , ^{personality} ~~capaz~~ , ^{de} ~~de~~ ^{feminino}

Grupos
③

Sim, nós somos mais belas nuas.
Quem disse que este era um mundo de homens?



n donne la vie.
On mûrit plus vite.
On est plus mature, point final.
On se plaint moins quand on est malade.
On sait faire plusieurs choses à la fois.
Et on assume cinq journées en une seule.
On a des orgasmes plus longs.
On fait de nos maisons des foyers.
Et de nos hommes des petits garçons.
On ne fait pas la guerre.
On est plus nombreuses dans le monde.
On vit plus longtemps.
Oui nous savons nous garer.
Et oui nous sommes plus belles nues.
Qui a dit que c'était un monde d'hommes ?

SEAT ALTEA MAJORCA. Audaciosa, racée, performante. Féminine.

SEAT ALTEA MAJORCA. ⁰ AUDACIOSA de caráter performático. Feminina.

^{mulher}
Nós damos a vida.
Nós amadurecemos mais depressa.
Nós somos ^{menos} ~~mais~~ imaturas, ponto final.
Nós nos lamentamos menos quando estamos doentes.
Nós sabemos fugir várias coisas ao mesmo tempo.
E nós assumimos cinco jornadas em um só dia.
Nós temos orgasmos mais longos.
Nós transformamos nossas casas em lares.
E nossos homens em crianças.
Nós não ~~lutamos na guerra~~ ^{lutamos na} guerra ~~mas~~.
Nós somos mais numerosas no mundo.
Nós vivemos mais tempo.
Sim, nós sabemos estacionar.

Grupo 2

1

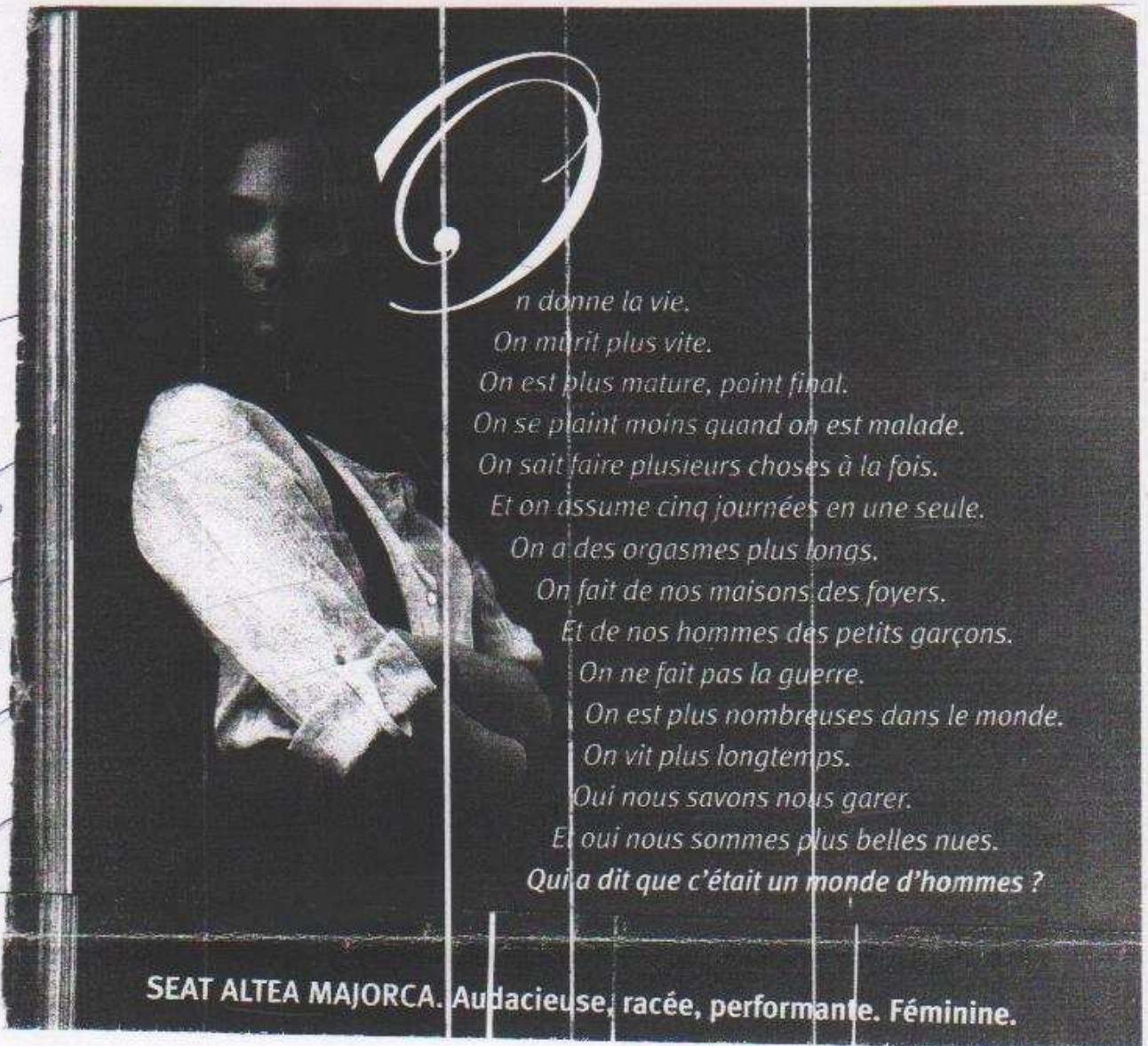
doente

lamenta

sozinha

focos

casas



n donne la vie.

On mûrit plus vite.

On est plus mature, point final.

On se plaint moins quand on est malade.

On sait faire plusieurs choses à la fois.

Et on assume cinq journées en une seule.

On a des orgasmes plus longs.

On fait de nos maisons des foyers.

Et de nos hommes des petits garçons.

On ne fait pas la guerre.

On est plus nombreuses dans le monde.

On vit plus longtemps.

Où nous savons nous garer.

Et oui nous sommes plus belles nues.

Qui a dit que c'était un monde d'hommes ?

SEAT ALTEA MAJORCA. Audacieuse, racée, performante. Féminine.

Condutora.

Alguém dona de vida.

Dona da estrada (percurso - vida)

Alguém que amadurece mais rápida.

E mais madura, ponto final.

Alguém que se lamenta pouco quando está doente

Alguém que faz várias coisas ao mesmo tempo

E que assume cinco jornadas sozinha.

Alguém que tem (busca) orgasmos mais longos (verboativos)

Alguém que faz das casas os focos

E dos homens pequenos garçons (servidores)

Alguém que não faz a guerra.

E são mais numerosas no mundo.

Alguém que vive mais (por mais tempo, tem longevidade)

Que nos obriga nas curvas

E que são mais belas nuas

Quem disse que o mundo é dos homens ?

→ ele não estraga (não te aborrece...)

Ele te serve ^{em} todas as horas e demanda 3/10/09

Ele te satisfaz muito

INSTRUM

lubricosa
raça (garra)
performance
feminina.

A beleza reside na simplicidade (sem adereços)

Alguém dá a vida

Alguém amadurece mais rápido

Grupo 2

②

Alguém está mais maduro, ponto final

Alguém chora mais quando alguém está doente

Alguém sabe fazer várias coisas ao mesmo tempo

E assume 5 dias em uma única

Alguém tem os orgasmos mais longos

E faz de nós laras

E de nossos homens crianças

Ninguém faz a guerra

Alguém é mais nobre dentro do mundo

Alguém vive mais tempo

Sim nós sabemos nos guardar

E sim nós somos mais belas nuvens

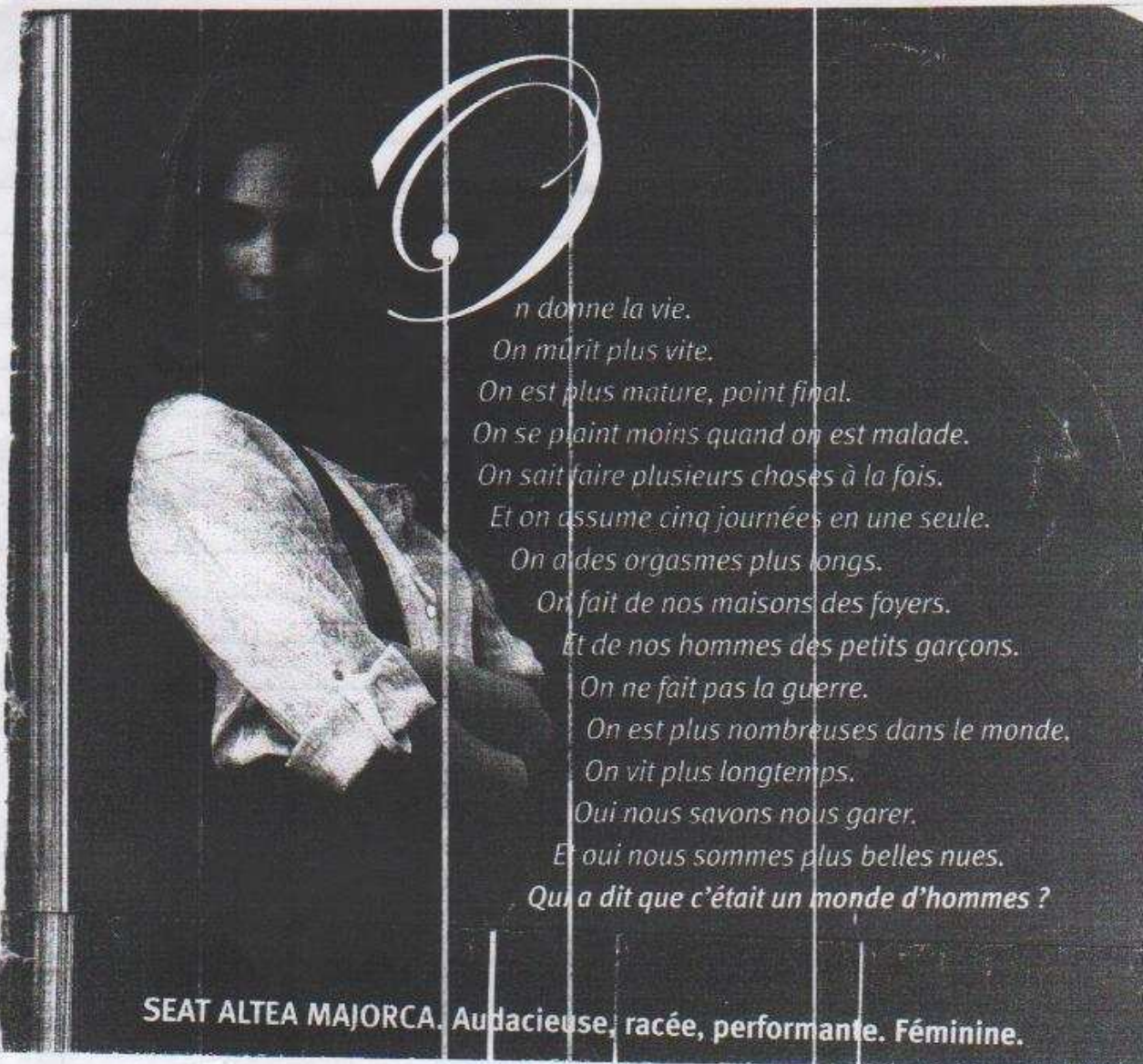
Quem diria que era um mundo de homens?

S.A.M. - Audaciosa, com raça, atuante
Feminina

INSTRUM.

Grupo 2

①



n donne la vie.
On mûrit plus vite.
On est plus mature, point final.
On se plaint moins quand on est malade.
On sait faire plusieurs choses à la fois.
Et on assume cinq journées en une seule.
On a des orgasmes plus longs.
On fait de nos maisons des foyers.
Et de nos hommes des petits garçons.
On ne fait pas la guerre.
On est plus nombreuses dans le monde.
On vit plus longtemps.
Oui nous savons nous garer.
Et oui nous sommes plus belles nues.
Qui a dit que c'était un monde d'hommes ?

SEAT ALTEA MAJORCA. Audacieuse, racée, performante. Féminine.

Da se a vida Dona la vida

Amadurece-se mais rápido

Estás mais madura, ponto final

Queixa-se ^{menos} ~~mais~~ quando se está doente

Faz-se ^{mais} ~~mais~~ coisas ~~de~~ ^{de uma só vez}

E assume ~~de~~ cinco jornadas ~~de~~ ^{de uma só vez}

Tem-se orgasmos mais longos.

Faz-se ~~mais~~ ^{de} casas de nossa casa um lar

E de nossos homens pequenos garotos.

FICHA DE EVOLUÇÃO CLÍNICA

Nas ~~o~~ faz a guerra
Estas ~~em~~ ~~tempo~~ ~~no~~ ~~mundo~~ é mais numerosa no mundo
vive. e mais tempo
é ~~saber~~ nos protege
é ~~so~~ ~~so~~ ~~m~~ ~~o~~ muito mais belas, mas
Como é o mundo dos homens?

Seat Altea Majorca, audacious, performance e feminine.

①

Grupo 3

Damos a vida

Ameduramos, mais depressa

Somos mais ^{experientes,} ~~aduros,~~ ponto final

Reclamamos menos quando estamos doentes,

Sabemos fazer muitas coisas de cada vez

Assumimos cinco jornadas por uma só

Temos orgasmos mais longos

Fazemos de nossas casas nosso lar

E de nossos homens, irmãos

Nós fazemos a juera

Somos as mais amadas no mundo

Vivemos mais tempo

Sim, nós sabemos nos ~~pausar~~ **proteger**

E, sim, somos mais belas mas

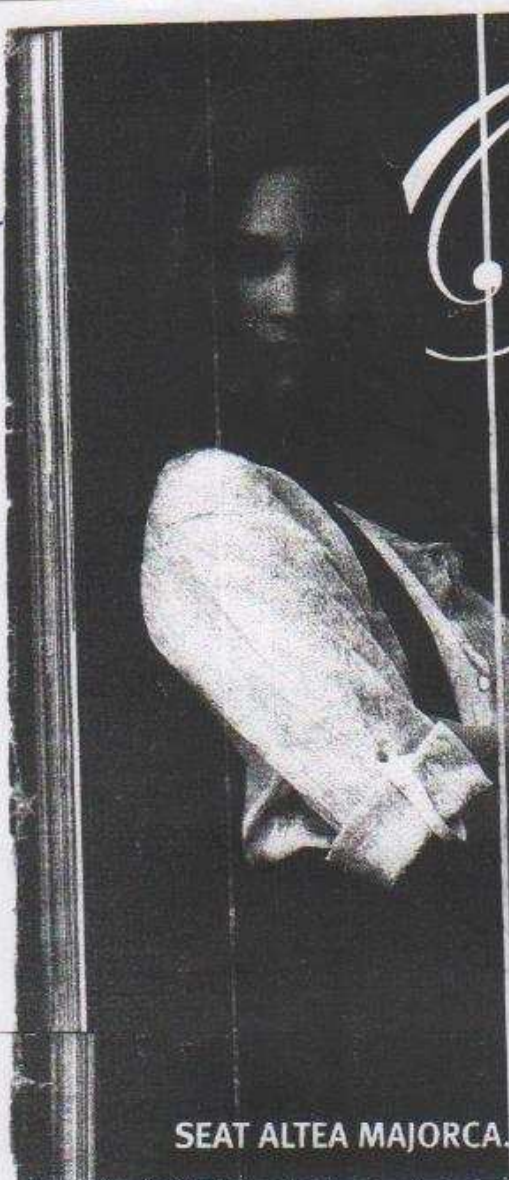
quer dizer que o mundo é do homem?

S.A.M. Audaciosa, com raça, performativa, feminina

CONVERSAÇÃO

470 3

2



n donne la vie.
 On mûrit plus vite.
 On est plus mature, point final.
 On se plaint moins quand on est malade.
 On sait faire plusieurs choses à la fois.
 Et on assume cinq journées en une seule.
 On a des orgasmes plus longs.
 On fait de nos maisons des foyers.
 Et de nos hommes des petits garçons.
 On ne fait pas la guerre.
 On est plus nombreuses dans le monde.
 On vit plus longtemps.
 Qui nous savons nous garer.
 Et oui nous sommes plus belles nues.
 Qui a dit que c'était un monde d'hommes ?

SEAT ALTEA MAJORCA. Audacieuse, racée, performante. Féminine.

2

Nós damos a vida
 Amadurecemos mais rápido
 Somos mais maduras, ponto final.
 Reclamamos menos quando estamos
 doentes.

CONVERSACÃO

Somos capazes de
 (fazemos) fazer muitas coisas ao mesmo
 tempo

E assumimos cinco dias dentro de um só dia

Temos orgasmos mais longos
 Fazemos de
 Nossas casas ~~tão~~ como novos lares

Não faremos guerra
(Não) somos mais numerosas
no mundo

Vivemos mais tempo
sim, também nos preservar

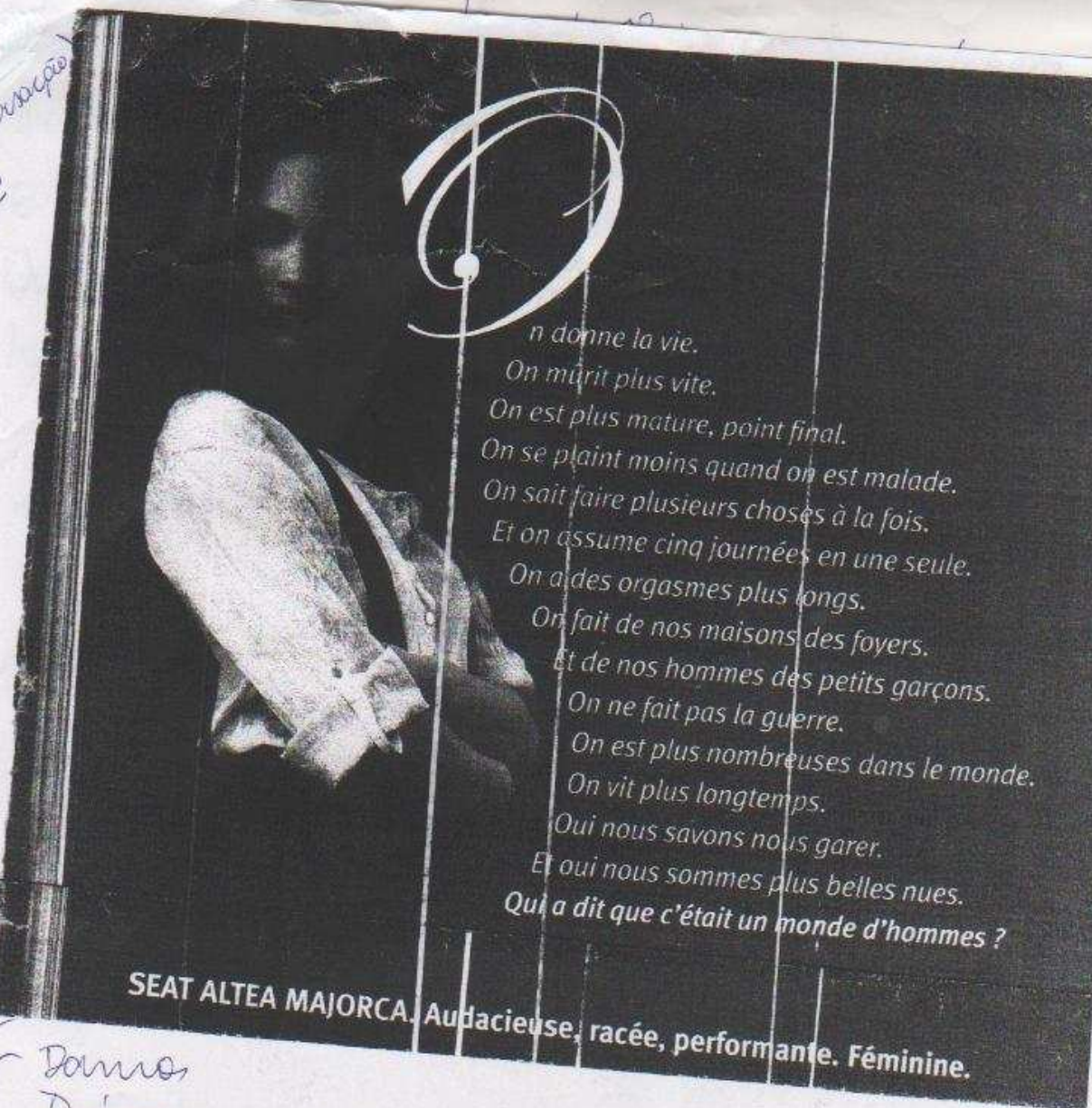
E naturalmente somos mais
belas quando nuas

Quem disse que é um
mundo de homens?

Seat Altea Majorce. Audaciosa,
distinta, performante. Feminina.

3

(Conversação)
Gyro 3



On donne la vie.
 On mûrit plus vite.
 On est plus mature, point final.
 On se plaint moins quand on est malade.
 On sait faire plusieurs choses à la fois.
 Et on assume cinq journées en une seule.
 On a des orgasmes plus longs.
 On fait de nos maisons des foyers.
 Et de nos hommes des petits garçons.
 On ne fait pas la guerre.
 On est plus nombreuses dans le monde.
 On vit plus longtemps.
 Qui nous savons nous garer.
 Et oui nous sommes plus belles nues.
 Qui a dit que c'était un monde d'hommes ?

SEAT ALTEA MAJORCA. Audacieuse, racée, performante. Féminine.

emocional

Donna
Da-se a vida

Amadurece-se mais rápido

Fica-se mais maduro, ponto final.

Queixa-se menos qdo se está doente.

Sabe-se fazer várias coisas ^{de} ao mesmo tempo.

~~Assume~~ Assume-se 5 dias em um único

Tem-se orgasmos mais longos.

Faz-se de nossas casas, lares.

E de nossos homens, meninos.

Mas se fazemos a guerra.

Somos mais...

Vive-se mais tempo.

Sim, nós sabemos nos proteger.

E, sim, nós somos mais bonitas, mais.

Quem disse que este era um mundo de homens?

Audaciosa, elegante, performática. Feminina.

On a dit que c'était un monde d'hommes.

SEAT ALTEA MAIORCA: Adaptações, raças, performance, Feminine.

Quanto

De-se a vida

Introdução - se mais rápido

Fica - se mais mantendo ponto final

Qualita - se melhor do se está de conta

Sabe - se fazer muitas coisas ao mesmo tempo

E vive - se 3 dias em um único

Tem - se algumas vezes mais tempo

Faz - se de várias casas, lares.

E de vários homens, mulheres

mas se faz a guerra

Sou - se a mulher do mundo

C – TRANSCRIÇÕES DOS PROTOCOLOS VERBAIS

1-Instrumental

Primeiro Encontro

1Venise-Você pegou o texto e qual foi a primeira coisa que você fez?

2Inform.- A primeira coisa que me chamou atenção foi a sombra, né? O escuro. O fundo mais escuro. O rosto, eu vejo o rosto de uma mulher. No início, eu pensei que ela pudesse estar grávida, mas depois eu vi que não. Por causa desse contorno que parece que ela tá grávida; depois eu vi que não, era uma pessoa de braço cruzado. Eu procurei para ver se era letra de uma música, alguma coisa assim, mas parece que não, uma poesia talvez.

8Venise-Tá. Aí, depois que você reparou isso, você foi pra leitura do texto.

9Inform.- Isso... é.

10Venise-Tá bom.

11Inform.- Aí, eu comecei a ler. Posso escrever?

12Venise-Pode fazer o que você quiser.

13Inform.- Você quer que eu passe o texto pra cá?

14Venise-É. Onde você quiser, do jeito que você quiser, contanto que você fale o que está fazendo.

16Inform.- Eu vou traduzir no geral, aqui, o que eu entendi. Uma mulher falando, parece, o que as mulheres fazem ou o que as mulheres querem, o que as mulheres sentem... E no final, fala, né, “quem disse que o mundo é dos homens?”.

19Venise-Você vai traduzir em silêncio ou você vai traduzir falando?

20Inform.- Tanto faz. O que for melhor pra você...

....Silêncio...

21Venise- Que houve?

22Inform.- Talvez um problema com os tempos verbais...

23**Venise**-Você está traduzindo e deixando uns espaços em branco. Por quê?

24**Inform.**- São palavras que eu não sei o que é...

25**Venise**-E vai fazer o quê?

26**Inform.**- Vou procurar no dicionário e quando acabar, já procuro tudo de uma vez.

27**Venise**-Qual a dúvida?

28**Inform.**- "***On ne fait pas la guerre***" . Aí "alguém não faz"!

29Se eu posso colocar "Ninguém faz" ... Aí, eu fiquei... Deixa 30comigo!.....

31**Venise**-Parou por quê?

32**Inform.**- Agarrei num tempo verbal aqui.

33 (Agora, dicionário Michaelis Francês- Português)

34**Inform.**- Aqui nessa frase, eu tô colocando o que eu entendi, o que eu acho que é. 35"***On sait faire plusieurs choses à la fois.***"

36**Venise**- Por que você está pondo feminino aqui , se você tinha posto masculino?

37**Inform.**- Prá dar sentido na frase, porque eu tinha entendido "alguém assume cinco 38dias em um", mas aqui tá feminino... Aí, não deu sentido nenhum! Primeiro eu 39procurei essa palavra "***seule***": sozinho, solitário.

40**Venise**- Eu não te corriji, não. Só te perguntei.

41**Inform.**- Hum...hum... É porque aqui é feminino.

42**Venise**- Que que cê tá fazendo? Já terminou a tradução?

43**Inform.**- Já.

44**Venise**- E tá fazendo o quê?

45**Inform.**- Tô vendo que eu não entendi nada. Que não deu sentido nenhum...

46**Venise**-Ah, tá buscando dar sentido ao texto.

47**Inform.**- Isso!

48**Venise**- Tá jóia.

49**Inform.**- Tá traduzido, mas eu não tô achando uma conexão muito grande, não.

50**Venise**-Então, o que você quer dizer com - tá traduzido, mas não tá nada entendido?

51**Inform.**- Olha só, quando a gente traduz alguma coisa: um texto, uma poesia, uma música, algum negócio, a gente acha uma sequência naquilo; aquilo fala de alguma coisa. Então é...

54**Venise**-Então, no caso aqui, você traduziu as palavras, mas falta o sentido... É isso?

55**Inform.**- É.Tem coisa que eu até acho sentido, mas tem outras que estão meio soltas...

56**Venise**- E o que você pretende fazer? Encerrar assim?

57**Inform.**- Não sei, eu queria ler prá...

58**Venise**- Ah, então fica à vontade.

59**Inform.**- Pra traduzir do meu jeito...

.....Silêncio.....

.

60**Venise**-Acabou?

61**Inform.**- Acabei.

62**Venise**-O que você fez?

63**Inform.**- Fiz nada. Eu li de novo para entender.

64**Venise**- Não mexeu em nada?

65**Inform.**- Não. Aqui que eu chutei, mas eu achei que era uma palavra que cabia aqui. 66Só isso.

67**Venise**-Então, tá..Agora, pra gente encerrar essa parte me diz uma coisa. Quando 68você recebeu isso aqui, você sentiu falta de alguma coisa?

69**Inform.**- Do título

70**Venise**-Do título?

71**Inform.**- É. Talvez.

72**Venise**-Você procurou o título e não achou?

73**Inform.**- Não, eu nem procurei, não.

74**Venise**-Você tem que traduzir essa última parte.

.....Silêncio.....

75**Venise**-O que você acha que “*racée*” é?

76**Inform.**- Racional... Como é que eu vou colocar isso pra mulher? Com raça, raçuda. 77Né? A gente fala muito isso. Raçuda.

78**Venise**-E por que você não pôs raçuda?

79**Inform.**- Fica uma palavra muito feia. Acho que pra gente é uma coisa muito vulgar.

80**Venise**-Prontinho? Tá pronto o trabalho?

81**Inform.**- Hum...hum...Tá (*meio insatisfeita*)

82**Venise**-Só pra recapitular um pouquinho: Você pegou o texto, observou, né? A
83formatação dele... a imagem... terminando isso, fez uma leitura rápida pra ver do que 84se
tratava.

85**Inform.**- Hum...humm...

86**Venise**-Em seguida, você passou a traduzir, deixando os espaços em branco para as
87palavras que você não sabia. Aí voltou, foi ao dicionário, pegou, colocou aqui, depois 88fez
mais uma lida do texto e depois fez outra lida do seu texto para adequar.

89**Inform.**- Isso!

90**Venise**-Tá jóia...

Segundo Encontro

91**Venise**-Essa aqui é a sua tradução e aqui foi de onde veio o texto. E aqui é o texto.

92**Inform.**- Ah!!!

93**Venise**-Então você vai fazer o seguinte: você vai dar uma olhada e vai ver se você 94muda alguma coisa da sua tradução diante dessa situação nova.

95**Inform.**- Não vou mudar nada!

96**Venise**- *(lendo o texto em francês)* Muda nada, não? Você não vai dar nem uma 97olhada na sua?

98**Inform.**- Não.

99**Venise**- Mesma coisa? Então não faz diferença nenhuma saber de onde veio, não 100saber de onde veio, do que se trata... Nada?

101**Inform.**- Não

(lendo o texto em português)

102**Inform.**- Não!!!

103**Venise**-Então, tá. Pronto. Acabou. Agora me diz uma coisa. Isso aqui é o quê?

104**Inform.**- A marca de um carro.

105**Venise**- E isso aqui tá no feminino. Por que você mantém no feminino?

106**Inform.**- Por causa da terminação de feminino.

107**Venise**- Mas esses adjetivos aqui estão fazendo referência à quê?

108**Inform.**- A marca do carro.

109**Venise**- Substitui isso aqui pelo nome de um carro que a gente conhece.

110**Inform.**- Isso aqui é um adjetivo feminino. Então, aí, tá fazendo referência à marca 111do carro.

112**Venise**- À marca ou ao carro?

113**Inform.**- Aqui é a marca, mas esse aqui é o tipo de carro.

114**Venise**- Então o que viria aqui, numa propaganda em português, seria a marca ou o
115carro?

116**Inform.**- Seria o carro.

117**Venise**-Então os adjetivos seriam no masculino ou no feminino? Por exemplo: Ford 118Eco
Sport: audaciosa ou audacioso?

119**Inform.**- Nesse caso seria no masculino, mas se fosse uma caminhonete, seria
120audaciosa, raçuda...

121**Venise**-Tá ótimo. Muito obrigada.

2-Instrumental

Primeiro Encontro

1**Venise**-Você vai ler o texto, vai traduzir, pode usar quatro dicionários: Português-

2Português, Francês- Português, Português- Francês e Francês- Francês e você vai ter 3que
falar, verbalizar tudo, tudo.

4**Inform.** – Quer que eu fale tudo o que for...

5**Venise** – Tudo o que você for pensando, as dúvidas que você tiver... Tudo, tá? Eu não 6vou
notar a sua tradução, mas vou prestar atenção ao seu comportamento. Tá bom?

7**Inform.** – Entendi.

8**Venise** – Então vamos começar?

9**Venise**- O que está fazendo?

10**Inform.**- Estou olhando a imagem. Parece que é uma mulher, mesmo porque, aqui na
11referência, fala de uma mulher, né? Então, uma mulher se impondo, propriamente 12dito, e
ao mesmo tempo com os braços cruzados...

13**Venise**-Se impondo pela... pela forma que ela olha?

14**Inform.**- É. Eu acho pela postura física... a forma que ela olha... querendo marcar seu
15espaço, né? Agora eu posso passar o olho pelo texto, né?

16**Venise**- Pode, pode... Só vai falando o que você está fazendo.

17**Inform.**- Eu vou dar uma olhada geral no texto.

18**Inform.**- Aí eu posso começar a olhar uns termos no dicionário, tá?

19**Venise**- Você já leu o texto inteiro, não é isso?

20**Inform.**- É. Não é? A idéia que passa é, vamos dizer assim, é a trajetória sobre a 21mulher,
suas atividades, né?...Vou pegar o dicionário, né?

22**Inform.**- É... não tem pronúncia, não. Né?

23**Venise**- Não. Não tem problema, não.

*Nesse momento faz consulta ao dicionário. No entanto, não se preocupa em verificar
qual, e pega o português-português Só depois que não acha o que procura, se dá conta.*

24**Venise**-O que você está fazendo?

25**Inform.**- Estou olhando aqui... a partir desse termo... tentando costurar os sentidos...

26Como se chama aquelas palavras que parece que são mas não são?

27**Venise**- Falso-cognatos.

28**Inform.**- ... Até que não é não. Falso-cognato, não...Vou começar... a... escrever 29aqui...
pelo menos por trechinhos.

30**Venise**- ...Tá. Só me recupera aqui. Você recebeu o texto, olhou a imagem, olhou...

31**Inform.**- Está falando de uma mulher, questão da audácia, questão da raça, 32performance,
de ser feminina, quer dizer... é uma mulher que... ao mesmo tempo está 33atuando. Não é
mais aquela mulher bibelô, né?

34**Venise**- ... mas não pela imagem, né? Mas depois que você leu o texto aqui...

35**Inform.**- Uma leitura rápida e principalmente pela..... vou botar com se fosse... 36um
subtítulo (*slogan*), né?

37**Venise**- Em seguida você leu o texto... pela segunda vez ou primeira vez?

38**Inform.**- Não. Eu passei o olho uma vez. Comecei a olhar uns termos, né?

39**Venise**- Aí, na segunda vez, você começou a procurar, não é?

40**Inform.**- Nos que eu estou em dúvida. Agora, vou começar a escrever... mas, por exemplo, esse primeiro termo aqui... eu olhei e não anotei na hora o significado... 42fugiu da minha cabeça... né?... Vou voltar novamente e vou procurar... Acho melhor 43eu começar a redigir ou botar notinhas. Esse termo aqui, eu ainda... comecei a olhar e 44não peguei ainda... Deixa eu ver... Vou colocar como alguém, mas ele seria como... 45tipo ... alguém ou ela...,né? que é dona da vida, da sua história. Melhor tradução não 46seria alguém. Mas a princípio vou colocar... talvez depois...eu mude.

47**Venise**- (*Novamente dicionário Francês- Português... Português- Francês*)... Que 48está fazendo, Ana?

49**Inform.**- Estou costurando. Fazendo a ... tentando traduzir direto aqui..., né?

50**Venise**- O que é traduzir direto?

51**Inform.**- Não. Estou lendo as duas primeiras... as duas primeiras linhas, né?

52**Venise**- Pegando o fio?

53**Inform.**- Pegando o fio da meada novamente.

54**Venise**- Qual é a palavra?

55**Inform.**-(*procurando*).....hum...hum...

56**Venise**- Quantas palavras você procurou?

57**Inform.**....1, 2, 3, 4, 5, 6, ... e 7. Sete palavras...

58**Inform.**- É. Agora, eu acho que dá para começar... a redigir aqui, né?

.....(*dificuldade*).....

59**Venise**- Posso dizer que os problemas são de palavras que não se encaixam, às vezes?

60**Inform.**- Acho que é um pouco de falta de prática, né? Então, tem algumas palavras 61que eu fico como que em dúvida

62Inform.- (*continuando o pensamento*) ... para entender...Tem já o quê? Um ano, um 63ano e pouco que eu não...

64Venise- O sentido que você previu, correspondeu?

65Inform.- Eu acho que de certa forma, sim. Tá mostrando que a mulher tá trabalhando 66um pouco assim...tanto que a mulher não tem nada de frágil, né? Ela é batalhadora 67em várias situações, né? Tanto é que no final, tem a interrogação “quem disse que o 68mundo é dos homens?”, né? E ele mostra no decorrer do texto isso: que a mulher é...

69Venise-Então é coerente...

70Inform. - É... que a mulher está atuando em várias frentes... Esse termo passou 71batido... Eu acho que não... não está inserindo, né?... Não seria um pouco assim... Eu 72tinha pensado... mas eu vou tirar uma dúvida aqui. Seria...o que não faz? Seria paz à 73guerra???! ... Então, eu acho que o erro... está aqui nesse... termo.

74Inform.- hum...hum...

75Venise- E agora? Mais uma palavra que não encaixou?

76Inform.- Aqui, pra ver o sentido, né?

77Venise- Então, tá. Você traduziu o “sub-título”(slogan) sem questionar. Por que você 78não perguntou se era para traduzir isso? Foi traduzindo sem perguntar...

79Inform.- Porque eu acho que faz parte do texto.

80Venise- Tá. Obrigada.

81Venise- Vou te falar uma coisa. Essa três palavras aqui não são francesas.

82Inform.- É, tô vendo isso, na primeira. Vou procurar outra, mas a primeira eu já 83tinha...

84Venise- Não é? Acabou?

85Inform.- Tá.

86Venise- O que é que você vai fazer agora?

87Inform.- Eu acho, eu tô querendo ver no geral, aqui, o sentido, mas o que tá...Eu não 88sei o porquê desse texto, mas ele trabalha um pouco com a idéia de uma mulher como 89condutora

de seu destino. Não é uma mulher frágil, não é uma mulher que vive apenas no espaço doméstico. Ao contrário, é uma mulher que atua em vários espaços, né?

91 **Venise**- Mas, qual é a próxima etapa de seu trabalho? Ou, que vai você fazer agora?

92 **Inform.**- Ah, eu iria reler, novamente e..

93 **Venise**- Então, pode ficar à vontade.

94 **Inform.**- ... e tentar... porque eu acredito que tenha que refazer depois aqui é... a
95 tradução propriamente dita. Porque foi em linhas gerais mas, é ... vou fazer uns 96 ajustes...

97 **Venise**- E aí?

98 **Inform.**- A princípio acho que será isso, né?

99 **Venise**- Então, você já acabou?

100 **Inform.**- Acredito que sim.

101 **Venise**- Acabou aqui, acabou aqui, acabou tudo?

102 **Inform.**- Sim.

103 **Venise**- Acabamos, hoje?

104 **Inform.**- Sim.

105 **Venise**- Então, só me fala uma coisa: quando você pegou o texto, independente da
106 tradução, quando você começou a olhar fisicamente o texto, você sentiu falta de
107 alguma coisa, alguma informação?

108 **Inform.**- Ué, o porquê desse texto. Esse texto foi produzido... é o quê? É uma
109 campanha publicitária? É um texto informativo? Que não parece ser, né? Ele parece
110 ser... de repente, parte de uma campanha publicitária, né?

111 **Venise**- Então, você sentiu falta, né?

112 **Inform.**- É. O porquê desse texto, né?

113 **Venise**- Tá, a motivação dele.

114 **Inform.**- Porque não é um texto acadêmico. Parece o texto de um impresso.

115**Venise**-Hum...humm... Visualizando assim, a formatação, o que é que ele te parece. 116Em termos de gênero de texto, ele é o quê?

117**Inform.**-É uma publicidade, a princípio, ou talvez até uma....

118**Venise**-E isso aqui? A forma de distribuição? Uma carta, um...

119**Inform.**- Não, uma carta, não. Acho que é um texto publicitário, uma letra de música, alguma coisa assim...

121**Venise**-Então, acabamos?

122**Inform.**-Sim

123**Venise**-Está satisfeita com a tradução?

124**Inform.**-Acho que tô... meio enferrujada, mas a princípio seria isso!

Segundo Encontro

125**Venise**-Aqui foi de onde veio o texto, de onde ele foi tirado e este aqui é o texto original. Aqui é a sua tradução. Então a situação é a seguinte: foi um texto que foi... 127o texto em si é o mesmo, eu não mudei nada do texto. A situação é que é diferente, 128porque aqui eu omiti bastante coisa. O que eu quero de você é o seguinte: diante 129dessa situação nova, desse contexto todo enriquecido, eu quero saber se a sua 130tradução fica a mesma ou se você faz algum tipo de modificação.

131**Inform.**- Eu acho que, quando você percebe, principalmente a ilustração do carro 132aqui, ela já te direciona, vamos dizer assim, muda acho que bem a sua leitura, né... e 133as demais informações.

134**Venise**- Então você vê se você quer alterar alguma coisa, ou não.

135**Inform.**- Muda muita coisa. Por exemplo, eu não me lembro ao certo, mas eu diria 136aqui, dona da rua, da estrada. Vida no sentido do trecho, do percurso. E dona no 137sentido da condutora, né? O texto já direciona o quê? Uma mulher, que apesar de 138toda a sua aparência de nova, já teria a maturidade de querer uma coisa boa, de

139escolher um produto, vamos dizer, de primeira: o carro. E aí, seria um 140direcionamento assim, nesse sentido... Ele é um carro que vai atender às 141necessidades, mas é um carro...

142Venise-Ele é um carro que apresenta que características, segundo o texto, ou 143segundo essa página? Fala de alguma característica do carro? Tem que lembrar que 144você traduziu isso tudo aqui, tá?

145Inform.- Dona da estrada... eu vou colocar algumas palavras que muda, digamos, o 146sentido. Na 4ª linha, eu vejo um carro que não te dá pra... que não pára, que não 147quebra, que não te dá dor de cabeça.

148Venise-O que eu preciso que você faça, não é que você reinterprete o texto. Isso 149aqui é a parte concreta, é o que eu preciso. O que eu quero saber é se você faria uma 150nova tradução usando isso aqui, a sua tradução. Continua isso e faz mudanças ou 151você está interpretando as falas?

152Inform.- Tô interpretando as falas.

153Venise-Não, mas eu não quero que você reinterprete as falas.

154Inform.-Quer que eu mude as...

155Venise-Não quero que você mude. Eu quero saber se diante disso a sua tradução 156fica exatamente igual ou se você muda, como se... imagina que eu vá publicar isso 157aqui: como fica a sua tradução, fica igual ou não?

158Inform.- Aqui, nesse ponto eu colocaria, não dá pra usar... Não ...é... Em resumo 159seria isto.

160Venise-Então, tá. Tá satisfeita? Posso pegar, posso ir embora?

161Inform.- Sim.

3-Instrumental

Primeiro Encontro

1**Venise**-A primeira coisa que você fez quando pegou o texto foi o quê?

2**Inform.**-A primeira coisa que fiz foi olhar a figura, dei uma olhada no contexto geral 3do texto.

4**Venise**-Em relação à leitura, à tradução, como é que você procedeu até então?

5**Inform.**-Eu fiquei lendo palavra por palavra, no primeiro momento, né? Daí, já fui no 6dicionário duas vezes pra tentar decifrar duas palavras que eu não estava entendendo, 7pra dar sentido na frase.

8**Venise**-De repente você começou a escrever sem olhar no dicionário.

9**Inform.**-Porque aí eu tava me sentindo insegura, né? Num primeiro momento... com a 10sua presença.... Eu acho que é importante falar. E depois, eu fico sem me deter muito 11no sentido das palavras. Eu fui... Mas agora, de fato, tô retomando novamente.... 12novamente porque tive uma dúvida no sentido de uma palavra.

13**Venise**-Uma coisa que eu não entendi: você observou a imagem e você chegou a ler 14o texto todo, por inteiro ou só o comezinho dele?

15**Inform.**- Só o começo.

16**Venise**-Tá. Cê leu o começo e começou a traduzir? Então, tá. Cê procurou uma 17palavra aí, mas não gostou? Não achou ... o que que aconteceu?

18**Inform.**-Eu tô tentando construir a frase a partir das duas palavras que eu achei.

19**Venise**-Tá.

20**Venise**-Você demorou um pouquinho mais nessa frase aqui: "***On est plus 21nombreuses dans le monde***" Você parou, ficou olhando para a frase, pensando, 22fazendo o quê?

23**Inform.**-Tentando dar um sentido à frase... tentando assim... lembrar do que

24"***nombreuses***" se tratava. Se era números, numerosos...

25**Venise**-Traduziu tudo?

26**Inform.**- Sim.

27**Venise**-Vamos recapitular comigo aqui tudo o que você fez.

28**Inform.**-Bom, no primeiro momento eu olhei para a figura, vi a foto de uma mulher.

29**Venise**-Você procurou alguma outra informação no texto?

30**Inform.**-Não. Então eu li a primeira, segunda e terceira frases, né? E dei início à 31tradução. Depois, teve 3, 4 palavras que eu tive dúvidas e recorri ao dicionário, 32porque eu não consegui por si só decifrar o contexto.

33**Venise**-Por que você leu só a primeira, segunda e terceira frases e não foi até o final 34e resolveu começar logo a tradução?

35**Inform.**-Porque talvez eu seja muito ansiosa e já comece a ler a primeira, segunda e 36terceira frase. Eu não tenho assim essa prática de pegar o trabalho, olhar ele todo até 37o final... Realmente, eu nunca consegui e nunca fiz isso, embora seja, do ponto de 38vista instrumental, seja o ideal... eu não faço.

39**Venise**-Houve frases em que você conseguiu pegar o contexto todo, mesmo 40desconhecendo o significado de algumas palavras. E outros, o contexto não ajudou 41em nada e você teve que recorrer ao dicionário. Então, tá. Acabou?

42**Inform.**-Hum...hum..

43**Venise**-Já posso ir embora desse jeito mesmo?

44**Inform.**-Pode.

45**Venise**-Mas agora eu quero que traduza essa partezinha aqui, porque ela também 46precisa ser traduzida.

47**Inform.**- (*Risos*)

48**Venise**-Qual é o problema?

49**Inform.**- É uma palavra que eu tive dúvida: “*racée*”. Eu ia até inferir, mas eu tô na 50dúvida e vou buscar no dicionário. Minha dúvida é essa: se é um particípio 51composto...

52**Venise**-Tá. (*Dicionário Português- Francês e Francês- Português*) E aí?

53**Inform.**- ... audaciosa... não tô conseguindo decifrar essa palavra. Posso passar?

54**Venise**-Pode. Cê tá com dúvida no adjetivo, aí?

55**Inform.**-É . Posso terminar?

56**Venise**-Pode. Acabou?

57**Inform.**-Sim.

58**Venise**-Mas, eu não vou receber ele assim, não... Eu quero que você faça uma última 59lida no seu texto... vê se tem alguma outra coisa pra fazer.....

(lendo o texto traduzido)

60**Venise**- Bom, cê disse que tava pronto prá me entregar... aí, você fez um monte de 61modificação. Duas perguntas: Primeira- Por que você ia me entregar sem reler. 62Segunda- Por que você modificou algumas coisas?

63**Inform.**- Eu acho que eu ia entregar sem reler por uma ansiedade e eu modifiquei 64porque eu vi que algumas palavras estavam sem sentido e eu comecei a pegar o 65espírito do texto.

66**Venise**-Você entendeu o texto?

67**Inform.**-Sim.

68**Venise**-Tá satisfeita com a sua tradução?

69**Inform.**-Sim.

70**Venise**-Agora você pode me entregar, de fato?

71**Inform.**-Sim.

72**Venise**-Tá bom, então.

Segundo Encontro

73**Venise**- O texto veio dessa revista aqui, tá, Marie-Claire. E o texto que você traduziu 74foi esse. Então eu gostaria que você desse uma olhada na sua tradução e visse se 75mudaria alguma coisa em função do que você ta vendo aí, ou não, se você deixa do 76mesmo jeito. E se você for mudar, use a canetinha vermelha. Tá bom?

77**Inform.**- Tá.

78**Venise**- Tá lendo o texto, comparando.

79**Inform.**- Na minha tradução, é o tempo verbal.

80**Venise**- Ele muda de uma perspectiva pra outra?

81**Inform.**- É. ... Pronto.

82**Venise**- Mais nada não?

83**Inform.**- Não.

84**Venise**- Tá, agora me diz: O que é isso aqui: SEAT ALTEA Majorca?

85**Inform.**- É um nome.

86**Venise**- Mas é um nome de quê?

87**Inform.**- É uma marca?

88**Venise**- Uma marca de quê?

89**Inform.**- De um carro.

90**Venise**- Tá, então olha aqui: audaciosa, performance, feminina. Mantêm no 91feminino?

92**Inform.**- Não.

93**Venise**- Ah, então você não tinha visto isso antes, não, né?

94**Inform.**- É.

95**Venise**- Muito obrigada.

4-Conversaço

Primeiro Encontro

1**Venise** - Boa- tarde! O que você está fazendo?

2**Inform.**- Estou primeiro vendo aqui, de um modo geral, o que que isto pode 3significar...
Estou vendo que é alguma coisa de ...moda? Alguma coisa de... 4comportamento feminino?

5Isto aqui é um "O"?

6**Venise**- É.

7**Inform.** - "*On donne la vie*"? Posso ler tudo... primeiro?

8**Venise**- Pode.

9**Inform.** - Então, tá.

10**Venise**: Leia em voz baixa...não fique nervosa.

11**Inform.**: Quer que traduza de uma vez?

12**Venise**- Que escreva.

13**Inform.**- Mas, em voz alta?

14**Venise**- Não. Não, não, não.

15**Inform.**- Ah, tá

16**Venise**- Eu vou te perguntando. Então, você leu o texto todo, né?

17**Inform.**- Li. Agora já compreendi que é alguma coisa falando da mulher.

18**Venise**- Embaixo também vai ter de fazer a tradução, tá?

19**Inform.**- Tá. Então, tá dizendo... traduzindo, né? "Damos a vida???" (*dúvida 20discordante*)
Não damos, né? Esquisito... (*raciocínio relutante*) Bom, vou achar 21outro.

22**Inform.**- Vou achar outro...Bom... "Damos a vida"... "Morremos mais depressa"? 23**Mûrir**
não é morrer. Bom, "mais depressa"... "mais rápido" ! (*Dicionário*) "Sim, 24somos mais
maduras." "*On est*" ? Por que este "*on est*" que não estou compreendendo?... porque ... é
como se fosse assim.

.....*Falando alto e escrevendo a tradução*.....

25Estou achando difícil este **“on”** aqui. Não estou entendendo muito bem, não. “Sim, 26somos mais maduras ponto final.” “Reclamamos menos quando...” Acho que é 27melhor colocar na segunda pessoa, né? Do plural. Não compreendi. “Somos mais 28maduras. Ponto final.” “Reclamamos menos”... “menos”(silêncio)... “quando” 29“estamos doentes”(silêncio) “Sabemos fazer muitas coisas”... (silêncio)... 30“muitas coisas de cada vez”(silêncio)..... “sabemos fazer muitas coisas”... “de 31cada vez” . “Assumimos cinco jornadas em uma só”... “cinco jornadas em uma só”. 32“Temos orgasmos mais longos”...(silêncio)... “prolongados.” “Cuidamos de nossas 33casas”..... **“foyer”**... “Fazemos de nossas casas”... Ah, já não sei o que é esse 34**“foyer”**... “fazemos de nossas casas”... “e de nossos homens pequenos *garçons*”... 35“pequenas crianças?” “De nossos homens... meninos?” “Não fazemos a guerra”.. (36pausa) ... “Somos mais”... “somos as mais numerosas no mundo”...(pausa)... “Somos 37mais numerosas no mundo”. “Vivemos” ... “vivemos mais tempo”... “Sim, nós 38sabemos”... **“nous garer”**... e sim..isso... somos sim... “somos as mais bonitas 39mulheres”..... “mais belas”... “Quem disse que esse é um mundo de homens?”.... 40“Quem disse que o mundo é dos homens?” Bom, tenho que ver no dicionário duas 41palavrinhas no Francês-Português.Vou ver aqui é o....

42Inform.- Não é isso mesmo?... “Amadurecer”... “amadurecemos mais rápido”... 43“mais depressa”.. (silêncio) “mais depressa”... E outra coisa é o **“garer”**

44Venise- Hum, hum... E o **“foyer”** já conseguiu?

45Inform.- O **“foyer”**... pois é... vou ver como é ... o **“foyer”** ?... não sei...Eu sei o que 46é, mas é melhor olhar.

47Venise- O que você fez? Você colocou aí...?

48Inform.- Não coloquei, não.... **“Garer”** ... Preservar... “Nós sabemos nos preservar” ... 49“Nós sabemos nos preservar?” “Sim, nós sabemos nos proteger”. É melhor, né? ... 50“nós desviar” “Nos cuidar,” acho que é melhor....

51Venise- É **“garer”** que você está procurando

52Inform.- É. Achar de novo aqui: **“garer”** – abrigar, preservar de; abrigar-se, desviar-53se. Acho que é preservar mesmo, né? “Nos preservar”... E o **“foyer”**? ... é que no 54caso: lar, lareira, chaminé,fornalha, foco de luz, casa, morada, família, centro, sede. 55Então, aqui **“foyer”**... (muita dúvida)..... “Fazemos de nossas casas”... “nosso 56lar???”... “fazemos de nossas casa.” .. “de nosso lar” ... (decisão) ...É. Eu acho que é 57foco de luz. Gostei.... “Fazemos

de nossa casa”.....“nossas casas”, não... “nosso lar”, né? Não, “de nosso lar”, é uma coisa mais...Dá impressão de mais quente... Deixa eu ver se está tudo.

60(*relê a tradução para si mesma*).“Damos a nossa vida”... Não, não gostei.

61Venise_ Não?

62Inform.- “ *On donne la vie*” não, não damos. Tem outra palavra, não tem, não? Não tem como procurar no dicionário...

64Venise- Tem Português-Português, aí, se quiser usar...

65Inform. (*falando para si mesma*) : Nossa! é tanta coisa!...Pode ser damos mesmo...

66Vamos deixar damos mesmo... “Damos a vida”...

67Venise- Eu não posso falar...

68Inform.- É. Produzimos... concebemos...oferecemos...Não é “dar a vida”, porque não é “dar a vida” é você entregar a sua vida para alguém... Dou a vida para alguém... Não, não é isso. Aí a palavra seria outra... Não é?...É... Dar à luz... mas a vida, não é damos a vida, não. Não tá bom este sentido não... Não... “Damos a vida”...

72Venise- Deixa sublinhado. Sublinha ele. Continua, tá?

73Inform.- “Amadurecemos mais depressa”, “somos mais maduras”. Aí já ficou ruim esse amadurecemos... “somos mais maduras ponto final”... “somos mais”... outro termo.... Deixa eu olhar aqui. Em vez de maduras, somos mais... ah, eu vou ver aqui, depois.(*Leu seu texto em voz alta, em português*) “Reclamamos menos” “homens” .

77Venise-Também aqui embaixo.

78Inform.- Ah, tá. Isto aqui é o quê?...Isto aqui não é francês, né?

79Venise- Acho que não.

80Inform.- ... “Audacioso”, “*racée*”, “performática”, “feminina”... Eu sei o que é, mas não sei...

82Venise- Às vezes a gente sabe, a gente entende, mas a palavra não chega.

83Inform.- “*Racée*” ... temos raça, não é?... (balbucia).....

84Venise- Hum, hum...

85**Inform.**-...“Audaciosas”...ah, mas aqui é ... raçuda (voz forte e audaciosa). É, não é?

86É, mas não posso falar.

87**Inform.**- “Audaciosa”, com raça fica feio, né, raça é uma palavra meio feia... assim 88pra isso (*temor do vulgar*) ...*Silêncio* ... “Performática”, deve ser... “performance”... 89“performática” (*silêncio prolongado*) “Audaciosa” ...

90**Venise**- Quando essa acabar, você pode encerrar, tá?

91**Inform.**- Tá. Esse “*racée*” eu vou ter que ver, uma coisa, hein? Não consigo! Olha 92que coisa horrível ! Tem Português-Português?

93**Venise**- Você sugeriu uma palavra. Por que você resistiu a ela?

94**Inform.**- Qual que foi? “Raçuda”?

95**Venise**- É.

96**Inform.**- Achei... existe essa palavra?

97**Venise**- Ah, existe, existe, eu sou, existe.

98**Inform.**- Raçuda?!!!!

99**Venise**-raçudo.

100**Inform.**- Eu nunca ouvi falar, deixa eu ver então, aqui no texto.

101**Venise**- Veja aqui no Português.

102**Inform.**- Bom... Eu achei muito feia essa palavra.

103**Venise**- Então você pode deixar...

104**Inform.**- “Audaciosa”, “com raça”... prefiro botar assim.... (*silêncio*)...Achei raçuda
105uma palavra muito feia.

106**Venise**- Muito pesada?

107**Inform.**- Muito pesada. Com raça também não gostei muito. Mas eu entendi o que
108quer dizer.

109**Venise**- A gente vai ter novo encontro com esse mesmo texto.

110**Inform.**- Hum, hum.

111**Venise**- Tá? Resolva uma palavra que caia bem.

112**Inform.**- Agora esse... deixa eu só ver sede novo. Se tem outra 113coisa prá.. “depressa”. Somos mais, é ... “experientes”.

114**Venise**- Prá não repetir as duas, né?

115**Inform.**- É, prá não repetir. “Amadurecemos”.. “somos mais experientes ponto 115final”. A única coisa então... essa daqui eu já tirei. Tá bom. Esse “damos a vida” é 117que eu achei um pouco... não gostei muito.

118**Venise**- Então você pensa?

119**Inform.**- Penso. Vou pensar. Penso que- damos a vida- não é nesse sentido...Tinha 120que ser assim... é.....

121**Venise**- Eu entendi seu recado !!!

122**Inform.**- “passamos”... “criamos a vida”... “quase que um pouco”... ou “quase que 123mais isso” (*Muitas dúvidas não apenas textuais, também filosóficas*) Entendeu? 124Então eu vou pensar na próxima, porque não encontrei a palavra ideal.

125**Venise**- Encerrou?

126**Inform.**- Hum,hum.Encerrei.

127**Venise**- Então, só me fala uma coisa para eu recapitular aqui. Você recebeu o texto.

128Você fez uma leitura, não foi? Depois, por que você fez essa 1ª leitura?

129**Inform.** – Para eu compreender o sentido geral do que se tratava.

130**Venise**- E quando você esbarrou com umas palavras desconhecidas o que você fez 131na sua cabeça?

132**Inform.**- Eu passei batido.

133**Venise**- Passou?

134**Inform.**- Passei.

135**Venise**- Aí, quando você fez a segunda leitura, aí você já passou pra leitura de 136traduzir?

137**Inform.**- ...de traduzir. Já fui pegando as palavras todas que eu tinha dúvida e fui
138traduzindo. E depois, tentando dar um... mudar algumas palavras pra dar um texto
139melhor... não repetir... tipo amadurecer duas vezes com maduras.

140**Venise**- Ta jóia. Alguma coisa mais?

141**Inform.**- Não. É isso mesmo.

142**Venise**- Obrigada.

Segundo Encontro

143**Venise**- Essa é a sua tradução, o que você fez. Aqui é de onde veio o texto e aqui é o
144dito cujo. Esse aqui é o texto todo. Bom, então você vê se dentro dessa nova
145perspectiva, desse contexto novo, se você faz alguma mudança no seu texto, de
146qualquer forma que seja, ou não. Se você tá satisfeita, mesmo mudando a 147perspectiva.

148**Inform.**- Se é o mesmo texto, por que você tá me dando de novo?

149**Venise**- Agora eu tô te dando de novo porque esse aqui é a realidade do texto. O que
150eu fiz, é... eu adaptei, eu tirei o texto do contexto dele e agora eu tô te dando o
151contexto real. O texto fala sobre... o quê que é aqui... aí você vê se muda alguma 152coisa,
porque o texto, em si, ele é o mesmo, não tem nada mudado, não. O que muda 153agora é o
contexto. Eu quero ver se com o contexto você muda alguma coisa. Se ele 154vai fazer
diferença.

155**Inform.**- Só aqui... “ nós sabemos nos proteger”... eu vou mudar . O resto eu acho 156que
é isso mesmo.

157**Venise**- Vai acabar? Tem certeza? É assim que você apresentaria isso se fosse uma
158publicidade?

159**Inform.**- É.

160**Venise**- Tá bom.

O comentário posterior a respeito do slogan foi que ela não havia prestado atenção àquela parte. E também: “Tá no feminino!!!”

5-Conversaão

Primeiro Encontro *Muito falante, leu tudo em voz alta. Sempre que tinha dúvida voltava e lia o texto em francês e em voz alta. Questionava-se, discordava...ia ao dicionário cada vez que encontrava uma dúvida.*

1Venise- Você pode escrever aqui embaixo mesmo.

2Inform.- Em português?

3Venise- Em português.

4Inform.- Mas, eu posso corrigir?

5Venise- Pode, pode.

6Inform.- Rabiscar?

7Venise- Hum, hum...E você achou que é um poema, né isso?

8Inform.- Só pela forma de apresentação, né? Já vi que é coisa de mulher, não é? **9**(*Questiona em português*) Nós damos a vida? (*Lê em francês todo o texto e reage*)... **10**ou nós damos a vida... ou a gente dá a vida. Amadurecemos mais rapidamente... Nós **11**damos a vida.... Essa é uma das dúvidas que eu tenho: não sei se em francês o sujeito **12**oculto é a mesma coisa...Amadurecemos mais rápido... (*leitura em francês*).... A **13**gente é mais madura ponto final...(*leitura em francês*)...Nós damos a vida, **14**amadurecemos mais rápido... Somos mais maduras...Somos mais maduras ponto **15**final... será que fala assim em português? Somos mais maduras ponto final...(*leitura 16em francês*)... (*Muita indecisão... Pesquisa no dicionário.*)
...

17Inform.- “*On fait*”...não tem nada a ver...ah! lamento, pranto, queixa ou lamento, **18**queixume, recriminação..... a gente reclama menos quando estamos doentes?...(**19** *lendo o texto*)... Não entendi isso, não.... Lá, lá, lá, lá, lá. Vamos ver outra aqui....

20 **plante**... , lá, lá, lá... A gente se engana... lá, lá, lá... Plante... Aqui **plante avec e**... (21*balbucio*)... Acho que é isso aí...(Leitura em francês) ...reclamamos menos quando 22estamos doentes. Sabemos fazer muitas coisas ao mesmo tempo... Ah!...(Leitura em 23francês)... e assumimos cinco dias em um só....e assumimos cinco dias dentro de um 24só...(repetindo).... dentro de um só dia... Temos orgasmos mais compridos... mais 25longos... Temos orgasmos mais longos.. Fazemos nossas "**maisons ... des foyers**"...(26leitura em francês)...."**foyer**"... o que é "**foyer**"?...Vamos procurar o que é "**foyer**"... 27(Repetindo o texto)...nossas casas...de "**foyer**". O que é isso? ...Não estou entendendo 28isso aqui, não...(Releitura da frase em francês)...Fazemos de nossas casas... 29hum...nossas casas...nossas casas.... nossos homens....fazemos de nossas casas ... e de 30nossos homens... "**On ne fait pas la guerre... monde**". Nós somos mais numerosas... 31como vou explicar isso?.....nós somos...Nós somos mais numerosas... Nós somos 32mais numerosas... Nós somos mais numerosas no mundo. É...Vivemos mais tempo. 33Fizemos... "**Oui ... Nous savons**" alguma coisa..."**Nous savons**..."vamos embora. 34Naturalmente somos mais belas quando nuas. "**Qui s'était**"....Quem disse que é um 35mundo de homens?... Quem disse que este é um mundo de homens?...Aí:(leitura do 36texto)...performânticas e femininas... Será que isso é pra traduzir também? Então , eu 37vou...procurar agora. Audaciosas, "**racées, racée**" de raça?...Performântica, como é 38que fala isso em português, mesmo? casta (casta não é possível!)...O que é isto, 39gente???... Audaciosas, de raça, que estranho...mulher de raça ? (Busca pela melhor 40maneira). Quem fala que a mulher é de raça.... Esse negócio de performântica, vou 41procurar isso aqui. Pronto, vamos mudar aqui- audaciosa, performântica.Existe em 42português?(leitura em francês: Robert) Então, ela pode ser: audaciosa, como 43poderia... ah, vou botar- distinta... vou botar distinta, acho que combina, fica elegante. 44Mas esse negócio de performântica, acho que estou inventando. Não sei se existe em 45português... Não achei em dicionário nenhum.... Aqui tem duas palavras que eu ainda 46não fiz. Vamos ver: nós damos... doentes. Nem sempre será...SURPRESA.. Ah, é 47mesmo!!! Entendi. Os homens reclamam muito! Ô, reclamamos menos... Como está 48escrito aqui: "**On se plaint moins**" Eu pensei que era se atropelar... Então, é aqui. Na 49verdade reclamamos menos... Acho que não reclamamos, mas ali está... Sabemos 50fazer muitas coisas ao mesmo tempo. (leitura em francês)... Na verdade, somos 51capazes, né? Mas ali está "sabemos" Mas acho que vou por "somos capazes" 52como opção. (Passa a escrever e a traduzir em voz alta, ao mesmo tempo) Somos 53capazes de fazer... Somos capazes ... E assumimos cinco dias em um só dia...Isso está 54meio ao pé da letra... Muito feio...cinco dias dentro de um só dia.Temos 55orgasmos...Fazemos de nossas casas nossos lares. Estou meio chutando aqui. E de 56nossos homens.....não fazemos guerra.....nós

somos mais numerosas no mundo... Vivemos mais tempo. Sim, nós sabemos (*Dicionário*) nos preservar... E naturalmente somos mais belas quando nuas... Quem disse que é um mundo de homens?... Agora esse *"c'était"* aqui... Hum, meu Deus, será que é passado? *"Qui a dit?..."* quem é que disse?... *"qui c'était un monde... c'était"* é do verbo *"être"*... *"j'étais"*, não... *"j'étais, tu... Il"*... Não sei nada disso... *"Qui dit"...* (*Repete em português*) Audaciosa, distinta, performântica... Engraçado, se não existir esta palavra em português, foi inventada agora)...

64 **Venise**- Prontinho?

65 **Inform.**- Prontinho!

66 **Venise**- Tá. Só me fala uma coisa: você, a primeira vez você pegou o texto, quando eu te entreguei, o que você fez? Você pegou o texto, leu, começou a traduzir, o que você fez?

69 **Inform.**- Não. Eu já li em francês direto.

70 **Venise**- Leu direto. E quando você passava nessa lida por alguma palavra que você não conhecia, você continuou. Sua cabeça não deu um ... tropeço?

72 **Inform.**- É... Eu não sabia o que era e passei adiante. Eu não liguei, não.

73 **Venise**- E a segunda leitura já foi a tradução?

74 **Inform.**- É, a segunda leitura já foi a tradução e, aí, fui traduzindo, aí eu tentei, parei e fui parando para entender as palavras que eu não sabia.

76 **Venise**- Aí procurou no dicionário?

77 **Inform.**- Procurei no dicionário e cheguei no fim. Mesmo assim eu fiquei em dúvidas de algumas palavras e aí eu fui ler em português para ver se o texto estava com harmonia.

80 **Venise**- Está satisfeita?

81 **Inform.**- Estou. Mas mesmo assim eu vou dar mais uma lida.

82 **Inform.**- Mas eu acho que está bom.

83 **Venise**- No segundo e último encontro, você vai encontrar esse texto com uma apresentação diferente. Aí você pode organizar de novo, se você quiser. Tá ótimo?

85 **Inform.**- Tá bom. Então, estou satisfeita.

Segundo Encontro

86Venise- Esse aqui foi de onde veio o texto, e, o texto é isso aqui.

87Inform.- “ **On donne la vie**” ... Ah, é uma publicidade... E eu falei que era...Ha, há, há, há, Ah, é! Marca de carro! Ah, eu sou burrinha mesmo!

89Venise- Agora, você vai reolhar aqui o que você fez, e, se você achar que precisa mudar, adaptar alguma coisa de acordo com a novidade, você fica à vontade.

91Inform.- Aí eu altero aqui mesmo?

92Venise- Você pode alterar aí.

93Inform.- Então, tá. Então, “**alors, on y va**”. “**On donne la vie SAM; audacieuse, performante, feminine**” Oh! O negócio é o carro!

(Tendeu a olhar toda a página. - Leitura do texto em francês, em voz alta)

95“**On se plaint moins quand on malade**” Ah, aqui eu vou mudar...(Continua a 96leitura em francês, em voz alta)

97“ **On a des orgasmes plus longs**”. Ça c’est vraiment apelando. Fala sério!...(Leitura, olhando Francês- Português) “ **Et des nos hommes de petits garçons**” . E de nossos homens, meninos.Eu acho que aqui eles querem dizer o que eles querem dos homens.(Leitura em francês/ português) “**Et, oui, nous sommes plus belles nues**” 101E naturalmente, somos mais belas nuas...Ah, muito metafórico, isso aqui! SAM: 102audaciosa, ...Ah, e agora, como é que eu vou fazer o negócio? Isso é tão metafórico, 103né?

104Venise- Eu quero só saber se você muda alguma coisa, se você faz alguma adaptação, correção...

106Inform.- (Relê o texto em francês): “ **On mûrit plus vite**” Là, je ne comprends pas 107pourquoi les voitures mûrissent plus vite... “ **Et on assume**” ... somos capazes... Eu 108acho

que é somos capazes, eu vou tirar isso aqui. E assumimos cinco dias dentro de 109um só. Isso aqui tá meio estranho.... E assumimos cinco dias em um só. Temos 110orgasmos mais longos. Isso aqui é realmente! Como é que eu vou botar isso pro 111carro? (*leitura*) Somos mais numerosas no mundo... vou tirar esse “nós”, talvez. (112*leitura em português até o fim do texto*)Ah, tá bom! Porque sinceramente agora eu 113fiquei meio assim...né? (*Não aprovou a tradução*).Pode desligar.

Comentário não registrado em fita, logo após terminar o trabalho:

Venise: Por que você não fez a mudança no slogan, se carro é masculino, em português?

Inform.: Ué, mas tava no feminino.

6-Conversaão

Primeiro Encontro

1**Venise-** O que é que você tá fazendo?

2**Inform.-** Eu tô dando uma olhada geral prá ver esse “**on**” aqui, como é que eu vou 3traduzir, o reflexivo, só isso.

4**Venise-** Tá.

5**Inform.-** ...porque é um poema, né?

6**Venise-** Tá. Eu não posso te dizer nada, tá? Vai traduzindo...

7**Inform.-** É mais difícil traduzir poesia.

8**Venise-** Você chegou a ler o texto todo ou tá indo frase por frase?

9**Inform.-** Não, frase por frase.

10**Venise-** Por que você não leu o texto todo?

11**Inform.-** Por que eu já vi que é uma espécie de... não é uma prosa. Eu não tenho que
12compreender. As frases falam por si. Igual a um texto de psicanálise, que eu teria que 13ler
um pouco mais, pra saber do que se trata. Não é um texto teórico, coisa assim.

14**Venise-** O que é que você está vendo aí?

15**Inform.-** “*A la fois*” eu vou ter que colocar ...eu escolhi uma tradução que a gente usa
16mais em português, apesar de não usar o “*fois*”, que é vez, eu preferi uma tradução 17que é
mais ... porque como não é um texto... não é poesia, não é uma coisa muito 18rígida,
entendeu, eu... é mais usual do que... é, não tem outro não, eu acho que não 19tem outro não.

20**Venise-** Você tá pensando aí, no lugar do “*assume*”, colocar outra coisa?

21**Inform.-** É porque não dá...em português... é... mas eu acho que a gente não usa...é, 22uma
opção minha. Isso é uma coisa que eu aprendi: quando a tradução não é literária, 23é mais
complicado, que eu aprendi até na Sorbonne que o tradutor tem que ter uma 24certa
liberdade se não a tradução não fica boa, fica muito ruim, então, você lê aquilo e 25perde-se
muito do texto.

26**Venise-** Você já fez curso de tradução?

27**Inform.-** Nunca fiz o curso, mas como eu já traduzi muitas coisas de psicanálise e 28tive que
traduzir muita coisa pra amigos, pra alunos... e traduzo às vezes pra publicar 29e tal aí eu
aprendi com pessoas que estudaram tradução na Sorbonne, eram franceses, 30franceses
mesmo. Então me ensinaram algumas coisas...então, por exemplo, esse tipo 31de texto que
não é nem um pouco literário, não é? Que parece uma coisa de revista, 32né, então cê tem
que ter uma liberdade, né?

33**Venise-** Então, vem cá. Por que você acha que isso é um texto que parece ser de 34revista?

35**Inform.-** Por causa da figura... Não é habitual um texto mais...mais... como é que eu 36vou
te falar...ou de livros mais populares. Não é erudito, não tem erudição. Pelo texto. 37Primeiro
porque não se usaria “*on*”, pelo texto, pelas palavras.

38**Venise-** Pode continuar, depois eu te pergunto

39**Inform.-** Vou sair da terceira pessoa do singular para a primeira do plural.

40**Venise-** Agarrou no “*garer*” ? (*dicionário francês-francês*)

41**Inform.**- Têm muitos sentidos o “*garer*”. Nesse caso aqui, como eu não sei o sentido
42desse SEAT ALTEA MAJORCA, eu não sei o que que é isso, é um carro? Eu não 43sei, né? Isso
eu não sei traduzir. Isso é o nome de alguma coisa. Aqui é audaciosa... 44Eu fui procurar uma
palavra no dicionário e escolhi “nos proteger” porque eu não sei, 45achei que é mais...parece
alguma coisa mais feminista: audaciosa, raçuda. Sei lá o que 46é “*racée*”. Umas palavras
modernosas demais, por isso você vê que não tem nenhuma 47erudição! Acho que é um carro,
isso aqui, porque tem um carro que chama SEAT, um 48carro espanhol. Achei estranho,
porque não é um carro francês. Aqui não vai ter 49“*racée*”, não, deixa eu ver aqui.
Elegante, sei lá. Elegante. Fini. Pronto.

50**Venise**- Acabou? Cê vai me entregar?

51**Inform.**- Hum, hum! Agora talvez, depois que eu li tudo, eu talvez mudasse pro 52“*damos*”.
Dá no mesmo, ficaria mais bonito, porque como aqui depois eles mesmos, 53usaram a
segunda do plural ...Se fosse minha tradução...

54**Venise**- Mas a tradução é sua! Então você...

55**Inform.**- Então eu acho que eu mudaria. Pro português ficaria melhor.Tudo em 56primeira
pessoa do plural.

57**Venise**- Só isso que você mudaria? Mas você não releu.*(Mas estava relendo, adaptando as
coisas)*

58**Inform.**- É eu mudaria, sim. Porque aqui ela tá falando dela como mulher. Então 59aqui, vai
ter que mudar, sim. Aí é só mudar se tiver alguma concordância. *(relendo em português, sua
tradução)*

60**Venise**- Agora me fala uma coisa, quando você pegou o texto , você disse que tava
61lendo... uma poesia. O Que é que você fez?

62**Inform.**- Eu achei que era uma poesia pela disposição dela, me parecia em verso, 63depois
eu vi que não é, por quê? Porque não tem erudição, pra ser poesia tem que 64ter...

65**Venise**- Não pode ser uma poesia moderna, por exemplo?

66**Inform.**- Mesmo a poesia moderna tem uma erudição, ela tem um tratamento 67diferente.

68**Venise**- Tá, e em seguida você achou que fosse uma publicidade.

69**Inform.**- Eu acho que é uma publicidade por causa desse SEAT, se não me engano é 70um carro. Um carro espanhol. E aqui parece que sim porque ele fala de Majorca, né?

71**Venise**- Tá bom. E... quando você pegou esse texto, antes de ler, você observou 72alguma coisa ou não?

73**Inform.**- A primeira coisa que me chamou a atenção é que ele tinha essa repetição (74“**on**”)...Primeiro eu achei que era um poema aí eu vi que não, pelas palavras que não 75são...

76**Venise**- Sim ,mas se a gente não falar de palavras e ficar em termos de visual.

77**Inform.**- A primeira coisa que eu pensei é que fosse poesia, tanto é que a primeira 78coisa que eu fiz foi ir lá embaixo e ver qual era o nome do autor.

79**Venise**- Você procurou o nome do autor?

80**Inform.**- Evidente, porque aí, com o nome do autor, porque eu já li muito, eu saberia 81mais ou menos do que se tratava, se fosse Baudelaire, se fosse um poema mais 82moderno...um poeta mais contemporâneo...

83**Venise**- E você então procurou só o nome do autor ou procurou mais alguma outra 84coisa?

85**Inform.**- Eu procurei o nome do autor, porque mesmo que fosse prosa, poderia ser o 86trecho de uma prosa, um escritor... bom.

87**Venise**- Então você procurou uma referência em relação ao texto?

88**Inform.**- Procurei uma referência em relação ao texto, se era de alguém que eu 89conhecesse...mesmo que fosse de um filósofo...Procurei alguém de quem é o texto, aí 90quando eu não achei, eu pensei, bem então deve ser publicitário, ou de revista, e 91também não deve ser uma matéria muito importante, porque senão teria o nome do 92jornalista...

93**Venise**- Você disse que não mudaria nada, aí de repente, quando você começou a ler, 94quando você estava mais ou menos aqui embaixo, você se deu conta de que ela estava 95falando dela como mulher.

96**Inform.**- Foi no “numerosas”. E aqui ela não fala mais no impessoal: “**nous 97sommes, nous savons...**”

98**Venise-** E outra coisa: você mudou umas coisinhas, você dizia “Ah, isso fica melhor” 99fica melhor pro português, é isso? É o que soa melhor em português?

100**Inform.-** É pra dar sentido mesmo. Aqui até poderia ficar “assumimos”. Se eu tivesse 101deixado de cara na segunda pessoa do plural eu tinha deixado, mas “assume-se” fica 102horrível, então eu mudei. Agora até que eu deixaria assim “assumimos” porque aí 103ficaria bom.

104**Venise-** Tá, mas agora não tem problema isso não. Mas você só viu que se tratava 105de um texto de uma mulher falando dela aqui em baixo?

106**Inform.-** É nessa frase aqui: “*Nous savons*”. Esse “*nous*” é onde ela se inclui.

107**Venise-** Brigada.

Segundo Encontro

108**Venise-** Foi daqui que foi extraído o texto...

109**Inform.-** Hum, hum

110**Venise-** E aqui é o original. Então você vê se muda alguma coisa.

111**Inform.-** Só aqui, oh.

112**Venise-** Pronto, nada mais? Nem sabendo que é um carro...

113**Inform.-** Eu já imaginei que é um carro: o SEAT. Que é um carro espanhol.

114**Venise-** Então do jeito que tá fica tudo igual?

115**Inform.-** Tá, fica tudo igual.

116**Venise-** Tá bom, obrigada. Mas aqui é referente a um carro, deveria mudar.

117**Inform.-** Mas é porque tá no feminino...

118**Venise-** Mas carro em francês é feminino, Deveria fazer a adequação para o 119masculino!

120**Inform.-**Ah...!!!

7-Tradutora Profissional

Primeiro Encontro

1Venise- Oh... Esse é o texto. Você vai fazer a tradução conforme você achar que 2deve... Que ficar melhor adequado...e tudo que você pensar, procurar, não achar, tiver 3dúvida... Todo seu de raciocínio, você vai falar para mim. O que que você está fazendo 4agora?

5Inform.- Estou em primeiro lugar lendo o texto. Estou vendo o principal tema... Quando o 6texto é curto assim eu leio de uma vez, mas quando o texto é longo, por exemplo, se é um 7trabalho de editora eu leio assim: um parágrafo, traduzo, leio outro, traduzo. Às vezes vou 8até direto. Quando é muito fácil já vou traduzindo, de repente páro “peraí ai... Cometi um 9erro.” eu tomei que por outro sentido, aí eu volto, mas aí o computador facilitou a tradução, 10né?

11Venise- É mais fácil de errar.

12Inform.--Agora quando é uma coisa pra fazer com calma eu prefiro ler parte por parte...

13Venise- A minha presença não vai te incomodar não, tá? Você fica ai, à vontade

14Inform.- -Pode falar.

15Venise- Você que vai falar. Eu quero que você fale tudo.

16Inform.- Você quer que eu traduza aqui, agora por escrito ou...

17Venise- Eu quero que você traduza por escrito e o que for passando na sua cabeça.

18Inform.- Eu Prefiro traduzir “*On*” como “a gente”...O que eu percebi pelo texto aqui é que 19é uma coisa geral. “*On donne la vie*”... Dá-se a vida... porque usou um pronome 20apassivador aí, ou impessoal...Usar o pronome impessoal é pra mim... Eu prefiro traduzir 21“*On*”, nesse caso aqui, eu prefiro... Prefiro traduzir “A gente” porque a gente faz parte 22desse processo. Todo esse processo citado aqui.

23Venise- A gente quem?

24**Inform.-** Nós... As pessoas que estão lendo, que estão ouvindo... A humanidade de um
25modo geral. Então o que exprime pra mim isso no português é “a gente”. Então “A gente dá
26a vida.” “A gente amadurece mais cedo” “A gente fica mais madura. Ponto final”. “A gente
27se queixa menos quando está doente.”. “A gente sabe fazer muitas coisas ao mesmo
28tempo.”. “E assume...”. Ai eu prefiro cortar esse “**On**” pra num ficar muito repetido “E
29assume... cinco dias... num só.”. “A gente tem orgasmos mais longos.”. “A gente faz de
30nossas...”, “Transforma nossas casas em lares.”. “E nosso homens em meninos.”. Também
31poderíamos traduzir como “nós”, mas como não tem o “*Nous*” aqui, usa o “**On**” eu prefiro
32manter o impessoal. “A gente não faz guerra.” ou “A gente não guerreia.”. Nós vamos
33seguir a tendência moderna de dizer “A gente não faz guerra”. “A gente é mais...” Ahnn.
34Agora aqui é “ **On est plus nombreuses**”... No plural. Eu acho que é feminino... Plural
35feminino. Porque tá falando de mulher. “ **on est plus nombreuses dans le monde**” . Então
36aqui eu teria que mudar para “Somos mais numerosas no mundo”.

37**Venise-** Olha pra mim não... Olha por texto.

38**Inform.-** É costume de...

39**Venise-** Hum, hum. Finge que eu não tô aqui.

40**Inform.-** “E vivemos um tempo mais longo”. “Sim sabemos nos...**garer**” eu não sei o que
41que é. Deixa eu dar uma olhada no “**garer**” (*dicionários*) “E sabemos nos preservar
42melhor”. “E Sim...”. Aqui eu diria “É claro, somos os nus mais belos”. “Quem disse que
43esse mundo é de homens?”. Quem não... “Quem disse que era um mundo de homens?”.
44Agora ficou numa incoerência porque o francês usa o “**On**” em todos os casos. Aqui eu
45comecei dizendo “A gente”...Quer dizer.. Pode se referir tanto ao homem quanto à mulher.
46Mas de repente a gente percebe que é uma mulher que está falando “ **On est plus**
47**nombreuses**”. No plural “**on vit plus longtemps**”. Que a mulher vive mais que o homem.
48“**Oui nous savons nous garer. Nous sommes plus belle nues.**” Somos mais belas nuas...
49Esse texto é para a mulher. Ah! Deixa eu olhar pra você, eu não estou...

50**Venise-** É que se você me olha eu tenho vontade de interagir e eu não posso.

51**Inform.-** Agora, aqui que eu fico na... Eu acho que a gente deveria manter o impessoal no
52princípio porque... Ela. Bom, na primeira frase a gente já vê que é uma mulher que está
53falando. “ **On donne la vie**”. Mas eu só pensei nisso quando li mais pra cá porque o homem
54também, ao modo dele, dá a vida. Não é só a mulher. Ela vai dar a vida sem o homem?!
55“**On donne la vie, on mûrit plus vite**”: claro que a mulher amadurece mais depressa. “ **On**

56est *plus mature, point final*. “È mais madura ponto final”. Então ela tá citando aqui
57características femininas, mas falando de modo geral. Agora quando... Quando fala “ **on**
58*fait de nos maisons des foyers*”. “Transformamos nossas casas em lares e nossos homens
59em meninos”, aí mostra realmente que está falando de mulheres (*Silêncio*); Mas o francês...

60Então aqui tem uma dificuldade de tradução porque ou mantém o impessoal o tempo todo
61ou faz tudo na primeira pessoa do plural ou então começa em “ **On**” e... Começo com o
62impessoal e passa depois para o pessoal.

63**Venise**- Você faz a sua escolha

64**Inform.**- Eu preferia fazer onde ela fez essa curvinha aqui, fazer a mudança do pronome

65**Venise**- Então pode... A tradução é sua.

66**Inform.**- Pois é. Eu preferia então. Porque...é...(*silêncio*). Eu prefiro. Eu não posso falar “
67**On**”, “A gente somos mais numerosas no mundo.” Isso não é bom português. “A gente
68vive...”. Eu posso traduzir tudo como “A gente”... Menos essa frase. Essa aqui não dá... ” A
69gente é mais numerosa no mundo.”? “A gente é um grupo mais numeroso”? Aí eu ia mexer
70muito no verso. (*Silêncio*). Não, mas eu acho que seu eu puser “A gente é mais
71numerosa...”, dá pra manter. Então vamos ver: “A gente dá a vida.”, “A gente amadurece
72mais cedo.”. Eu acho que esse “A gente” é muito expressivo, sabe? Invés de usar o “Nós”,
73por exemplo, “A gente é mais madura. Ponto final.”, “A gente se queixa menos quando está
74doente.”, “A gente sabe fazer muitas coisas ao mesmo tempo.”, “E a gente assume cinco
75dias em um só”. Deixa eu ver se eu acho a mesma coisa...Estou MUITO desconfiada com
76esses falso-cognatos. Palavra que parece são as que eu mais procuro no dicionário.
77Principalmente do inglês para o português, porque as palavras em inglês geralmente têm
78significados diferentes, um pouquinho diferente do nosso ou muito diferente, mas nunca é
79igual. O tradutor tem que ter 2 coisas: bagagem e...malícia. Porque sem malícia elas
80enganam a gente, as palavras. Então, podemos dizer: “ Assumimos 5 dias em um só.”. “ A
81gente tem orgasmos mais longos”, “ A gente transforma..” “ **fait de, faire de**”, eu é que
82traduzo como transformar. “ Transformamos nossas casas em lares” ou “ Fazemos de
83nossas casas lares”? Não, eu prefiro “ Transformamos nossas casas em lares”. “ Mudamos
84nossas casas em lares” fica mais curtinho e o ritmo fica até melhor. “ A gente muda nossas
85casas em lares”. “ A gente muda a casa em lar” também pode ser feito no feminino, se
86quiser. E aí, está falando, a casa de uma mulher, a casa de outra, a casa de outra. Você pode
87usar isso no singular. “ E nossos homens... E nosso homem... em garoto.” Não! Então

88vamos deixar... qual foi mesmo a palavra que eu usei...? Transformamos... Mudamos.
89“Mudamos nossas casas em lares e nossos homens em meninos.” “ A gente muda nossas
90casas em lares e nossos homens em meninos.” “ A gente não faz a guerra”. “ A gente é
91mais numerosa no mundo”. Olha, ficava um recurso poético bom: “ A gente é mais
92numerosa no mundo.” Dá, dá pra entender: As mulheres são mais numerosas. “ A gente é
93mais numerosa”. No meu modo de pensar, como poeta, porque eu escrevo poesia, também,
94e traduzo poesia, que não é brincadeira, você me trouxe justamente a coisa que eu gosto de
95fazer. Então, eu, eu pus: “ A gente é...” “ A gente é mais numerosa no mundo.” “ A gente
96vive...” “ A gente vive mais”. “**Plus longtemps**” é tão bonitinho que eu não vou deixar “ A
97gente vive mais” , mas “A gente vive mais tempo”. Eu procuro fazer assim: Como se fala
98em português? Como é que eu falo? A gente vive mais tempo ou a gente vive mais? A
99gente vive um tempo mais longo ou a gente vive mais? A gente fala, a gente vive mais, ou,
100a gente vive mais tempo.

101**Venise-** Você falou aqui que você gosta de traduzir poesia e que você acha que isso é uma
102poesia?

Parecer surpreso!!!

103**Venise-** Não, eu não tô dizendo que não é poesia...

104**Inform.-** Pelo menos, eu tô sentindo como uma poesia. Pode não ser, mas eu tô sentido...
105O modo como ela escreveu, parece. “ Sim, a gente sabe se guardar, se preservar.” Guardar
106fica mais curtinho. “A gente sabe se guardar.” “ E, é claro...” Eu vou transformar esse
107“**oui**”, em: “ E é claro, a gente é o nu mais belo.” Vou manter também no singular, aí fica
108tudo coerente. ‘ Quem disse que é um mundo de homens?’ ou “ que o mundo era de
109homens?’ Eu prefiro assim: “ Quem disse que o mundo era de homens?’ Não é? É “**des**
110**hommes**” que ela fala, senão eu traduziria: dos homens! Mas é “**d’hommes**”: um mundo
111de homens. “ **Audacieuse, racée, performante, féminine**”. Audaciosa, “**racée**”... não vou
112traduzir como racista, não. Uma vez eu... traduzem assim, que eu vou te falar, a gente vê
113muita coisa... textos sérios que foi traduzido sem olhar no dicionário. Dá pra perceber que
114o tradutor ou teve pressa, ou teve preguiça.

115**Venise-** A própria forma do texto sugere uma poesia, né?

116**Inform.-** Sugere, e o conteúdo também. “*Racée*”, não tem não. Duvido que esse aqui
117tenha, esse aqui é mais antigo. ... “ *Une femme racée*”... elegante, então. Naturalmente
118elegante.” *Qui a une distinction, une élégance naturelle*”. Então, elegante.

119 “*Performante*”. Será ativista? Vamos conferir. Ah! porque todo mundo usa performante,
120performance...desempenho. Então o meu raciocínio é assim: ativista, então vamos
121conferir. Vamos ver nesse... Ah, tem: “ *Dans le niveau de la performance, très élevé, un*
122*directeur de ventes très performant...*” eu diria então que seria “ativo”. Uma pessoa ativa,
123ativista, “*performante*”. Uma pessoa que produz bem, (*volta ao dicionário*)...atuante,
124atuante.

125**Venise-** Olha só, depois, no segundo encontro, você vai ter um novo acesso ao texto, à sua
126tradução, num contexto diferente, aí... quando você for escrever, se tiver alguma coisa que
127você não gostou, deixa sublinhado e talvez, na próxima vez você queira mudar aquela
128história, aquela palavra, ou não. Não é definitivo, hoje, tá?

129**Inform.-** Eu não tenho que escrever nada?

130**Venise-** Não, hoje, tem. Você tem que escrever e me entregar. Mas não vai ser essa, a sua
final.

131**Inform.-** Tá.

(*consultou todos os dicionários disponíveis*)

132**Inform.-** É como eu tinha falado: “ A gente se queixa menos quando está doente”. “ A
133gente se queixa menos quando adocece ” . “ A gente transforma a casa em lar” depois, “ A
134gente muda a casa em lar” e quando eu fui escrever eu escrevi: “ A gente faz da casa um
135lar”.

136**Venise-** Por quê? Sou como mais...

137**Inform.-** Tem o mesmo sentido. Veio instintivamente. Acontece muito, eu tô traduzindo
138uma coisa, quando vou escrever, vem outra coisa. È isso que eu falei, eu procuro melhorar
139a redação, pra não ficar presa naquela sintaxe. “ A gente faz da casa um lar”, “ e dos
140homens...” aqui eu vou por uma vírgula: “ E dos homens, meninos.” “ *Petits garçons...*”
141eu não sei se ponho menino ou menininho. Uns meninos. ...

(*problema no “ *performante*”, consultando o dicionário*)

142**Inform.**- Ativista ainda poderia ser... eu vou pôr aqui entre aspas... depois eu mudo.

143**Venise**- Acabou.

144**Inform.**- Acabei.

145**Venise**- Posso ir embora com ele assim?

146**Inform.**- Pode.

147**Venise**- Tem certeza?

148**Inform.**- Tenho.

149**Venise**- Não, relê, por favor...

150**Inform.**- Ah, é!!!! Desculpa. ... “ *performante*” ... é uma pena que a palavra me escapou...

151**Venise**- Não, mas a gente vai ter um outro encontro...

152**Inform.**- Pronto. Acabou. Mexi em algumas coisas, aqui...

153**Venise**- Então, porque que você mexeu?

154**Inform.**- Por que...

155**Venise**- Não, antes, porque você ia me entregar sem reler?

156**Inform.**- Não sei, descuido. Eu sempre releio.

157**Venise**- Tá. E aí você mexeu...

158**Inform.**- Mexi porque eu achei melhor. Aqui, oh: A gente tem orgasmos mais longos, a

159gente tem orgasmos mais demorados! Fica muito melhor!!! E aqui eu andei corrigindo

160coisa que tava mal feita... “ Dá a vida.” A gente não dá a vida, a gente dá vida. Aqui,

161“somos”, eu substitui por “a gente”, eu botei aqui no singular. Aqui também foi correção

162de coisa mal feita.

163**Venise**- Tá, então vamos recapitular. Você pegou o texto e a primeira coisa que você 164fez

com o texto na mão foi ler o texto inteirinho? Aí você chegou a procurar alguma 165coisa no

texto, você sentiu falta...sentiu excesso de algumas outras coisas...

166**Inform.-** Não!!! Eu achei que o texto estava muito econômico, digamos assim, muito
167enxuto. Só tinha o necessário.

168**Venise-** Então tá legal! Não teve nada de mais e nada de menos. E fora do texto? Você
169sentiu falta de alguma coisa?

170**Inform.-** Fora? Do título.

171**Venise-** Você sentiu falta ou agora que eu tô te perguntando que você se deu conta?

172**Inform.-** Eu me dei conta antes. Será que isso não tem título? Pensei, né?

173**Venise-** Fora o título...?

174**Inform.-** É, não senti nada: tem autora, tem referência... Esse MAJORCA é o nome dela
175ou de onde ela é? Não pode falar? Eu queria saber, eu queria ter mais referência sobre ela.

176**Venise-** E você quis isso durante ou agora?

177**Inform.-** Ah, foi durante, durante o texto, quando eu fui por o nome dela, se é que isso é o
178nome dela, por que esse seat, SEAT.!!! ALTEA... esse MAJORCA... Não fala de onde ela
179é, não fala a idade...

180**Venise-** Não tem referência nenhuma.

181**Inform.-** Não fala a profissão. Ela pode ser jornalista , ela pode ser escritora...

182**Venise-** E isso modificaria alguma coisa na tradução?

183**Inform.-** Não. Não, porque aí ela escreveu como poeta. Para mim.

184**Venise-** Essas informações que você tá dizendo aí, que gostaria de ter tido, influenciariam
185em quê?

186**Inform.-** Nada. Só pr'eu saber quem é ela. Apenas isso. Curiosidade de saber quem é a
187pessoa.

188O texto, pra mim, ele foi bem claro, agora eu gostaria de saber quem escreveu esse texto.

189**Venise-** Pode desligar?

190**Inform.-** Pode!

Segundo Encontro

191**Venise**.- Aqui está a fonte do texto que você traduziu e aqui está o texto.

192**Inform**.- Huummmmm!!!!Eu descobri o tal do “**performante**”. A Anna me ajudou na hora. É “competitiva”.

Venise- Então vamos ver se você adequa isso aqui. Você vê se faz diferença conhecer tudo, se muda alguma coisa, se a apresentação do contexto vai modificar alguma coisa pra você.

(relendo em português sua tradução e conjecturando)

193**Inform**.- “A gente muda... transforma”. A gente muda a casa em lar dá a idéia de mudar
194de casa... Então vamos deixar “a gente faz da casa um lar.” “e dos homens uns meninos”
195Apesar do artigo está definido, eu usei indefinido... o francês usa obrigatoriamente, mas
196eu ... *(leitura em português)* Eu tô querendo mexer nessa “ mais numerosa no mundo” ...
197a gente é em número maior no mundo... esse numerosa aqui não soou bem não, fica
198alguma coisa incompleta. *(leitura em português)* “e que o mundo era de homens...” É
199mais fácil pensar “ e que o mundo era dos homens” Vou seguir o original “ Quem disse
200que se tratava de um mundo de homens?”, ficou melhor. Então a palavra ativista é
201competitiva. *(encerra mas relê sua tradução)*

202**Venise**- Nesse xerox aqui, eu tirei o carro, então tá. Então a realidade é essa... Aqui fica
203um pouquinho deturpada e então fica desse jeito mesmo, né isso?

204**Inform**.- Agora esse SEAT ALTEA MAJORCA é o nome do carro, eu tô vendo aqui 205agora.

206**Venise**- E aí, isso “alteia” alguma coisa?

207**Inform**.- Então pra carro, acho que seria: audacioso, elegante, competitivo. Feminino.
208Você disse que ia ter uma surpresa. A surpresa era o carro. O carro mudou tudo aqui.
209Agora isso aqui (o texto) se refere à mulher, porque o carro não dá vida, pelo contrário!!!
210Então isso tudo aqui fala da mulher... Tá comparando a mulher, dizendo ... é uma
211propaganda para um carro feminino. Você olha bem as linhas dele. Seat... eu vi que isso
212aquí não era nome de gente, não é nome de gente... é um carro direcionado pra

mulheres... 213“ E quem disse que se tratava de um mundo de homens...” E quem disse que ...” eu acho 214que vou colocar aqui “... um mundo só de homens...” tá me pedindo!!! Porque em francês 215pode não precisar mas em português... como “uns meninos..” (*pensando em português*) 216Ah, mas perai... em italiano carro é feminino e em francês eu não sei...

217**Venise-** Também.

218**Inform.-** “*L’automobile*”?

219**Venise-** “*La voiture*”.

220**Inform.-** Mas em português tem que ficar no masculino. Tradução de propaganda, você às 221vezes esbarra em cada dificuldade, porque tem trocadilhos, tem mensagens subliminares, 222tem meias palavras...então cê tem que tomar um cuidado com os duplos sentidos...

223**Venise-** Então você acha que em português tem que ficar no masculino?

224**Inform.-** Fatalmente. Então “ Um carro audacioso,elegante, competitivo” Isso aqui é uma 225explicitação, que eu tô fazendo. Ponto. Esse ponto aqui é importante demais. Eu fiquei 226pensando, por que que... e para o português é mais importante ainda.*(revendo léxico em português)*

227**Inform.-** Pronto

228**Venise-** Muito obrigada!!!

8-Tradutora Profissional

Primeiro Encontro

1**Venise-** Esse aqui é o texto. Você tem dicionários à sua disposição E... vamos lá. Boa sorte!

2**Inform.-** E pode começar traduzindo?

3Venise- Pode começar traduzindo. Se você quiser fazer alguma pergunta pra mim, a respeito de 4alguma coisa que você sentir falta, necessidade... fica à vontade.

5Inform.- Então eu vou ler ele todo, né? Deixa eu ler ele todo primeiro. É um elogio às 6mulheres, né? (*leitura em português, traduzindo escrevendo.*).... Uma coisa que eu faço, é... eu 7não vou ao dicionário, não. Eu traduzo e deixo em branco as parte que me dão problema, depois 8que eu vou, porque assim eu apreendo o sentido antes e depois. (*Continua a tradução falando 9alto em português*). Eu tenho que traduzir de maneira mesmo... é... preocupada com o resultado, 10né?

11Venise- Hum, hum!!!

12Inform.- Ah, tá! Então, peraí. Porque aí, depois que eu faço, aí eu vou corrigir pra ver se tem 13um “e” a mais, tá?

14Venise- Faz do jeito que você faz.

15Inform.- Porque aí o “assumimos” eu já vou trocar, porque não é muito português. Eu vou 16colocar ao invés de “assumimos”, “ E vivemos 5 dias em 1 só”. Tá . (*tradução em voz alta, 17em português*) “ de nossas casas lares”, “De nossos...” Eu não gosto de repetir o “e”, eu 18sempre modifico, porque se você vai fazer em forma de poema eu costumo modificar muito, 19entendeu? Deixa o mesmo sentido, mas eu tento que ele fique poético, bonito ao ouvir na 20língua da gente, então eu tiro esses “e”. “Não fazemos a guerra”, vou pensar se vai ter o “a”. 21“Não fazemos guerra” (*leitura e tradução em português*). “Vivemos mais tempo” aí tá “mais 22longamente”. “ Sim, sabemos nos proteger”. Vou pensar!!! ... ‘ Sim,...”

23Venise- Você mudou aí por quê?

24Inform.- Porque eu tô com vontade de trocar o “Sim” por “ É verdade”, 25mas eu sempre fico preocupada em fugir, porque eu quero sempre ficar próxima do texto, pra 26não trair lá o poeta... lá quem fez, mas ao mesmo tempo fica me coçando aquela vontade de 27botar o que eu acho mais bonito, o que vai ficar melhor em português, né? Eu vou riscar aqui, 28e talvez eu coloque: “ É verdade, somos mais belas nuas.” Porque fica mais bonito do que 29“Sim somos mais belas nuas” ou “Sim, somos mais belas nuas” porque já teve um “ Sim”, 30aqui, então eu colocaria “ É verdade..” Porque isso aí, tudo, eu falo com as duas opções ou 31três, deixo na minha gaveta e no dia seguinte ou 2 dias depois eu já sei direitinho qual é o que 32eu devo pôr, cê entendeu? Mas não vai significar, não,

que até o final da tradução vai ficar 33aquela, não, porque depois da tradução eu costumo voltar à primeira, mas eu sempre dou esse 34tempo, entendeu? Poderia também: “ É verdade que somos mais belas nuas”, também vou 35definir. (*final da tradução em voz alta, e em português*) Tá. Aí é assim que eu faço. Esse aqui 36não precisa...

37**Venise-** Precisa, sim.

38**Inform.-** Depois eu vou ficar relendo em voz alta. AH, isso aqui...SEAT ALTEA MAJORCA, 39que que é isso, aqui? É o nome da autora...? Deixa eu pensar... Ah, é uma publicidade, né? 40Agora vou deixar assim, lógico, tal qual, com letra maiúscula, “SEAT ALTEA MAJORCA: 41audaciosa, “*racée*”, de raça, teria que ser, mas acontece que vai quebrar porque são só 42adjetivos, né? Vou deixar aqui. “*Performante...*”

43**Venise-** A gente vai ter um segundo encontro, tá, justamente pra você rever esses 44probleminhas.

45**Inform.-** “*Performante...*” esse “*performante*” tá dose. Esse “*performante*” eu iria pro 46dicionário. “*Performante*” e feminina. (*Dicionário*) Eu gosto muito do Ronai. “Capaz”. 47Vamos ver o “*racée*”. Raçudo, eu até pensei em raçuda, vou colocar porque... não é uma 48coisa... popular, não... Audaciosa, mas raçuda não é uma palavra bonita, eu sou muito 49preocupada em ficar bonito, porque olha, se eu colocar, audaciosa, capaz, raçuda e feminina, o 50raçuda quebra quem for ouvir, tem gente que nem sabe direito o que que é. Tá, eu vou mudar. 51Aí, qual é a minha conduta? Aí, eu pego o dicionário de sinônimos, em francês, pra poder 52escolher uma palavra. Assim que eu faço. Eu vou poder fazer isso, ou o quê que eu faço?

53**Venise-** Você vai poder, só que nesse próximo encontro eu vou te dizer... você terminou?

54**Inform.-** Não, porque aí eu teria que ver, eu tô tentando achar a palavra pra “*racée*”, eu teria 55que pegar o dicionário pra achar os sinônimos.

56**Venise-** Deixa pra próxima?

57**Inform.-** Cê que sabe.

58**Venise-** Tá. Então termina e me entrega como se eu tivesse indo embora pra ...usar isso aí.

59**Inform.-** Ah, não, então.... Eu tenho que terminar? Aí eu não ia terminar faltando, né?

60**Venise-** Não... terminar por hoje. Porque na próxima vez você vai rever, e aí eu vou te
61entregar o mesmo texto num outro contexto.

62**Inform.-** Ah, então, tá. Mas aí eu tenho que dar uma lida. Eu tenho tempo? Tem pressa?
Eu 63quero reler.

64**Venise-** Ih, não, não tem tempo estipulado, não. Pode reler o tempo que for necessário.

65**Inform.-** Porque eu não faço de uma vez, só, sem reler.

66**Venise-** Muito bem.

67**Inform.-** (*Leitura de seu texto pronto, em voz alta*) Eu sou assim, porque eu sou muito
68poética pra fazer minhas coisas. Eu já colocaria assim: “Doentes, lamentamos menos”, cê
69entendeu? Fico tentando sempre achar o mais bonito, mas corre muito o risco, às vezes,
da 70minha tradução tá mais bonita que o... coisa.... E é um questionamento que eu me
faço...cê 71entendeu?

72**Venise-** E você vê problema nisso?

73**Inform.-** Eu acho. Por exemplo, eu... eu sou audaciosa. Eu faço, já traduzi Murilo Mendes
pra 74suplemento literário e fica mais bonito, eu acho, mas o original às, vezes, não tá tão
bonito 75quanto aquela descoberta que eu fiz ali. Mas o que que me deixa fazer isso?
Porque em outros 76momentos o texto dele é mais bonito que a minha tradução, então eu
faço uma troca, uma 77compensação, então eu arrisco. Teve um poema do Murilo Mendes,
que por exemplo, eu tirei 78os sujeitos todos, eles não ficavam bonitos em português. Por
que que eu tô falando em Murilo 79Mendes, por que o Murilo Mendes escreveu em
francês.Ele tem na antologia dele uma grande 80parte de poemas em francês, aí eu fiz essa
audácia, tirei os sujeitos...mas aí, tava correndo o 81risco de em algumas partes ficar mais
bonito do que o poema que tava lá. Aí, cê se pergunta, 82meu Deus, que que cê tá fazendo?
Você pode reinventar, isso não é um defeito, mas ao mesmo 83tempo... teve gente que falou
assim “Nossa senhora, eu não gosto de Murilo Mendes, e esse 84poema seu tá lindo!” Quer
dizer, então eu tô sendo fiel, a quê?

85**Venise-** Pois é, tem até um questionamento da fidelidade aí no questionário.

86**Inform.-** Então eu vou continuar...vou colocar em dúvida essa aqui, porque pra ficar mais
87bonito eu colocaria “Doentes, lamentamos menos”. “Sabemos fazer várias coisas ao
mesmo 88tempo”, mas eu acho que vou optar como estava antes porque, tá bonito

“Doentes lamentamos 89menos” mas depois vem uma frase longa aqui, e não vai combinar “ Sabemos fazer várias 90coisas ao mesmo tempo” eu teria que continuar no mesmo ritmo “ Várias coisas, sabemos 91fazer.” e... não vai dar certo. ... (*leitura em português*)... “ Não fazemos a guerra” eu decidi 92por: a guerra. O termo é “fazer a guerra”, em português. Fazer a guerra... fazer guerra... Eu 93digo: não faça guerra em cima disso... Eu acho que vou tirar... “Não fazemos guerra.” (*leitura 94em português*) ... “ E é verdade, sabemos nos proteger.” E é verdade. Porque que eu botei o “e 95é verdade”? Porque eu botei “ Sim, sabemos nos proteger. É verdade, somos mais belas 96nuas.” Não deu liga. Olha, vou falar com o “ e é verdade” “ Sim, sabemos nos proteger e é 97verdade, somas mais belas nuas.” Cê não sente que fica mais bonito? E é pra criar o ritmo. 98OK, entregaria assim e faltaria a palavrinha “*racée*” pra procurar.

99**Venise-** Tá. Você sentiu falta de alguma coisa nessa apresentação?

100**Inform.-** Ele tá, assim, um pouco escura, né? Então, deixa eu ver se eu senti falta. Eu, pra 101mim, é uma publicidade, agora de quê... É isso aqui: SEAT ALTEA MAJORCA.

102**Venise-** É uma publicidade em função de quê, disso que tá aí embaixo?

103**Inform.-** É, em função disso. Isso aqui deve ser... sei lá. A marca de alguma coisa...

104**Venise-** Mas digamos assim, fora do texto, você sentiu falta de alguma informação? Ou não?

105**Inform.-** É uma mulher, então eu percebi que tava fazendo um elogio à mulher.

106**Venise-** A imagem ajudou em alguma coisa, ou não?

107**Inform.-** Não. A verdade é que se eu não visse a imagem desse texto eu ia saber que fala de 108mulher por causa das frases e dos adjetivos no feminino. E tem toda aquelas expressões 109consagradas que são próprias à mulher. Então, me fez falta sim, por exemplo, não que me fez 110falta, mas me deu curiosidade de saber se saiu de uma revista, que revista... também não 111precisa, se meu objetivo era só traduzir... Não tem autor, por isso me fez pensar numa 112publicidade, porque não é assinado por ninguém, teria que tá assinado.

113**Venise-** Mas isso você observou antes ou só agora, que eu te perguntei?

114**Inform.-** Não, porque você perguntou, mas no início eu olhei pra ver se tinha alguma 115assinatura, isso eu olhei.

116Venise. Merci beaucoup. Brigada mesmo!!!

Segundo Encontro

117Venise- Sua tradução!!! Agora você vai receber de onde ela veio e vai fazer as adaptações 118que achar necessárias, ou não.

119Inform.- Eu já imaginava que tinha vindo daqui! É uma publicidade! De carro!!!

120Venise- Então, diante dessa situação nova, você vê se precisa fazer algum tipo de adaptação 121ou não.

121Inform.- Vamos ver, né, porque é um carro. Quem é audacioso é o carro, não é a mulher. (123*leitura em francês, em voz alta*) Ah!!! Esse “**nous garer**” vai ter que ser mudado, né? Ele vai 124ser aqui, “Nós sabemos estacionar”, mas que feio, né? “**On vit plus longtemps. Oui, nous 125savons nous garer.**” Aqui vai ser ambíguo, né? Nós sabemos estacionar e nós sabemos nos 126proteger, nos guardar...”

127Venise- Talvez de propósito pra essa sensação.

128Inform.- É, mas pra nós não vai ter essa chance, né? Pois é, mas aqui vai ter uma perda 129grande. “ **Nous sommes plus belles nues. Qui a dit que c’était un monde d’hommes?**” ... 130Aqui esses adjetivos vão ter que se referir ao carro e à mulher, mas eu vou ter que ver os 131adjetivos que têm haver mais com o carro!!! Audaciosa, tudo bem. Que que eu tinha posto “ 132**performante**” , que eu fiquei na dúvida? É... capaz... , mas não vai ficar capaz, não. Tá muito 133fraco. E feminina. Feminina, tudo bem. “**Racée**”: de personalidade. Audaciosa, de 134personalidade. Isso o carro pode ter, cê pode falar que é um carro de personalidade. Audaciosa 135de personalidade... “ performante” é... “**Performante**” pro carro... O que eu diria, hein?? 136Teria que ser... Hummm!!! Tem que achar um dicionário.... Bom desempenho. Um carro que 137tem um bom desempenho. Mas aí a gente não vai deixar só os adjetivos, né? “Audaciosa, de 138personalidade...” Em português tem performante Tem performance.

139Venise- Faz muita diferença, o contexto dado por inteiro?

140**Inform.**- Lógico, nossa senhora!!!! Lógico que faz, senão você peca incrivelmente. Eu leio
141ele antes de começar, depois eu vou traduzir cada parágrafo...

142**Venise**- Você lê ele todo? Se for um livro?

143**Inform.**- Claro. Lógico, pra não correr risco. Mesmo quando é livro referencial...
Audaciosa. 144Que que eu falei que era “**racée**”? “ Audaciosa, de personalidade, de bom
desempenho. 145Feminina.” Pode ser uma opção, mas eu queria um adjetivo pra “
performante”. ... “**Racée**” 146poderia ser... é... o problema tá sendo esse aqui, porque eu
queria que ficasse adjetivo, igual 147esse aqui. Teria resultados notáveis... Podia ser boa
performance...

148**Venise**- Se fosse numa outra situação, você deixaria guardado, esqueceria um pouco,
149pensaria depois até descobrir, né isso?

150**Inform.**- Lógico. Mas eu teria que optar agora, né? Né isso que você tá falando?

151**Venise**- É, mas é porque cê tá batalhando tanto, eu teria um , não sei se vai te agradar.
Seria 152performática.

153**Inform.**- É, eu pensei nesse também, mas não sei... Então seria, preformática, de
154personalidade, performática. Feminina. Performática. Legal. Que mais?

155**Venise**- Só isso. Muda de caneta vermelha.

156**Inform.**- Deixa eu ler de novo. (*em francês*) É aqui ele tá querendo mesmo que você
pense 157que seja a mulher. Vai misturar com o carro. (*continua a leitura em francês*) Até
aqui não 158tem nada haver com o carro. (*continua a leitura em francês*). É, isso mesmo!!!
“Audaciosa, 159de personalidade, performática. Feminina.” (*Releitura em português*) É... só
lamentando a 160perda do “**garer**”, porque eu não tô vendo outra saída. Pode ser cuidar,
proteger, mas pode 161ser estacionar... Aqui tem um jogo de palavra que tá perdido, a
gente poderia tentar recuperá-162lo em outro lugar, achar um outro jogo de palavra pra
salvar esse aqui.

163**Venise**- Tá, mas isso foi percebido, né?

164**Inform.**- É o único, né?

165**Venise**- Pode ir?

166**Inform.** – Pode.

167**Venise**- Então, deixa eu te perguntar uma coisa. Por que que aqui, você manteve no
168feminino?

169**Inform.**- Ah!!!! É mesmo!!! Tem razão, tem razão, eu não tinha reparado!!! Oh!!!
170Terrível!!!!Audacioso!!!Gente!!! E feminina. É o carro, feminino em francês... Aí
complica...

171**Venise**- E vai mudar???

172**Inform.**- Não, vai ter que mudar, uai. Pois é, mas aí é que tá. Porque, se eu mudar...
173“Audacioso, de personalidade, performático. Feminino. ... Tá, tudo, bem!!!

174**Venise**- Se você repegasse mais tarde esse texto, você iria perceber, isso?

175**Inform.**- Veria, acho que veria, sim! Mas é arriscado, isso acontece!!! (*triste!*)

176**Venise**- Prontinho? Então? Fez diferença saber do que se trata?

177**Inform.**- Lógico.

178**Venise**- Apesar da tradução ficar relativamente igual, tua leitura é outra?

179**Inform.**- Lógico, lógico!!!

180**Venise**- Posso desligar?

190**Inform.**- Pode.

9- Tradutora Profissional

Primeiro Encontro

1**Venise**- Você vai fazer a tradução... Que que você tá fazendo agora?

2**Inform.**- Primeiramente meus olhos foram diretamente no título, né? Eu não sei se é 3de um livro, um fragmento de um livro, se é um poema.... “**Audacieuse, racée, 4performante. Féminine.**” Então isso é...uma propaganda. Eu quis saber de que tipo de 5texto se tratava. Ai, parece ser uma propaganda talvez, em forma de poema, sei lá. Aí, 6eu vou ler agora, já li aqui

em baixo isso que parece ser as palavras-chaves que 7remetem ao texto, né? Agora eu vou ler o texto. Olhando assim, eu já vi a repetição do 8“*On*”, indeterminado, em francês, mas que pode ser “*nós*”, também. Então me parece 9ser um texto publicitário porque inclui o leitor, né, desse texto. Tem uma garota, com 10aspecto romântico, encostada, um pouco sonhadora. (*Leitura em francês, em voz 11alta.*) Eu acho que é publicidade, uma marca. Tô certa ou não?

12**Venise-** Eu não posso falar nada. A primeira coisa que você fez foi olhar aqui, o 13“título”, né? Te fez falta alguma coisa?

14**Inform.-** Eu ainda tô em dúvida do tipo do texto que é, mas eu acho que é 15propaganda. Fala da mulher, né? Tem que traduzir? Tem que escrever? Ai, meu 16Deus!!! Antes de traduzir eu faço uma leitura como eu fiz na língua, né, em francês, 17depois eu faço um... num texto curto assim, eu faço uma tradução oral pra poder me 18dar conta das dificuldades que eu vou encontrar, pra respeitar a sonoridade, se fosse 19um texto poético, mas esse eu acho que é um texto publicitário. (*leitura traduzindo, 20em voz alta, pensando no que ouve- parou no “racée”*). Esse “*racée*” eu teria que 21procurar no dicionário, de caráter... acho que faltaria um adjetivo, tem que procurar. 22Então eu já fiz uma leitura assim, oralizada.

23**Venise-** Enquanto você procura vamos recapitular. Primeiro você pegou informações 24fora do texto, né? E leu o texto por inteiro.

25**Inform.-** Li o título, vi a imagem, tentei descobrir de que tipo de texto se tratava. Li o 26texto em francês, depois traduzi em português.

27**Venise-** A primeira leitura em francês foi pra tomar conhecimento do texto, do 28assunto? Pra que que foi a primeira leitura?

29**Inform.-** Tomar conhecimento do assunto, sentir o som, os sons que se repetem, tem 30aquela repetição dos “*On*”, tem repetições de adjetivos...são estruturas simples, né? 31Me deu conta da estrutura das frases. É eu acho que uma tradução tem que respeitar, 32não respeitar, mas na medida do possível, esse texto aqui tem, ele tem uma 33construção de frases curtas, tem recorrências, você vê que é sempre sujeito-verbo-34objeto, que são poucas as variações, um indeterminante, um adjetivo, enfim, eu quero 35me dar conta da estrutura do texto na língua de départ, e aí, para eu tentar recriar 36essas estruturas na língua, no português do Brasil, guardando essas estruturas 37frásticas. Eu acho importante, tá?

38**Venise-** Foi isso que você fez nessa leitura em voz alta, em português?

39**Inform.-** É. Aí agora eu escrevo, em princípio é assim. Quando é um texto mais 40longo, eu vou fazendo por parágrafos. Aqui como é um texto curto... Aqui eu tive 41dúvida só em uma palavra, que é “*racée*” porque como em francês tem uma imagem 42da mulher que é traduzida com adjetivos, eu tô querendo achar um adjetivo. Eu 43trabalho com um dicionário que eu não tenho aqui, mas. Aí eu faço assim, eu venho 44aqui e vejo nesse dicionário que é francês-francês, O Petit Robert, vejo o que ele me 45dá como sinônimo em francês, porque através do sinônimo em francês eu posso 46pensar em português, encontrar o equivalente. Se eu fico em dúvida da melhor 47palavra, porque eu sempre busco a melhor tradução, né, aí eu vou nesse dicionário 48que eu tenho português- francês, francês-português, não forçosamente para colocar o 49que está ali dentro, mas pra poder ficar habitada pelo universo semântico da palavra, 50entendeu? Depois pra recolocá-la aqui no contexto do texto. Eu não traduzo 51forçosamente como o dicionário diz. Eu vou ao dicionário pra conhecer o semantismo 52da palavra, é pra isso que eu vou ao dicionário, as eventualidades possíveis... 53Enquanto o tradutor não acha a palavra ele pensa no problema, telefona pros amigos, 54pesquisa o problema, até encontrar a solução. Por exemplo, aqui eu não quero usar a 55palavra raça porque é uma palavra que pra mim, hoje, ela é muito questionada. 56Mesmo em português, você não fala uma pessoa de raça. Você imagina: Eu sou de 57raça. É uma palavra hoje que remete à intolerância, racismo, fechamento de 58fronteiras, então têm palavras que não dá mais pra usar. Acho que nem em francês 59não dá pra usar, eu fiquei até espantada de vê-la ali. Ela me remete a uma propaganda 60conservadora, assim, chovinista, qualquer coisa assim. (*leitura, em francês, do que 61diz o dicionário.*) Eu disse de caráter, né? Você vê que aqui eles passam também pela 62paráfrase. Então quando eu encontrei em francês... é um adjetivo que é difícil de 63encontrar em francês. Eu poderia colocar audaciosa... Mas “*racée*”, não é isso. Eu 64colocaria audaciosa, de caráter, performática. Feminina. Agora que eu peguei a 65caneta, me veio uma outra dúvida. Quando eu traduzi, eu vi que eu eliminei o “nós”, 66mas eu acho que essa insistência aqui, do sujeito, é importante no francês, quer dizer, 67no texto, não só em francês, mas pro texto. Então, talvez, eu tenha que repetir. Deixa 68eu ver como ficaria em português. Ficaria... (*leitura em português, com voz alta, e 69com novas modificações*) “Amadurecemos mais depressa, mais rapidamente...” mais 70depressa, porque é uma palavra menor que rapidamente. Então agora eu vou traduzir. 71Vou ficar em silêncio, tá?

72**Venise-** O que que aconteceu aí?

73**Inform.-** “*On ne fait pas la guerre*”, em português a gente não diz isso, não é 74português... (*pensando*)

75**Venise**- Tem que pensar alto... tá brigando com a guerra, aí?

76**Inform.**- Tô brigando com a guerra!!! (*pensando*)

77**Venise**- O que que você tá fazendo? (*pensando*)

78**Inform.**- Agora eu vou ler. Eu tenho que ler alto, porque pode ter coisas que eu não vou concordar. Por exemplo, eu mantive o “*on*”, o nós porque esse tipo de texto insiste nesse nós coletivo, feminino. Aí eu mantive, mas agora eu vou ver se em português não ficou muito pesado. (*leitura de sua tradução, em português*) “Somos mais maduras”

83**Venise**- Maduras não existe, é madura. Cê tá confundindo com francês.

84**Inform.**- Mas aí, se não existe, vai ficar repetindo, porque aí já tem o amadurecemos em cima. Daí, pra evitar essa repetição... (*leitura em português, voz alta*) “ Nós não fazemos a guerra..’ Aqui eu não estou satisfeita... Eu acho que é “ Nós não gostamos da guerra”.... (*leitura em português, em voz alta*) Ficou assim, agora eu vou reler o texto em francês, e vou ver esse negócio no madura, pra ver se existe... (*leitura em francês, em voz alta, alternando com português.*) “ Nós não aderimos à guerra..., gostamos...” “Somos mais numerosas no mundo... mais tempo....” Bom, voilà! “ Nós não lutamos na guerra”, eu optei por esse, porque “ A gente não faz a guerra” não se fala em português, é uma francisação. Não existe maduro, né? Então pra não repetir “ Nós amadurecemos mais... e nós somos mais maduras...’ Você vê que no francês, você tem a opção, né, eu colocaria “Nós somos menos imaturas” aí eu respeito o “ *mature*”, daqui e não repito a palavra madura. Fica mais rico, eu acho. Retomo a palavra na língua francesa e evita a repetição que empobrece o texto. E eu optei realmente por guardar a repetição do “Nós”, em português, mesmo se eu podia eliminar. E ficou “Nós não lutamos na guerra”. É possível optar por “ Nós não fazemos a guerra”, mas...eu acho que nesse tipo de texto... Agora se eu eliminasse o “nós”... (*leitura em português, sem o nós e depois, com o “nós”*). Pronto, eu acho que tá pronto. Eu faria isso.

Segundo Encontro

102**Venise**- Eu te trouxe o texto, de novo, e trouxe também o original, de onde veio, a fonte, e esse aqui é o texto.

104**Inform.**- Ah!!! É uma publicidade!!! Eu sabia!!!

105**Venise**- Eu quero saber se você faz alguma modificação, com esse contexto novo.

106Lembrando que foi aqui e aqui. (*lendo a página toda, o original*)

107**Inform.**- Não, o texto eu acho que não mudaria, não. Ficaria o mesmo.

108**Venise**- E o que você disse que seria o título... o slogan?

109**Inform.**- Talvez aqui, agora. Como está falando de um carro. Audaciosa, distinta, 110mas eu acho que de caráter fica bom pr'um carro, também. Eu acho que eu poderia 111colocar aqui, distinta. Se bem que essa pessoa que tá aqui, esse modelo, não tem 112distinção. Vou manter caráter, é isso aí. É... é isso.

113**Venise**- Acabou?

114**Inform.**- Acabei.

115**Venise**- Então me diz uma coisa: esse SEAT ALTEA MAJORCA, aqui, é o quê?

116**Inform.**- É a marca do carro, né, não?

117**Venise**- Pois é. É a marca do carro ou é o carro?

118**Inform.**- SITE é a marca, que eu conheço e ALTEA MAJORCA serio o carro, né?

119**Venise**- Então!!! E esses adjetivos aí, como é que eles ficam? Você os mantém no 120feminino?

121**Inform.**- Ah!!! Entra esse problema!!! Audacioso, de caráter, performático. 121Feminino. Acho que muda! Acho que isso aqui passa pro masculino.

123**Venise**- Tá, mas aí, antes, você não mudou e agora que eu falei você pensou no 124assunto. Antes você considerou isso como uma marca só... Porque você tinha 125mantido no feminino?

126**Inform.**- Não sei... Passou despercebido. Desligamento meu, mesmo. Mas talvez, se 127eu tivesse que fazer a propaganda de verdade, eu teria visto. Então eu acho que... 128como o carro em francês é feminino, eu... em português, você teria que fazer a 129concordância com o referente, né, tem que ser no masculino. Audacioso, de 130caráter, performático. Feminino.

131**Venise**- Então me diz, aqui. Muda a leitura? Não a leitura das palavrinhas, mas o
132original muda, né, diante do contexto real?

133**Inform.**- Muda diante do referente. Porque em português carro é masculino, não 134tem
jeito.

135**Venise**- Então, tá. Merci beaucoup.

D – CAPA DA REVISTA

marie claire

ASTRO
ÉDUIRE
UN HOMME
SELON
SON SIGNE

DOULEVRSANT
LE DON
D'ORGANES
CONTRE JUIFS
ET ARABES

**MONTREZ
VOTRE CORPS
SANS
COMPLEXE**

**NOTRES STRATÉGIES BEAUTÉ
NOTRE SHOPPING MODE**

ÉFI
J'AI PASSÉ
UNE SEMAINE
VUE

**MIEUX
DORMIR
POUR
MAIGRIR**
C'EST PROUVÉ

REPORTAGE
**SUR LES
TRACES DES
ENFANTS
ESCLAVES**

**INTERVIEW
EXCLUSIVE**
**LA DERNIÈRE
MAÎTRESSE
DE SAGAN**

Juillet 2008

671 - F. 2,50 €



